

Encontro com a Morte
Agatha Christie

I

"Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes?"

A pergunta flutuou no parado ar noturno, pairou um momento e depois afastou-se, perdeu-se na escuridão, para os lados do mar Morto.

De testa franzida, Poirot deteve-se, com a mão no fecho da janela. Depois fechou-a com um gesto decisivo, a impedir a entrada aos malefícios do ar da noite. A educação que levava convencera-o de que o ar exterior ficava melhor fora de casa e de que o ar noturno era especialmente perigoso para a saúde. Correu o reposteiro da janela, com cuidado, e encaminhou-se para a cama, a sorrir para consigo de modo tolerante.

"Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes?"

Curiosas palavras para o detetive Hercule Poirot ouvir na sua primeira noite em Jerusalém! "Aonde quer que vá, há sempre qualquer coisa a recordar-me a existência do crime!", pensou. Continuou a sorrir, ao lembrar-se de uma história que ouvira uma vez, acerca do romancista Anthony Trollope. Trollope viajava pelo Atlântico, nessa altura, e ouvira dois passageiros a discutir a última parte publicada de um dos seus folhetins.

"Muito bem", disse um dos passageiros, "mas ele devia matar aquela velha maçadora". O romancista sorriu e dirigira-lhes: "Agradeço-lhes muito, cavalheiros. Vou matá-la imediatamente!"

Hercule Poirot perguntou-se o que teria originado as palavras que ele próprio acabara de ouvir. Tratara-se possivelmente de duas pessoas que escreviam uma peça ou um livro de parceria. "Aquelas palavras talvez um dia sejam recordadas com um significado mais sinistro", pensou, sem deixar de sorrir.

Recordou que a voz possuía uma curiosa intensidade nervosa, uma tremura que denunciava qualquer tensão emocional muito intensa. Era uma voz de homem ou de rapaz.

Ao apagar a luz da mesa-de-cabeceira, Poirot pensou, ainda: "Reconheceria aquela voz, se a voltasse a ouvir..."

Com os cotovelos no parapeito e as cabeças unidas, Raymond e Carol Boynton mergulhavam o olhar no abismo azul da noite. Raymond repetiu, nervosamente:

- Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes?

Carol Boynton mudou um pouco de posição e murmurou, em voz rouca e nervosa:

- É horrível!

- Não é mais horrível do que isto!

- Creio que não...

- As coisas não podem continuar assim, não podem! - exclamou Raymond, violentamente. - Temos de fazer qualquer coisa... e eu não vejo outra solução.

- Se nos pudessemos libertar... - disse Carol, mas a sua voz não tinha convicção, e ela sabia-o.

- Não podemos. - O tom de Raymond era vazio e sem esperança. - Sabes que não podemos, Carol.

A rapariga estremeceu.

- Eu sei, Ray... eu sei.

Raymond soltou uma gargalhada curta e amarga.

- As pessoas julgar-nos-iam loucos, se soubessem que não podemos ir-nos pura e simplesmente embora...

- Talvez sejamos loucos - redarguiu Carol, muito devagar.

- Suponho que sim... ou, pelo menos, não tardaremos a sê-lo. Tenho a certeza de que não faltaria quem afirmasse que já o éramos. Eis-nos a planear calmamente, a sangue-frio, a morte da nossa própria mãe!

- Ela não é a nossa mãe! - emendou Carol, ríspida.

- Tens razão. - Seguiu-se uma pausa, finda a qual Raymond perguntou, em voz que se tornara calma e prática:

- Concordas, Carol?

- Sim... penso que ela deve morrer - respondeu a rapariga, sem hesitar. - É louca, tenho a certeza de que é louca! Se o não fosse não nos torturaria como tortura. Há anos que dizemos: Isto não pode continuar! E, contudo, tem continuado. Ela há-de morrer, um dia!, pensávamos. Mas ela não morreu. Suponho até que nunca morrerá, a não ser...

- A não ser que nós a matemos! - concluiu Raymond, com firmeza.

- Sim. - Carol cerrou os punhos, no parapeito da janela, e o irmão continuou, em tom frio e prático, apenas com um leve tremor a denunciar a sua profunda excitação:

- Compreendes por que motivo terá de ser um de nós, não compreendes? No caso de Lennox, temos de ter Nadine em consideração... e não podemos envolver a Jinny no assunto.

- Pobre Jinny! Tenho tanto medo...

- Bem sei. Está a tornar-se grave, não está? É por isso que temos de fazer qualquer coisa depressa, antes que ela perca de todo a razão.

Carol endireitou-se bruscamente e afastou da testa o cabelo castanho rebelde.

- Ray, não crês que seja realmente errado, pois não?

- Não - respondeu o rapaz, no mesmo tom aparentemente desapaixonado. - Creio que é o mesmo que matar um cão raivoso... que afastar algo que está a prejudicar o mundo e tem de ser detido. Só há uma maneira de o deter.

- Mas... mas mandar-nos-ão para a cadeira eléctrica do mesmo modo - gaguejou Carol. - Quero dizer, não poderíamos explicar como ela é. Pareceria tão fantástico! De certo modo, está tudo no nosso espírito.

- Mas ninguém saberá, jamais. Tenho um plano, estudei tudo muito bem. Procederemos com toda a segurança.

Carol voltou-se, de súbito, para o irmão e fitou-o.

- Ray, acho-te diferente, não sei como. Aconteceu-te qualquer coisa! Quem te meteu tudo isso na cabeça?

- Por que teria de me acontecer qualquer coisa? - redarguiu o rapaz, mas olhou para o lado.

- Porque sim! Ray, foi aquela rapariga do comboio?

- Claro que não! Por que pensas semelhante coisa? Não digas tolices, Carol.

Voltemos a... a...

- Ao teu plano? Tens a certeza de que é um bom plano?

- Suponho que sim. Evidentemente que teremos de esperar pela oportunidade conveniente. E depois, se tudo correr bem, estaremos todos livres!

- Livres?

Carol suspirou e olhou para as estrelas. De súbito, uma onda de choro sacudiu-lhe todo o corpo.

- Que tens, Carol?

- A noite, o azul do céu e as estrelas... é tudo tão belo! - exclamou, entre soluços. - Se ao menos pudéssemos partilhar essa beleza, se pudéssemos ser como as outras pessoas em vez de sermos como somos... criaturas estranhas, nevróticas... erradas!

- Mas tudo se recomporá, seremos pessoas normais... quando ela morrer.

- Tens a certeza? Não será já demasiado tarde?

- Não, não!

- Duvido...

- Carol, se preferes não...

A jovem afastou o braço em que ele quis envolvê-la, para a confortar, e respondeu:

- Não, estou contigo... estou definitivamente contigo! Por causa dos outros... sobretudo por causa da Jinny. Temos de a salvar!

- Então... seguiremos para a frente?

- Sim!

- Ótimo. Vou-te explicar o meu plano... - inclinou a cabeça para a dela.

II

Miss Sarah King, bacharel em Medicina, estava junto da mesa da sala do Solomon Hotel, em Jerusalém, a folhear distraidamente jornais e revistas. Tinha o cenho franzido e parecia preocupada.

O francês alto e de meia-idade que entrou na sala, vindo do vestíbulo, observou-a um momento, antes de se dirigir para o lado oposto da mesa. Quando os seus olhos se encontraram, Sarah esboçou um sorriso de reconhecimento.

Recordava-se de que aquele homem a auxiliara quando vinham do Cairo e transportara uma das suas malas.

- Estava a pensar em pedir café - disse o Dr. Gerard. - Quer fazer-me companhia, Miss... ?

- King. Chamo-me Sarah King.

- E eu... com licença - estendeu-lhe um cartão.

Ao ler o nome, os olhos de Sarah dilataram-se num espanto agradável.

- Doutor Theodore Gerard? Oh, mas encanta-me conhecê-lo! Li todas as suas obras, evidentemente. As suas opiniões acerca da esquizofrenia são tremendamente interessantes.

- Leu todas as minhas obras... evidentemente? - O Dr. Gerard arqueou as sobrancelhas, curioso.

- É que também vou ser médica! - explicou Sarah, contente. - Acabo de me bacharelar.

- Ah, compreendo!

O Dr. Gerard pediu o café e sentaram-se a um canto da sala. O francês estava menos interessado nos conhecimentos médicos de Sarah do que no cabelo preto

ondulado, penteado para trás, e na boca vermelha, de lindo desenho. Divertia-o o ar de visível respeito com que ela o olhava.

- Demora-se por cá muito tempo? - perguntou-lhe.

- Alguns dias. Depois quero ir a Petra.

- Tem graça, mas também tenho vontade de lá ir, se não fosse muito demorado.

Preciso de estar em Paris no dia catorze.

- Suponho que leva cerca de uma semana. Dois dias lá, dois dias de permanência e dois dias para cá.

- Esta manhã irei à agência de viagens ver o que se pode arranjar.

Entrou na sala um grupo de pessoas, que se sentaram. Sarah olhou-as com um certo interesse e baixou a voz:

- Reparou nas pessoas que entraram e que viajaram no mesmo comboio em que viajamos? Partiram do Cairo quando nós.

O Dr. Gerard ajustou um monóculo e olhou na direcção indicada.

- Americanos?

- Sim, é uma família americana. Mas... muito estranha, creio.

- Estranha? Em que sentido?

- Olhe para eles. Sobretudo para a mulher de idade.

O Dr. Gerard fez-lhe a vontade. Reparou primeiro num homem alto e desengonçado, que deveria ter cerca de 30 anos. O rosto era agradável, mas denotava fraqueza e a sua atitude parecia estranhamente apática. Havia também dois jovens interessantes, um dos quais, o rapaz, tinha uma cabeça quase grega. "Mas passa-se também qualquer coisa com ele", pensou o Dr. Gerard. "Sim, nota-se um estado inequívoco de tensão nervosa". A rapariga era, sem dúvida, sua irmã, pois as semelhanças não enganavam, e também denotava nervosismo.

Havia ainda outra rapariga mais nova, com uma cabeleira ruiva-dourada que lembrava uma auréola e cujas mãos puxavam nervosamente o lenço que tinha no colo, e uma mulher jovem, calma, de cabelo escuro, tez branca e rosto plácido, que lembrava uma *madonna de Luini*. Essa, pelo menos, não demonstrava qualquer nervosismo. E o centro do grupo... "Céus!", pensou o Dr. Gerard com a franca repugnância de um francês. "Que pavor de mulher!" Velha, inchada, quase a rebentar, parecia um velho Buda desfigurado, uma enorme aranha no centro de uma teia.

- *La Maman* não é bonita, pois não? - disse a Sarah e encolheu os ombros. - Há nela algo de... sinistro, não acha?

O Dr. Gerard voltou a observá-la, desta vez com um interesse profissional e não estético.

- Hidrópica... cardíaca... - e acrescentou outra frase médica.

- Ah, sim! - Sarah não ligou importância ao aspecto médico. - Mas não nota algo de estranho na atitude deles para com ela?

- Sabe quem são?

- Chamam-se Boynton. Mãe, filho casado, a mulher deste, outro filho mais novo e duas filhas.

- *La famille* Boynton anda a ver mundo.

- Pois sim, mas há qualquer coisa estranha no modo como o vê. Nunca falam com ninguém e nenhum deles faz nada sem ordem dela.

- Pertence ao tipo patriarcal.

- Creio que é uma perfeita tirana.

O Dr. Gerard encolheu os ombros e observou ser fato bem conhecido que a mulher americana dominava na terra.

- Pois sim, mas neste caso é mais do que isso. - insistiu Sarah. - Ela é... enfim, domina-os de tal maneira, tem-nos tão positivamente debaixo do calcanhar que é... é indecente!

- É mau para as mulheres possuírem demasiado poder - concordou o médico, com súbita gravidade, a abanar a cabeça.

Olhou Sarah de soslaio e verificou que ela estava a observar a família Boynton - ou melhor, um membro específico da família. Esboçou um sorriso compreensivo e perguntou, a tentar tirar nabos da púcara:

- Falou com eles?

- Sim... pelo menos com um deles.

- Com o filho mais novo?

- Sim. No comboio, quando vínhamos para cá. Ele estava de pé, no corredor, e eu falei-lhe.

Não havia nenhum constrangimento na atitude de Sarah nem na maneira como encarava a vida. Interessava-se pelas pessoas como seres humanos e tinha uma disposição cordial, embora impaciente.

- Que motivo a levou a falar com ele?

- Porque não? - perguntou, com um encolher de ombros. - Falo muitas vezes com as pessoas, quando viajo. Interessam-me, interessa-me o que fazem, pensam e sentem.

- Quer dizer, observa-as ao microscópio.

- Talvez tenha razão - admitiu a jovem.

- E qual foi a sua impressão, neste caso?

- Bem... - Sarah hesitou. - E estranho, sabe, mas o rapaz começou por corar até à raiz dos cabelos.

- E isso é assim tão extraordinário?

Sarah deu uma gargalhada.

- O que quer dizer é que me tomou por uma desavergonhada que me estava a atirar a ele, hem? Mas não, não creio que tivesse pensado isso. Os homens percebem sempre, não percebem?

Envolveu-o num franco olhar interrogador e o médico acenou com a cabeça.

- Tive a impressão de que ele ficou... como dizer? Simultaneamente emocionado e aterrorizado. Desproporcionadamente emocionado e apreensivo de um modo absurdo. Ora isso é estranho, pois os Americanos pareceram-me sempre seguros de si. Um americano de vinte anos, por exemplo, tem muito mais conhecimento do mundo e muito mais *savoir faire* do que um inglês da mesma idade. E aquele rapaz deve ter mais de vinte anos.

- Sim, deve andar pelos vinte e três ou vinte e quatro.

- Tanto?

- Suponho que sim.

- Talvez tenha razão... No entanto, não sei por que, parece tão jovem...

- Desajustamento mental. O fator "infantil" persiste.

- Então sempre tenho razão? Quero dizer, há nele algo que não é completamente normal?

O Dr. Gerard encolheu os ombros e sorriu do seu interesse.

- Minha querida jovem, algum de nós será completamente normal? Admito, no entanto, que neste caso haverá provavelmente qualquer tipo de neurose.

- Relacionada com aquela velha horrível, sem dúvida!

- Parece antipatizar muito com ela.

- E antipatizo. Tem... tem um olhar malévol.

- Acontece o mesmo a muitas mães quando os seus filhos se sentem atraídos por jovens fascinantes.

Sarah teve um gesto de impaciência. Os Franceses eram todos iguais, viviam obcecados pelo sexo! No entanto, como psicóloga consciente, ela própria era forçada a admitir a existência de uma base sexual na maioria dos fenômenos.

Raymond Boynton começou a atravessar a sala, direito à mesa, e Sarah despertou do seu devaneio com um estremecimento. O rapaz escolheu uma revista e, quando passava pela cadeira dela, no regresso, a jovem olhou-o e perguntou-lhe:

- Andou a admirar as atrações turísticas? - Escolheu as palavras ao acaso, pois o seu verdadeiro interesse era ver como seriam recebidas.

Raymond hesitou, corou, encolheu-se como um cavalo nervoso e olhou, apreensivo, para o centro do grupo formado pela sua família.

- Eu... eu... sim, com certeza - gaguejou. - Eu...

Depois, como se o esporeassem, voltou apressadamente para junto dos seus, de revista estendida.

O grotesco Buda estendeu a mão sapuda para a aceitar e o Dr. Gerard reparou que os seus olhos perscrutavam o rosto do rapaz. Proferiu um resmungo, que por certo não era um agradecimento, e modificou ligeiramente a posição da cabeça, para poder ver Sarah. O seu rosto, porém, manteve-se impassível.

Sarah consultou o relógio e sobressaltou-se:

- Oh, é muito mais tarde do que supunha! - exclamou, ao mesmo tempo que se levantava. - Muito obrigada pelo café, doutor Gerard. Agora tenho de ir escrever umas cartas.

- Espero que nos voltaremos a encontrar.

- Sem dúvida! Talvez se resolva a ir a Petra.

- Pelo menos tentarei, com certeza.

Sarah sorriu-lhe e deixou-o. Para sair da sala tinha de passar pela família Boynton.

Atento, o médico francês viu o olhar de Mrs. Boynton fixar-se de novo no rosto do filho, cujos olhos a fitaram. Quando Sarah passou, Raymond Boynton virou um pouco a cabeça para o lado contrário, num movimento lento e contrafeito que deu a impressão de que a velha Mrs. Boynton puxara um cordelinho invisível.

Sarah King notou o movimento da cabeça do rapaz e, como era jovem e humana, sentiu-se magoada. Tinham conversado tão amigavelmente, no corredor do wagon-lit! Tinha trocado impressões acerca do Egipto e rido da língua ridícula dos rapazes dos burros e dos vendedores ambulantes. O rapaz parecera um estudante simpático e entusiástico, embora houvesse, talvez, algo de quase patético no seu entusiasmo. E agora, sem nenhum motivo, mostrava-se tímido, acanhado, positivamente grosseiro!

“Não me preocuparei mais com ele”, decidiu Sarah, indignada, pois apesar de não ser exageradamente vaidosa tinha uma boa opinião da sua pessoa. Sabia que exercia atracção no sexto oposto e não tolerava que a desdenhassem.

Talvez se tivesse mostrado demasiado cordial com aquele rapaz porque, por qualquer motivo obscuro, tivera pena dele. Mas agora tornava-se-lhe evidente que não passava de um jovem americano empertigado e grosseiro.

Em vez de escrever as cartas que dissera precisar de escrever, Sarah sentou-se diante do toucador a escovar o cabelo, a observar os olhos castanhos, perturbados, e a avaliar a sua situação na vida.

Acabava de passar por uma difícil crise emocional: um mês antes, quebrara o noivado com um jovem médico quatro anos mais velho do que ela. Apesar de se sentirem muito atraídos um pelo outro, possuíam temperamentos muito semelhantes e os desacordos e as brigas não tinham faltado. Sarah tinha um feitio muito imperioso, que não lhe permitia tolerar uma calma manifestação de autocracia.

Como a maioria das mulheres temperamentais, estava convencida de que admirava a força e sempre afirmara a si própria que desejava ser dominada, mas quando encontrara um homem capaz de a dominar verificara que, afinal, não lhe agradava nada. Custara-lhe muito romper o noivado, mas possuía lucidez suficiente para compreender que a simples atracção mútua não chegava. Resolvera, por isso, oferecer a si própria umas interessantes férias no estrangeiro, para tentar esquecer, antes de regressar e começar a trabalhar a sério.

Os seus pensamentos saltaram do passado para o presente: “O doutor Gerard deixar-me-á falar-lhe acerca do seu trabalho? Tem feito coisas maravilhosas! Se ao menos me tomasse a sério!... Talvez, se for a Petra...”

Depois pensou de novo no estranho e rude jovem americano. Tinha a certeza de que fora a presença da família que o levava a reagir de modo tão singular, mas isso não a impedia de sentir por ele um certo desdém. Era ridículo, sobretudo num homem, estar de tal modo subordinado à família!

E, no entanto, o rapaz inspirava-lhe um sentimento confuso. Havia algo estranho em tudo aquilo... Sem dar por isso, exclamou, em voz alta:

- O moço precisa de ser salvo... e eu tratarei disso!

III

Depois de Sarah sair, o Dr. Gerard deixou-se ficar onde estava alguns minutos. Por fim, foi à mesa das revistas, pegou no último número de *Le Matin* e sentou-se numa cadeira a poucos metros da família Boynton. A sua curiosidade fora despertada.

Ao princípio, sentira-se divertido com o interesse da jovem inglesa pela família americana e atribuíra-o a simpatia por determinado membro dessa família. Mas agora ele próprio notava algo de anormal, algo que despertava nele o interesse mais profundo e mais imparcial do cientista.

Observou-os discretamente, a coberto do jornal. Começou pelo rapaz por quem a atraente inglesa se mostrara tão interessada. Sim, pertencia, sem dúvida, ao tipo capaz de a atrair, temperamentalmente. Sarah King possuía força, nervos equilibrados, inteligência fria e vontade resoluta. Em contrapartida, o jovem parecia sensitivo, inteligente, tímido e intensamente sugestionável.

O seu olhar de médico permitiu-lhe discernir que, naquele momento, o rapaz se encontrava numa grande tensão nervosa. O Dr. Gerard sentiu-se intrigado. Por que motivo se encontraria em tal estado, positivamente à beira do colapso nervoso, um

homem novo cuja saúde física era aparente e que andava pelo estrangeiro, sem dúvida em viagem de recreio?

O médico dedicou a sua atenção aos outros membros do grupo. A rapariga do cabelo castanho era, indubitavelmente, irmã de Raymond. Pertenciam ao mesmo tipo racial: pequena ossatura, perfeição de linhas e aspecto aristocrático. Tinham as mesmas mãos esguias e bem feitas, o mesmo queixo bem desenhado e o mesmo porte de cabeça no pescoço comprido e magro. A jovem também denotava nervosismo: fazia pequenos movimentos involuntários, tinha olheiras vincadas e olhos muito brilhantes e falava de modo muito rápido e quase ofegante. Estava sempre vigilante, alerta, incapaz de se descontraír. “E também tem medo”, pensou o Dr. Gerard. “Sim, tem medo!” Ouviu fragmentos de uma conversa banal:

“Podíamos ir aos Estábulos de Salomão”. “Não seria extenuante para a mãe?” “O Muro das Lamentações, de manhã?” “O Templo, evidentemente. Chamam-lhe Mesquita de Omar, não sei porquê”. “Porque foi transformado numa mesquita muçulmana, Lennox”.

Simple e vulgar conversa de turistas. E, contudo, sem saber explicar porquê, o Dr. Gerard tinha a estranha convicção de que os fragmentos de diálogo ouvidos eram todos singularmente irreais, constituíam uma máscara, um disfarce para algo que fluía e refluía abaixo da superfície - algo tão profundo e tão informe que não se poderia exprimir por palavras. Deitou-lhes um novo olhar disfarçado, a coberto do jornal.

Lennox? Era o irmão mais velho. Notava-se o mesmo ar de família, mas havia uma diferença: Lennox não parecia tão tenso, possuía um temperamento menos nervoso. No entanto, também havia nele qualquer coisa estranha. Não denotava a tensão muscular dos outros dois, pois estava sentado descontraidamente, de modo quase flácido.

Ao passar em revista doentes que vira assim sentados, nas enfermarias dos hospitais, o Dr. Gerard deu consigo a pensar: “Ele está exausto... sim, está exausto de sofrimento. Aquela expressão do olhar, semelhante à que vemos num cão ferido ou num cavalo doente, aquele ar de resignação entorpecida e animal... É, de facto, estranho. Fisicamente, parece não ter nada, no entanto é evidente que nos últimos tempos sofreu muito, sofreu mentalmente. Agora já não sofre; está resignado, espera, apático, talvez o desfechar do golpe... Mas de que golpe? Estarei a imaginar tudo isto? Não, o homem espera, de facto, qualquer coisa, espera o fim...”

Lennox Boynton levantou-se e apanhou um novelo de lã que a velha deixara cair.

- Tome, mãe.

- Obrigada.

Que tricotaria aquela velha monumental e impassível? Parecia qualquer coisa grossa e ordinária... “Mitenes para os habitantes de um asilo ou de uma prisão!”, pensou Gerard e sorriu da sua fantasia. Desviou a atenção para a componente mais jovem do grupo, a rapariga do cabelo ruivo-dourado. Teria, talvez, 17 anos e a bela tez clara que geralmente acompanha os cabelos ruivos.

Embora o seu rosto fosse demasiado magro, era bonito. Estava sentada, a sorrir para o vácuo. Havia naquele sorriso algo de muito estranho, tão longe parecia estar do Salomon Hotel e de Jerusalém... Recordava ao Dr. Gerard o sorriso exótico e sobrenatural das virgens da Acrópole de Atenas, era distante, encantador e um pouco desumano...

De súbito, estupefacto, o Dr. Gerard reparou nas suas mãos. A mesa ocultava-as do grupo que a rodeava, mas o médico via-as perfeitamente, donde estava: rasgavam o lenço em tiras fininhas.

Foi um tremendo choque para ele. O sorriso distante e vago, o corpo imóvel e as mãos atarefadas a destruir...

IV

Ouviu-se uma tosse lenta, asmática, sufocante, e depois a velha monstruosa observou, sem deixar de tricotar:

- Estás cansada, Ginevra, é melhor ires para a cama.

A jovem estremeceu e os seus dedos interromperam o rasgar maquinal.

- Não estou cansada, mãe.

Gerard apreciou a musicalidade da sua voz, o doce tom vibrante que empresta encantamento às frases mais banais.

- Estás, sim. Eu sei sempre quando estás cansada. Não creio que amanhã estejas em condições de visitar os pontos turísticos.

- Oh, estarei, sim! Sinto-me bem.

Em voz áspera, quase rouca, a mãe redarguiu-lhe:

- Não. Estarás doente.

- Não estarei nada! - A jovem começou a tremer violentamente.

- Subo contigo, Jinny - disse uma voz suave e calma.

A mulher de rosto sereno, grandes olhos cinzentos pensativos e cabelo escuro bem penteado, levantou-se do seu lugar.

- Não - declarou a velha Mrs. Boynton. - Deixa-a subir sozinha.

Quero que a Nadine vá comigo!

- Nesse caso, irei. - A jovem mulher deu um passo em frente.

- A garota prefere ir sozinha - insistiu a velha. - Não preferes, Jinny?

Seguiu-se uma pausa, finda a qual Ginevra Boynton respondeu, em voz que se tornara apagada e monótona:

- Sim... prefiro ir sozinha. Obrigada, Nadine. - E afastou-se.

O Dr. Gerard baixou o jornal e observou, demoradamente. A velha Mrs. Boynton seguia a filha com o olhar e o seu rosto gordo estava franzido num sorriso peculiar, numa espécie de caricatura do sorriso encantador e estranho que transformara pouco antes o rosto da jovem. Depois a criatura virou a cara para Nadine, que se voltara a sentar. Os olhos das duas mulheres encontraram-se. O da mais nova mantinha-se imperturbável; o da outra exprimia maldade.

“Que velha e absurda tirana!”, pensou o Dr. Gerard. De súbito, porém, reparou que a hedionda criatura o observava e conteve vivamente a respiração. Aqueles olhos pequenos, pretos e mortiços irradiavam uma força inequívoca, uma onda de maldade. O Dr. Gerard sabia alguma coisa acerca do poder da personalidade e, por isso, compreendeu que não estava perante uma simples doente que a enfermidade tornara autoritária e caprichosa. Aquela velha era uma força, a malignidade do seu olhar produzia efeito semelhante ao de uma cobra.

Mrs. Boynton podia ser velha e estar muito doente, mas era uma mulher que conhecia o significado do poder, que o exercera durante toda a sua vida e que nunca duvidara da sua própria força.

Dr. Gerard conhecera, em tempos, uma mulher que desempenhava um número muito perigoso e espectacular com tigres. As possantes feras rastejavam para os seus lugares e faziam as suas degradantes e humilhantes habilidades. Os seus olhos e os seus rugidos abafados exprimiam o seu ódio profundo, fanático, mas isso não os impedia de se rebaixarem e obedecer. A mulher que os dominava assim era uma jovem de arrogante beleza morena, uma criatura que possuía um olhar semelhante ao de Mrs. Boynton.

“Uma domadora!”, pensou o médico, e compreendeu finalmente o não-sei-quê que pressentira sob a aparente naturalidade da conversa familiar que escutara: ódio, uma fonte inesgotável e tumultuosa de ódio.

A maioria das pessoas julgar-me-ia fantasioso e absurdo, se lhes contasse isto”, pensou. “Encontro uma vulgar e dedicada família americana, a viajar pela Palestina, e envolvo-a numa história de autêntica magia negra! “

Depois observou com interesse a jovem serena chamada Nadine, que tinha uma aliança de casamento na mão esquerda. Viu-a lançar um olhar rápido e revelador ao louro e apático Lennox e compreendeu que eram marido e mulher. Mas o olhar que ela lhe lançou foi mais de mãe do que de esposa, foi um genuíno olhar maternal, protector e preocupado. E compreendeu, também, outra coisa: naquele grupo, Nadine Boynton era a única a não ser influenciada pela força maligna irradiada pela sogra. Poderia não gostar dela, mas não a temia, o seu poder não a impressionava. Sentia-se infeliz e muito preocupada com o marido, mas era livre.

“Tudo isto é muito interessante”, disse para consigo o Dr. Gerard.

Naquela atmosfera de sinistras especulações e tensão emocional soprou, de súbito, uma aragem de bom senso, que teve um efeito quase burlesco.

Entrou um homem que, ao ver os Boynton, foi direito a eles. Era um americano simpático, de meia-idade e tipo absolutamente convencional. Vestia bem, tinha uma cara comprida e escanhoad e uma voz lenta, agradável e um pouco monótona.

- Andava à procura de vocês - declarou, ao mesmo tempo que apertava meticulosamente a mão a toda a família. - Como se sente, Mistress Boynton? Espero que a viagem não a tenha fatigado muito?

A velha respondeu, em tom quase amável:

- Não, obrigada. A minha saúde nunca é boa, como sabe...

- Infelizmente, infelizmente...

- Mas não me sinto pior. - E Mrs. Boynton acrescentou, com um sorriso lento e reptiliano: - A Nadine trata bem de mim... Não é verdade, Nadine?

- Faço o possível - respondeu a outra, em voz inexpressiva.

- Não duvido! - exclamou o recém-chegado, em tom entusiástico. - Então, Lennox, que pensa da cidade do rei David?

- Oh, não sei! - respondeu o outro, desinteressado.

- Acha-a um pouco decepcionante, não? Confesso que, ao princípio, foi essa a impressão que me causou. Mas talvez ainda não tenham tido tempo de ver muitas coisas...

- Não podemos ver muito, por causa da mãe. - explicou Carol Boynton.

- Não suporto mais de duas horas por dia de passeios - disse Mrs. Boynton.

- Acho maravilhoso que consiga fazer tanto quanto faz! - afirmou o desconhecido, sinceramente.

Mrs. Boynton soltou uma gargalhada rouca e velhaca.

- Não faço a vontade ao corpo, o espírito é que importa! Sim, é o espírito...

Gerard viu Raymond Boynton tentar reprimir um estremeamento nervoso.

- Já foi ao Muro das Lamentações, Mister Cope?

- Já, foi uma das primeiras coisas que visitei. Espero ter corrido Jerusalém de ponta a ponta daqui a mais dois dias e encarreguei a Cook de me elaborar um itinerário para visitar toda a Terra Santa: Belém, Nazaré, Tiberíades, o mar da Galileia... Creio que será muito interessante. Também estou com vontade de visitar Jerash, onde há algumas interessantes ruínas romanas... e gostaria muito de ver Petra, a Cidade Vermelha, um fenômeno natural extraordinário. Mas levaria pelo menos uma semana para ir e voltar e ver tudo convenientemente.

- Gostaria muito de ir - afirmou Carol. - Parece maravilhoso.

- Sim, acho que vale a pena ver. - Mr. Cope calou-se, lançou um olhar duvidoso a Mrs. Boynton e depois prosseguiu, em voz que ao francês pareceu muito hesitante: - Poderei persuadir alguns de vocês a acompanhar-me? Sei que a senhora não poderia ir, Mistress Boynton, e que, naturalmente, alguns dos seus familiares desejariam ficar consigo, mas se dividissem as forças, como se costuma dizer...

Gerard ouviu o entrecocar ritmado das agulhas de Mrs. Boynton, antes de ela responder:

- Não creio que nos desejássemos separar. Somos um grupo muito unido. -

Levantou a cabeça e perguntou: - Que dizem vocês?

As respostas foram imediatas e unânimes:

- Não, mãe.

- Oh, não!

- Claro que não.

Mrs. Boynton esboçou, de novo, o seu estranho sorriso.

- Como vê, não me querem deixar. E tu, Nadine? Não disseste nada.

- Não, mãe, obrigada. A não ser que Lennox esteja interessado.

Mrs. Boynton virou a cabeça para o filho.

- Então, Lennox? Porque não vais com a Nadine? Ela parece ter vontade de ir.

O interpelado estremeceu e levantou a cabeça.

- Eu... bem, não. Acho melhor permanecermos todos juntos.

- Não há dúvida de que formam uma família unida! - exclamou Mr. Cope com uma alegria que soou a falso.

- Não nos damos... - Começou a enrolar o novelo de lã. - A propósito, Raymond, quem era aquela jovem que falou contigo, há pouco?

Raymond estremeceu nervosamente, corou e depois empalideceu.

- Não... não sei como se chama. Vinha... vinha no comboio, na outra noite.

Mrs. Boynton tentou levantar-se, devagar, enquanto observava:

- Espero que não tenhamos muito a ver com ela.

Nadine levantou-se e ajudou a velha a erguer-se com uma eficiência profissional que não passou despercebida a Gerard.

- São horas de dormir. Boas noites, Mister Cope.

- Boas noites, Mistress Boynton. Boas noites, Mistress Lennox.

Partiram, a formar um pequeno cortejo. Não pareceu ocorrer, sequer, a nenhum dos membros mais jovens da família deixar-se ficar. Mr. Cope seguiu-os, com uma expressão intrigada.

Como o Dr. Gerard sabia por experiência, os Americanos têm tendência para travar amizade sem grandes cerimônias, sem a constrangedora desconfiança do Inglês em viagem. Com o seu tacto, o Dr. Gerard não teve dificuldade em travar conhecimento com Mr. Cope. O americano estava só e apetecia-lhe companhia...

Os cartões de visita do médico entraram de novo em acção.

Ao ler o nome, Mr. Jefferson Cope mostrou-se devidamente impressionado.

- Doutor Gerard? Esteve nos Estados Unidos há pouco tempo, não esteve?

- No Outono passado. Discurssei em Harvard.

- Lembro-me perfeitamente. O seu nome é um dos mais distintos da sua profissão e, em Paris, está à cabeça da lista, na sua especialidade.

- Meu caro, está a ser excessivamente amável. Protesto!

- De modo nenhum! É uma grande honra para mim conhecê-lo. Por coincidência, neste momento encontram-se diversas pessoas famosas em Jerusalém. O doutor; Lorde Welldon; Sir Gabriel Steinbaum, o financeiro; Sir Manders Stone, o veterano arqueólogo inglês; Lady Westholme, uma senhora muito proeminente na política britânica, e o famoso detective belga, Hercule Poirot.

- O pequeno Hercule Poirot está cá?

- Li no jornal da terra que chegara havia pouco. Parece que veio toda a gente parar ao Solomon Hotel... que por sinal é excelente.

Mr. Cope estava visivelmente encantado e o Dr. Gerard era um homem que sabia ser encantador, quando queria. A breve trecho tinham-se mudado os dois para o bar.

Depois de tomarem duas bebidas, o médico perguntou-lhe:

- Diga-me, era uma típica família americana, aquela com quem esteve a falar?

Jefferson Cope sorveu pensativamente o seu uísqui, antes de responder:

- Bem, não diria que se trata exactamente de uma família americana típica...

- Não? Pelo menos é uma família muito dedicada.

- Quer dizer que parecem girar todos à volta da velha senhora, não é? Sem dúvida... É uma senhora deveras extraordinária.

- Sim?

Mr. Cope precisava de pouquíssimo encorajamento para falar...

- Não me importo de lhe confessar, doutor Gerard, que tenho pensado muito naquela família, ultimamente. Se me permite, creio que me aliviaria conversar consigo a esse respeito. Não o enfadaria?

O Dr. Gerard apressou-se a dizer que não e Mr. Jefferson Cope prosseguiu, com uma expressão de perplexidade a toldar-lhe o rosto simpático:

- Confesso-lhe desde já que estou um pouco preocupado. Mistress Boynton é uma velha amiga... isto é, a Mistress Boynton mais jovem.

- Ah, sim, aquela encantadora senhora de cabelo escuro!

- Exactamente. Nadine, Nadine Boynton. Conheci-a antes de se casar e sei que possui um excelente carácter. Trabalhava num hospital, como enfermeira, depois foi passar umas férias com os Boynton e casou com Lennox...

- Sim?

Mr. Jefferson Cope bebeu outro gole de uísqui.

- Gostaria de lhe contar um pouco da história da família Boynton.

- Teria muito interesse em ouvir.

- O falecido Elmer Boynton, homem muito conhecido e uma pessoa encantadora, casou duas vezes. A sua primeira mulher morreu quando Carol e Raymond eram

pequenos. Pelo que me consta, a segunda Mistress Boynton era uma mulher muito atraente, embora já não muito nova, quando ele a desposou. A quem a vê, agora, custa a crer que tenha podido ser atraente, mas assim mo têm afirmado pessoas dignas de todo o crédito. Fosse como fosse, o marido tinha-a em alta conta e aceitava o seu critério acerca de quase tudo. Esteve vários anos incapacitado antes de morrer, e foi ela, praticamente, quem criou os filhos e governou a família. É uma mulher muito competente, com boa cabeça para os negócios e, também, muito conscienciosa. Quando Elmer morreu, dedicou-se inteiramente aos filhos. Uma também é filha dela, Ginevra, uma ruivazinha bonita, mas um pouco fraca. Como dizia, Mistress Boynton dedicou-se por completo à família e isolou-se totalmente do mundo. Não sei qual é a sua opinião, doutor Gerard, mas não creio que semelhante procedimento seja muito sensato.

- Concordo consigo. É, pelo contrário, muito prejudicial às mentalidades em desenvolvimento.

- Exactamente. Mistress Boynton protegeu de tal modo os garotos que nunca lhes permitiu ter contactos com o exterior. Daí resultou terem crescido... enfim, nervosos. São acanhados, incapazes de estabelecer amizade com desconhecidos... Isso é mau.

- É muito mau.

- Não tenho dúvidas de que as intenções de Mistress Boynton eram boas, mas excedeu-se, exagerou.

- Vivem todos em casa?

- Vivem.

- Nenhum dos filhos trabalha?

- Oh, não! Elmer Boynton era rico. Deixou toda a sua fortuna a Mistress Boynton, enquanto ela vivesse, mas na condição de se destinar à manutenção da família.

- Portanto, eles dependem todos dela, financeiramente?

- É verdade. E ela tem-nos encorajado a viver em casa, em vez de saírem e procurarem empregos. Talvez isso não tenha importância, pois o dinheiro chega e sobra... Não precisam de emprego, embora eu creia que, pelo menos para o sexo masculino, o trabalho é uma espécie de tônico. Mas há ainda outra coisa: nenhum deles tem qualquer passatempo. Não jogam golfe, não vão a bailes nem a outros lados onde se reúnem jovens... Vivem num enorme casarão, na província, a quilômetros de distância de tudo. Confesso-lhe, doutor Gerard, que não me parece certo.

- Concordo consigo.

- Nenhum deles tem o mínimo sentido da vida social, falta-lhes o espírito de comunidade. Podem ser uma família muito dedicada, mas vivem fechados em si mesmos.

- Nunca nenhum deles ou delas pensou em singrar sozinho?

- Que eu saiba, não. Limitam-se a cruzar os braços.

- Atribui as culpas disso a eles ou a Mistress Boynton?

Jefferson Cope mudou nervosamente de posição.

- Bem, creio que ela é mais ou menos responsável, pois não os criou como deveria. No entanto, quando um jovem atinge a maturidade, depende dele espernear e seguir o seu próprio caminho, é natural que escolha a independência.

- Talvez isso seja impossível... - observou o médico, pensativo.

- Impossível porquê?

- Há maneiras de impedir uma árvore de crescer, Mister Cope.

- Mas eles são saudáveis, doutor Gerard!
- O espírito, tal como o corpo, pode ser anão ou enfezado.
- Mas eles também são inteligentes!

O Dr. Gerard suspirou e Cope prosseguiu:

- Não, doutor Gerard, um homem tem a direcção do seu destino nas suas próprias mãos. Um homem que se respeita, abre caminho sozinho e tira partido da sua vida, não fica a um canto a torcer os polegares. Nenhuma mulher devia respeitar um indivíduo que procede assim.

O francês olhou-o com curiosidade e perguntou-lhe:

- Suponho que se refere, em particular, a Mister Lennox Boynton?

- Sim, era em Lennox que pensava. Raymond ainda é um rapaz, mas Lennox já tem 30 anos. E tempo de mostrar de que é feito.

- Deve ser uma vida difícil para a mulher?

- Claro que é uma vida difícil para ela! Nadine é uma excelente rapariga, que eu admiro muitíssimo. Nunca se queixou, mas não é feliz, doutor Gerard! É tão infeliz quanto pode ser.

- Sim, creio que é muito possível - admitiu o médico, a acenar com a cabeça.

- Não sei o que pensa a tal respeito, doutor Gerard, mas eu penso que existe um limite para o que uma mulher deve suportar! Se estivesse no lugar de Nadine, poria os pontos nos "is" a Lennox: ou mostrava o que valia ou...

- Ou, na sua opinião, ela deveria deixá-lo?

- Ela tem a sua própria vida para viver, doutor Gerard. Se Lennox não a aprecia como ela merece, há outros homens que a saberão apreciar.

- Como... o senhor, por exemplo?

O americano corou, mas depois fitou o interlocutor com uma dignidade simples.

- Exactamente - respondeu. - Não me envergonho dos meus sentimentos por essa senhora. Respeito-a e quero-lhe profundamente, mas só desejo a sua felicidade. Se ela fosse feliz com Lennox, afastar-me-ia, sairia de cena.

- Mas assim...?

- Assim, fico. Se ela precisar de mim, encontrar-me-á!

- É, de facto, o perfeito nobre cavaleiro...

- Como?

- Meu caro, hoje em dia, o cavalheirismo só existe na nação americana. Ao senhor basta-lhe servir a sua dama sem esperança de recompensa, o que é muito admirável! Que espera, ao certo, poder fazer por ela?

- A minha intenção é estar perto, se ela precisar de mim.

- E, se me permite, qual é a atitude da velha Mistress Boynton a seu respeito?

- Nunca tenho a certeza de nada, quando se trata dessa senhora - admitiu Cope, devagar. - Como já lhe disse, ela não gosta de contactos com o exterior. Mas comigo tem sido diferente, é sempre amável e trata-me como se fosse da família.

- Por outras palavras, aprova a sua amizade por Mistress Lennox?

- Aprova.

- Não acha isso um pouco estranho?

- Permita que lhe garanta, doutor Gerard, que não há nada de desonroso em tal amizade - declarou Jefferson Cope, em tom muito frio. - É puramente platónica.

- Meu caro, tenho a certeza absoluta disso. Repito, no entanto, que é curioso o facto de Mistress Boynton encorajar essa amizade. Sabe, Mister Cope, Mistress Boynton interessa-me... interessa-me muito.

- É uma mulher extraordinária, com grande força de carácter e uma personalidade vincada. Elmer Boynton depositava grande fé no seu critério.

- Tanta, que deixou os filhos inteiramente à sua mercê, no capítulo financeiro. No meu país, Mister Cope, a lei não permite fazer tal coisa.

- Na América acreditamos muito na liberdade absoluta - declarou Mr. Cope, e levantou-se.

O médico levantou-se também, nada impressionado com a observação. Já a ouvira antes, a pessoas de diversas nacionalidades. O Dr. Gerard sabia que nenhuma raça, nenhum país e nenhum indivíduo podia ser considerado livre, mas sabia igualmente existirem diferentes graus de sujeição.

Foi para a cama pensativo e interessado.

V

Sarah King estava parada no recinto do Templo, o Haram-esh-Sherif, de costas para a Cúpula do Rochedo. Chegava-lhe aos ouvidos o murmúrio de fontes, enquanto vários grupos de turistas passavam sem perturbar a paz da atmosfera oriental.

Era estranho, pensou Sarah, que um jebuseu tivesse feito daquele cume rochoso uma eira e que David a adquirisse por 600 ciclos de prata e nela erguesse um altar. E agora ouviam-se ali as línguas de turistas de todas as nações... Voltou-se, admirou a mesquita que cobria agora o altar e pensou se o templo de Salomão se lhe teria comparado em beleza.

Ouviu passos e viu um pequeno grupo sair da mesquita. Eram os Boynton acompanhados por um dragomano tagarela. Lennox e Raymond amparavam Mrs. Boynton, Nadine e Mr. Cope vinham atrás e Carol fechava a marcha. Ao afastarem-se, a jovem reparou em Sarah, hesitou e, num impulso súbito, voltou a correr para trás.

- Desculpe - murmurou, ofegante. - Tenho de... acho que lhe devo falar.

- Sim?

Carol tremia violentamente e estava muito pálida.

- É por causa... do meu irmão. Quando... quando lhe falou, ontem à noite, deve tê-lo considerado muito grosseiro. Mas ele não queria... não o pôde evitar... Oh, acredite-me, por favor!

Sarah achou tudo aquilo ridículo. Tanto o seu orgulho como o seu bom gosto se sentiram ofendidos. Por que motivo a abordaria uma desconhecida e lhe pediria estupidamente desculpa pelo procedimento grosseiro do irmão?

Tremeu-lhe nos lábios uma resposta desabrida, mas mudou logo de idéias. Havia algo fora do vulgar naquele gesto e a jovem falava com uma sinceridade ansiosa. O que levava Sarah a escolher a carreira de médica reagiu à atitude da jovem, à necessidade que adivinhava nela.

- Diga-me o que se passa - pediu, em tom encorajador.

- Ele falou consigo no comboio, não falou?

- Sim... pelo menos eu falei com ele.

- Ah, sim, não poderia ser de outro modo! Mas, compreende, a noite passada Ray estava com medo...

- Com medo?

Carol corou.

- Sei que parece absurdo, louco... Compreende, a minha mãe está doente e não gosta... não gosta que arranjemos amigos. Mas eu sei que o meu irmão... que ele gostaria de ser seu amigo.

Sarah sentiu-se interessada, mas Carol continuou, sem lhe dar tempo de falar:

- Sei que parece muito idiota o que estou a dizer, mas nós somos... uma família estranha. - Lançou um olhar rápido à sua volta, um olhar de medo. - Não me posso demorar... podem dar pela minha falta.

- Porque não há-de ficar para trás, se lhe apetece? Podíamos regressar juntas.

- Oh, não! - exclamou Carol, e recuou instintivamente. - Não posso fazer isso.

- Porquê?

- Não posso. A minha mãe ficaria... ficaria...

Sarah disse, em tom claro e firme:

- Sei que, às vezes, é muito difícil aos pais compenetrarem-se de que os filhos cresceram e, por isso, continuam a tentar governar-lhes a vida. Mas não nos devemos submeter a isso, temos o dever de defender os nossos direitos.

- Não compreende... não faz a mínima idéia... gaguejou Carol, a torcer nervosamente as mãos.

- Às vezes cedemos porque temos medo de provocar discussões, e as discussões são muito desagradáveis. Mas eu creio que vale sempre a pena lutar pela liberdade de acção.

- Liberdade? - repetiu Carol, de olhos fixos. - Nunca nenhum de nós foi livre... nem nunca será.

- Disparate! - exclamou Sarah, sem cerimónias.

Carol inclinou-se para a frente e tocou-lhe no braço.

- Escute, tenho de tentar fazê-la compreender! Antes de casar, a minha mãe, na realidade é minha madrasta, era carcereira de uma prisão. Meu pai era o director e casou com ela. Bem, continuou a ser sempre assim, ela continuou a ser carcereira, a nossa carcereira. É por isso que a nossa vida equivale a estarmos presos. - Olhou de novo à sua volta. - Deram pela minha falta. Tenho de ir!

Sarah agarrou-lhe num braço, quando ela se afastava.

- Um momento. Precisamos de nos encontrar outra vez e de conversar.

- Não posso. Não conseguirei.

- Pode, sim - afirmou a inglesa, em tom autoritário. - Vá ao meu quarto depois de ter subido para se deitar. É o trezentos e dezenove.

Largou-a e Carol correu atrás da família.

Sarah ficou a segui-la com o olhar e só despertou dos pensamentos em que mergulhara ao sentir o Dr. Gerard a seu lado.

- Bons dias, Miss King. Esteve, então, a conversar com Miss Carol Boynton?

- Estive, sim. Deixe-me contar-lhe...

E revelou ao médico a sua conversa com a jovem.

- Carcereira de uma prisão, hem? - murmurou o Dr. Gerard, pensativo. - Talvez isso seja significativo.

- Quer dizer que é essa a causa da sua tirania? O hábito que ficou da sua antiga profissão?

Gerard abanou a cabeça.

- Está a encarar o assunto de um ponto de vista errado. Há uma profunda compulsão subjacente. Ela não ama a tirania porque foi carcereira. Digamos antes que foi carcereira por amar a tirania. Na minha opinião, foi um desejo secreto de poder sobre outros seres humanos que a levou a adoptar tal profissão. Há coisas estranhas, como esta, sepultadas no inconsciente. Uma fome de poder, uma fome de crueldade, um desejo selvagem de despedaçar... Tudo isto são legados das recordações do passado da nossa espécie. A crueldade, a selvajaria e os desejos brutais existem, estão latentes, Miss King. Nós recalcamo-los, negamo-lhes vida consciente... mas, às vezes, são tão fortes que os nossos esforços se perdem.

- Eu sei - murmurou Sarah, sem poder conter um estremeamento.

- Tudo isso nos rodeia, hoje, em credos políticos e na conduta das nações. É uma reacção ao humanitarismo, à piedade, à fraternal boa vontade. Às vezes, os credos soam bem, um regime é sensato ou um governo benéfico... mas são sempre impostos pela força, assentam sempre numa base de crueldade e de medo. Ao abrirem as portas, esses apóstolos da violência deixam sair a antiga selvajaria, o antigo prazer na crueldade pela crueldade! O homem é um animal com um equilíbrio muito delicado e que tem uma necessidade primordial: sobreviver. Avançar demasiado depressa é tão fatal como deixar-se ficar para trás. Tem de sobreviver! Tem, talvez, de conservar uma parte da antiga selvajaria, mas não deve, não deve de modo nenhum, deificá-la!

Seguiu-se uma pausa, finda a qual Sarah perguntou:

- Acha que Mistress Boynton é uma espécie de sádica?

- Tenho quase a certeza disso. Penso que sente prazer em infligir dor; dor mental, note, não dor física. Isso é muito mais raro e muito mais difícil de suportar. Ela gosta de dominar outros seres humanos e de os fazer sofrer.

- É uma bestialidade.

Gerard contou-lhe a sua conversa com Cope.

- Ele não faz ideia do que se passa? – perguntou Sarah, pensativa.

- Como quer que faça? Não é um psicólogo.

- Claro. Não tem as nossas repugnantes mentalidades.

- Exactamente. Tem uma decente, justa, sentimental e normal mentalidade americana. Acredita mais facilmente no bem do que no mal. Vê que a atmosfera em que a família Boynton vive está errada, mas atribui esse facto a uma má aplicação da dedicação de Mistress Boynton e não a maleficência activa.

- Isso deve diverti-la.

- Suponho que sim.

- Mas porque não se libertam eles? - perguntou Sarah, impaciente. - Podiam!

- Está enganada. Eles não podem. Viu alguma vez uma velha experiência que se costuma fazer com um galo? Traça-se uma linha a giz, no chão, e encosta-se nela o bico do galo. O bicho julga que está lá amarrado e não é capaz de levantar a cabeça. Acontece o mesmo àqueles infelizes.

Lembre-se de que ela os tem torturado desde crianças e de que o seu domínio tem sido mental. Convenceu-os, hipnoticamente, de que não podem desobedecer-lhe. A maioria das pessoas chamaria tolice a semelhante ideia, mas nós dois sabemos que não é. Ela fê-los acreditar que dependem inevitável e absolutamente dela. Estão presos há tanto tempo que se as portas da prisão se abrissem de repente nem dariam por isso! Um deles, pelo menos, já nem quer ser livre. Teriam todos medo da liberdade.

- Que sucederá quando ela morrer? - perguntou Sarah, em tom prático.

Gerard encolheu os ombros.

- Depende do tempo que isso levar a acontecer. Se acontecesse agora... enfim, creio que talvez ainda não fosse demasiado tarde. O rapaz e a rapariga ainda são jovens e impressionáveis e creio que se tornariam seres humanos normais. Quanto a Lennox, é possível que já seja tarde de mais. Parece-me um homem que abandonou definitivamente a esperança, que vive resignado como um irracional.

- A mulher dele devia ter feito qualquer coisa! - exclamou Sarah, impaciente. - Devia tê-lo arrancado àquilo.

- Duvido... Não me admiraria que tivesse tentado... e falhado.

- Acha que ela também está sob... sob a influência?

- Não. Não creio que a velha tenha qualquer poder sobre ela, o que a leva a odiá-la com um ódio feroz. Repare nos seus olhos.

Sarah franziu a testa.

- Não consigo compreendê-la... à nora. Ela saberá o que se passa?

- Acho que deve ter uma idéia muito nítida.

- Oh, aquela velha precisava de ser assassinada! Arsênico no chá matinal, seria a minha receita.

E, numa mudança brusca de assunto, Miss King perguntou:

- E a respeito da rapariga mais nova, da ruiva?

- Não sei. - O Dr. Gerard franziu a testa. - Há, quanto a ela, algo ainda mais estranho. Ginevra Boynton é filha da velha.

- Nesse caso, deveria ser diferente... Ou não?

- Não creio que - respondeu o médico, devagar -, quando a mania do poder (e a fome de crueldade) se apossa de um ser humano, lhe permita poupar seja quem for, nem mesmo aqueles que lhe são mais queridos. - Gerard fez uma pausa, antes de perguntar: - É cristã, mademoiselle?

- Não sei... Dantes pensava que não era nada, mas agora... não tenho a certeza. Sinto que... sinto que se pudesse apagar tudo isto - desenhou um gesto violento, com um braço -, todos os edifícios, todas as seitas e todas as igrejas ferozmente antagónicas, poderia ver a serena figura de Cristo entrar em Jerusalém montado num burro... e acreditar n'Ele.

- Eu creio pelo menos num dos principais dogmas da fé cristã: contentamento com um lugar humilde. - disse o Dr. Gerard, gravemente. - Sou médico e sei que a ambição, o desejo de ter êxito e poder, leva à maioria das doenças da alma humana. Se o desejo se realiza, conduz à arrogância, à violência, e por fim, à saciedade; se não se realiza... ah, se não se realiza, que todos os manicômios de alienados se ergam e dêem o seu testemunho! Estão cheios de seres humanos que foram incapazes de enfrentar a sua mediocridade, a sua insignificância e ineficácia, e por isso criaram vias de fuga à realidade, a fim de se isolarem para sempre da vida.

- É uma pena que a velha Boynton não esteja num desses manicômios!

- Não, o lugar dela não é entre os falhados... É pior do que isso. Ela venceu, compreende? Viu realizado o seu sonho.

- Não deviam acontecer tais coisas - murmurou Sarah, sem poder dominar outro estremeamento.

Sarah duvidava que Carol Boynton comparecesse ao encontro daquela noite. Receava que a rapariga tivesse sofrido uma reacção forte, depois das suas semi-confidências daquela manhã. No entanto, preparou-se para a visita: vestiu um roupão de cetim azul e acendeu a sua lamparina a álcool, para ferver água.

Estava quase a desistir de esperar (passava da uma hora da manhã) e a deitar-se quando bateram à porta.

Abriu-a e recuou rapidamente, para deixar Carol entrar.

- Receava que se tivesse deitado...

- Oh, não! - respondeu Sarah, com o cuidado de se mostrar despreocupada. - Estava à sua espera. Beba uma chávena de chá. É autêntico Lapsang Souchong.

Carol, que parecera nervosa e hesitante, aceitou o chá e um biscoito e mostrou-se mais calma.

- Isto é divertido - comentou Sarah, a sorrir.

Carol pareceu um pouco assustada e respondeu, sem muita convicção:

- Sim... suponho que sim.

- Lembra-me os banquetes da meia-noite, que costumávamos fazer na escola... Creio que não andou na escola?

- Não. Nunca saímos de casa. Tivemos uma preceptora... diversas preceptoras.

- Nunca saíram?

- Não. Temos morado sempre na mesma casa. Esta vinda ao estrangeiro é a minha primeira viagem.

- Deve ser uma grande aventura - comentou Sarah, em tom casual.

- Oh, sem dúvida! Parece um sonho.

- Que levou a sua... madrasta a resolver vir ao estrangeiro?

Carol encolheu-se, ao ouvir falar de Mrs. Boynton.

- Vou ser médica - apressou-se Sarah a explicar. - Acabo de me bacharelar. A sua mãe, ou melhor, a sua madrasta, interessa-me muito... como um caso clínico. Confesso, até, que a considero um caso patológico.

Carol arregalou os olhos. Era evidente que semelhante ponto de vista lhe parecia muito inesperado.

Sarah, porém, falara com uma intenção deliberada. Compreendia que, para a família, Mrs. Boynton tinha as proporções de um ídolo poderoso e obscuro, e estava decidida a privá-la da sua feição mais aterradora.

- Sim, existe uma espécie de mania de poderio, uma doença que se apodera das pessoas. Tornam-se muito autocráticas, exigem que tudo se faça exactamente como desejam e torna-se muito difícil lidar com elas.

Carol pousou a chávena e exclamou:

- Oh, estou tão contente por ter vindo falar consigo! Confesso-lhe que o Ray e eu nos temos sentido... enfim, esquisitos. Enervamo-nos muito com a situação.

- Ajuda sempre falar com uma pessoa de fora. No círculo familiar corremos o risco de ver as coisas muito apaixonadamente... - E, de súbito, perguntou, no tom mais casual possível: - Mas, se são infelizes, com certeza já pensaram em sair de casa?

- Oh, não! - exclamou Carol, assustada. - Como poderíamos fazer tal coisa! Quero... quero dizer, a mãe não consentiria.

- Mas não os poderia impedir. Você, por exemplo, já é maior.

- Tenho vinte e três anos.

- Vê?

- Mas, mesmo assim, não vejo como... quero dizer, não saberia aonde ir nem o que fazer. Não temos dinheiro nenhum, compreende?

- Não têm amigos que os recebessem?

- Amigos? Oh, não, não temos ninguém!

- Quer dizer, então, que nunca nenhum de vocês pensou em sair de casa?

- Creio que não. Não podíamos!

Sarah achou patético o espanto da jovem e mudou de assunto:

- Gosta da sua madrasta?

Carol abanou a cabeça, devagar, e respondeu em voz baixa e assustada:

- Odeio-a e o Ray também. Temos... temos desejado muitas vezes que morresse.

Sarah mudou de novo de assunto:

- Fale-me do seu irmão mais velho.

- Lennox? Não sei o que ele tem. Quase nunca fala, parece que anda sempre a sonhar... A Nadine está preocupada com ele.

- Gosta da sua cunhada?

- Gosto. Nadine é diferente, mostra-se sempre amável. Mas é muito infeliz.

- Por causa do seu irmão?

- Sim.

- São casados há muito tempo?

- Há quatro anos.

- E viveram sempre lá em casa.

- Viveram.

- A sua cunhada gosta disso?

- Não... - Carol acrescentou, após uma pausa:

- Houve uma zanga terrível, há cerca de quatro anos. Como lhe disse, nunca nenhum de nós saiu de casa. Quero dizer, andamos pelo jardim e pelos terrenos e mais nada.

Mas Lennox saiu, uma noite, e foi a um baile que havia em Fountain Springs. A mãe ficou furiosa, quando descobriu... Foi terrível. Depois disso, convidou Nadine a ir lá para casa e a ficar. Nadine era uma prima pobre, afastada, do nosso pai e andava a estudar para enfermeira. Passou um mês conosco... e eu nem lhe sei explicar como foi emocionante ter alguém de fora conosco. Ela e Lennox apaixonaram-se e a mãe disse que o melhor era casarem depressa e ficarem a viver lá em casa.

- E Nadine conformou-se com isso?

Carol hesitou.

- Não creio que lhe agradasse muito, mas também não se pode dizer que se importasse, realmente. Depois, mais tarde, quis-se ir embora... com Lennox, evidentemente...

- Mas não foram?

- Não. A mãe nem quis ouvir falar disso. Creio que já não gosta da Nadine. Esta é... estranha, nunca sabemos em que está a pensar. Tenta ajudar a Jinny, mas a mãe não gosta.

- Jinny é a sua irmã mais nova?

- É. Chama-se Ginevra.

- Ela também é... infeliz?

- Jinny tem-se mostrado muito esquisita, ultimamente. Não a compreendo. Foi sempre muito fraca e... e a mãe exagera nos cuidados a seu respeito e isso ainda a

torna pior. Mas nos últimos tempos anda estranha e às vezes... assusta-me. Nem sempre sabe o que está a fazer.

- Já consultou um médico?

- Não. A Nadine aconselhou-o, mas a mãe disse que não e a Jinny encheu-se de nervos e gritou que não queria médico nenhum. Estou preocupada com ela.

De súbito, Carol levantou-se.

- Estou a incomodá-la. Foi muito amável deixar-me vir conversar consigo... Deve considerar a nossa família muito estranha.

- Oh, bem vistas as coisas, todos somos estranhos! Volte, sim? E traga o seu irmão.

- Não se importa?

- Absolutamente nada! Faremos uma espécie de conspiração secreta... Gostaria de lhes apresentar um amigo meu, o doutor Gerard.

- Oh, parece tão divertido! - exclamou Carol, corada. - Oxalá a mãe não descubra nada...

- Como havia de descobrir? Até amanhã à mesma hora, está bem?

- Oh, sim! Depois de amanhã talvez partamos.

- Então fica definitivamente combinado um encontro para amanhã.

Carol saiu do quarto e seguiu, em silêncio, pelo corredor fora. O seu quarto ficava no andar de cima.

Quando chegou, abriu a porta e estacou, petrificada, no limiar. Mrs. Boynton estava sentada numa poltrona, de roupão escarlate, junto da lareira.

- Oh! - exclamou a jovem.

- Onde estiveste, Carol? - perguntou a madrastra, com os olhinhos pretos mergulhados nos dela.

- Eu... eu...

- Onde estiveste? - A voz era doce e abafada, mas possuía aquele estranho tom de ameaça latente que enchia o coração de Carol de um terror irracional.

- Estive com Miss King... Sarah King.

- A rapariga que falou a Raymond, ontem à noite?

- Sim, mãe.

- Fizeste planos para te voltares a encontrar com ela?

Carol moveu os lábios, mas não saiu nenhum som.

Acenou afirmativamente com a cabeça.

- Quando?

- Amanhã à noite.

- Não irás. Compreendes?

- Sim, mãe.

Mrs. Boynton tentou levantar-se e, maquinalmente, Carol avançou e ajudou-a. A velha atravessou o quarto, devagar, apoiada à bengala, e à porta parou e fitou a rapariga.

- Não terás mais nada a ver com essa Miss King. Compreendes?

- Sim, mãe.

- Repete.

- Não terei mais nada a ver com ela.

- Muito bem.

Mrs. Boynton saiu e fechou a porta.

Carol sentiu-se agoniada. Atirou-se para cima da cama, com o corpo sacudido pelos soluços.

Era como se tivesse surgido à sua frente uma paisagem de sol, árvores e flores... e as grades negras da prisão se tivessem cerrado de novo à sua volta.

VII

- Dá-me um momento de atenção?

Nadine virou-se, surpreendida, e encontrou o rosto moreno e cheio de vivacidade de uma mulher nova e desconhecida.

- Com certeza - respondeu, ao mesmo tempo que, inconscientemente, olhava para trás, por cima do ombro.

- Chamo-me Sarah King.

- Sim?

- Mistress Boynton, vou-lhe dizer algo que lhe deve parecer muito estranho. Anteontem à noite conversei durante muito tempo com a sua cunhada.

Uma ténue sombra ofuscou a serenidade do rosto de Nadine.

- Falou com Ginevra?

- Não. Falei com Carol.

A sombra dissipou-se e Nadine Boynton pareceu satisfeita, mas muito surpreendida.

- Ah, com Carol! Como conseguiu isso?

- Ela foi ao meu quarto... muito tarde. - Viu a outra arquear as sobrancelhas bem depiladas e acrescentou, com certo embaraço: - Estou certa de que lhe deve parecer muito estranho...

- De modo nenhum. Estou satisfeita, muito satisfeita, até. É bom para Carol ter uma amiga com quem conversar.

- Nós... entendemo-nos muito bem. - Sarah esforçou-se por escolher as palavras com cuidado. - Por sinal, até combinamos encontrar-nos de novo, na noite seguinte.

- E então?

- Carol não apareceu.

- Não? - A voz de Nadine era fria e calma e o seu rosto, tão sereno e plácido, não dizia nada a Sarah.

- Não. Ontem, quando passou pelo vestíbulo, falei-lhe e ela não me respondeu. Limitou-se a olhar-me e a afastar-se, depressa.

- Compreendo.

Sarah não soube que dizer. Passado um bocado, Nadine Boynton acrescentou:

- Sinto muito. Carol é... é uma rapariga nervosa.

Seguiu-se nova pausa, até que Sarah se encheu de coragem:

- Mistress Boynton, vou ser médica e acho que seria conveniente a sua cunhada não... não se isolar tanto das pessoas.

A outra fitou-a, pensativa.

- Compreendo... É médica, isso é diferente.

- Percebe o que quero dizer? - perguntou Sarah, interessada.

Nadine inclinou a cabeça, ainda pensativa.

- Tem toda a razão, claro, mas há dificuldades. Minha sogra está doente e possui aquilo que considero uma antipatia mórbida pela interferência de estranhos no círculo da nossa família.

- Mas Carol é uma mulher adulta! – protestou Sarah, revoltada.

- Oh, não, não é! Em corpo, sim, mas em espírito, não. Se falou com ela, deve ter notado isso. Numa emergência, agiria como uma criança assustada.

- Acha que foi isso que sucedeu? Acha que ela... teve medo?

- Creio, Miss King, que a minha sogra ordenou a Carol que não tivesse mais nada a ver consigo.

- E Carol cedeu à sua vontade?

- É realmente capaz de a imaginar a proceder de outro modo?

Os olhos das duas mulheres fitaram-se. Sarah sentiu que, sob o disfarce das palavras convencionais, se compreendiam.

Nadine avaliava a situação, mas não estava disposta a discuti-la.

Sarah sentiu-se desencorajada. Duas noites atrás, meia batalha parecera-lhe ganha. Esperara que os seus encontros secretos lhe permitissem incutir em Carol o espírito da revolta... a Carol e a Raymond também. (Não era, afinal, em Raymond que pensava, desde o princípio?) E logo no primeiro assalto fora ignominiosamente vencida por aquele monte informe de carne inchada e olhos matreiros! Carol capitulara sem lutar.

- Não está certo! - protestou.

Nadine não respondeu e o seu silêncio causou a Sarah a sensação de uns dedos gelados a envolverem-lhe o coração. “Esta mulher sabe melhor do que eu que a situação não tem remédio”, pensou. “Vive com eles!”

As portas do elevador abriram-se e Mrs. Boynton saiu, apoiada a uma bengala e amparada por Raymond.

Sarah estremeceu, ao ver os olhos da velha passarem dela para Nadine e voltarem a fixar-se nela. Estivera preparada para ver neles antipatia e, até, ódio, mas não o que viu, não uma expressão de gozo triunfante e maldoso. Sarah afastou-se e Nadine foi juntar-se aos outros dois.

- Olá, Nadine! - saudou a velha. - Sentar-me-ei e descansarei um pouco, antes de sair.

Instalaram-na numa cadeira de espaldar direito e Nadine sentou-se a seu lado.

- Com quem estavas a falar, Nadine?

- Com uma tal Miss King.

- Ah, sim, a rapariga que falou com Raymond, na outra noite! Ray, porque não vais conversar agora com ela? Está ali, junto da escrivaninha.

Mrs. Boynton abriu a boca num sorriso pérfido, ao olhar para o rapaz. Raymond corou, virou a cabeça e murmurou qualquer coisa.

- Que disseste, filho?

- Não quero falar com ela.

- Bem me parecia. Não falarás com ela... não poderias, por muito que o desejasses! - Tossiu, de súbito, com uma tosse abafada. - Estou a apreciar muito esta viagem, Nadine. Não a perderia por nada deste mundo.

- Não? - perguntou a nora, em tom inexpressivo.

- Ray...

- Diga, mãe?

- Vai-me buscar uma folha de papel, àquela mesa do canto.

Raymond foi, obedientemente. Nadine levantou a cabeça e observou não o rapaz, mas sim a sogra.

Mrs. Boynton estava inclinada para a frente, de narinas dilatadas de prazer. Ray passou por Sarah, que levantou a cabeça, com uma súbita expressão de esperança. Mas a esperança dissipou-se quando ele tirou uma folha de papel da caixa e retrocedeu pelo mesmo caminho.

Raymond tinha a testa perlada de suor e estava lívido quando se reuniu às duas mulheres.

- Ah! - exclamou Mrs. Boynton, muito baixo e docemente.

Depois viu os olhos de Nadine fitos nela e os seus brilharam, coléricos.

- Onde está Mister Cope, esta manhã?

Nadine baixou outra vez a cabeça e respondeu, calma:

- Não sei. Não o vi.

- Gosto dele, gosto muito dele. Devemos conviver com ele. Isso agradar-te-ia, não agradaria?

- Agradaria. Também gosto muito dele.

- Que tem o Lennox ultimamente, Nadine? Parece muito taciturno e calado. Não se passa nada entre vocês, pois não?

- Claro que não. Porque havia de passar?

- Não sei... As pessoas casadas nem sempre se entendem bem. Talvez te sentisses mais feliz se vivesses na tua própria casa?

Nadine não lhe respondeu.

- Que dizes, hem? A idéia agrada-te?

Nadine abanou a cabeça e redarguiu, a sorrir:

- Não creio que lhe agradasse a si, mãe.

Mrs. Boynton pestanejou e disse, venenosamente:

- Foste sempre contra mim, Nadine.

- Lamento que pense assim - respondeu a outra, imperturbável.

A mão da velha cerrou-se na bengala e o seu rosto pareceu tornar-se um pouco mais vermelho.

- Esqueci-me das minhas gotas - disse, em tom diferente. - Vai buscá-las, Nadine.

- Pois sim.

Nadine levantou-se e dirigiu-se para o elevador. Os olhos de Mrs. Boynton seguiram-na. Raymond estava sentado na cadeira, com uma expressão de estupidez e angústia.

Quando entrou na suíte que ocupavam, Nadine encontrou Lennox sentado junto da janela, com um livro na mão. Mas não estava a ler.

- Olá, Nadine! - exclamou, sobressaltado.

- Vim buscar as gotas da mãe, que as esqueceu.

Entrou no quarto da sogra, pegou num frasco e contou cuidadosamente um certo número de gotas para um copinho, que acabou de encher de água. Ao passar pela sala, parou de novo.

- Lennox...

O marido só lhe respondeu passados momentos, como se a mensagem tivesse uma longa distância a percorrer antes de chegar ao seu destino.

- Desculpa - murmurou, por fim. - Que queres?

Nadine pôs o copo em cima da mesa e depois colocou-se ao lado do marido.

- Lennox, olha para o sol, lá fora, através da janela... olha para a vida. É bela! Podíamos estar lá fora, no meio dela, em vez de metidos aqui dentro, a vê-la através dos vidros.

Seguiu-se nova pausa.

- Desculpa... - repetiu Lennox. - Queres sair?

- Quero, quero sair. Quero sair contigo, quero ir para o sol, para a vida... os dois juntos.

Ele pareceu encolher-se na cadeira.

- Nadine, minha querida... temos de falar outra vez em tudo isso?

- Temos, sim. Partamos, vivamos a nossa própria vida em qualquer lado.

- Mas como? Não temos dinheiro.

- Podemos ganhar dinheiro.

- Como? Que podemos fazer? Eu não tenho especialização nenhuma. Há milhares de homens... milhares de profissionais experientes, desempregados. Não conseguiríamos.

- Eu ganharia para os dois.

- Minha querida, não chegaste, sequer, a completar o teu curso. Não há esperança, é impossível.

- Não! O que não tem esperança e é impossível é a nossa vida presente.

- Não sabes do que estás a falar. A mãe é muito boa para nós, proporciona-nos todos os luxos...

- Excepto a liberdade. Faz um esforço, Lennox! Parte comigo agora... hoje...

- Creio que enlouqueceste, Nadine.

- Não, eu estou no meu juízo, no meu juízo perfeito. Quero uma vida minha, contigo, uma vida ao sol e não asfixiada pela sombra de uma velha tirana, que se delicia a tornar-nos infelizes.

- A mãe pode ser autocrata...

- A tua mãe é louca!

- Isso não é verdade... Tem uma excelente cabeça para os negócios.

- Talvez tenha.

- Ela não pode viver sempre, Nadine. Tem sessenta e tal anos e está muito doente. Quando morrer, o dinheiro do meu pai será repartido igualmente por todos nós. Lembras-te de ela nos ler o testamento?

- Quando morrer talvez seja tarde de mais.

- Tarde de mais?

- Tarde de mais para ser feliz.

- Tarde de mais para ser feliz... - repetiu Lennox, e estremeceu, de súbito.

Nadine aproximou-se mais e pôs-lhe a mão no ombro.

- Amo-te, Lennox. Trava-se uma batalha entre a tua mãe e eu. Estás do lado dela ou do meu?

- Do teu... do teu!

- Então faz o que te peço.

- É impossível!

- Não, não é impossível. Pensa que podíamos ter filhos, Lennox...

- A mãe quer que os tenhamos, já o disse...

- Bem sei, mas eu não trarei a este mundo crianças condenadas a viverem à sombra da mulher que os criou a vocês. A tua mãe pode influenciá-los a vocês, mas sobre mim não tem poder nenhum.

- Às vezes irritá-la, Nadine... - murmurou Lennox. - Não é sensato.

- Ela só se irrita porque sabe que não pode influenciar o meu espírito nem mandar nos meus pensamentos!

- Sei que és sempre delicada e correcta com ela, que és maravilhosa... e demasiado boa para comigo. Quando disseste que casarias comigo, foi como a realização de um sonho inacreditável.

- Fiz mal em casar contigo - afirmou Nadine, muito calma.

- Sim, fizeste mal... - murmurou o marido, desesperado.

- Não compreendes. O que quero dizer é que tu me terias seguido se, então, eu me fosse embora e te pedisse que me seguisses. Sim, creio que terias feito isso... Não tive inteligência suficiente para compreender a tua mãe e o que ela queria... Recusas-te a partir? Não te posso obrigar, mas eu sou livre, posso partir! E penso... penso que partirei.

Ele fitou-a, incrédulo, e pela primeira vez respondeu-lhe sem hesitar, como se o marasmo dos seus pensamentos tivesse levado uma sacudidela:

- Mas tu não podes fazer isso! A mãe... a mãe não quereria ouvir tal coisa!

- Não me poderia impedir de partir.

- Não tens dinheiro.

- Poderia arranjá-lo. Ganhá-lo, pedi-lo emprestado, roubá-lo, até! Tens de compreender que a tua mãe não exerce poder nenhum sobre mim! Posso ir ou ficar, conforme me aprouver... e começo a pensar que já suportei esta vida tempo suficiente.

- Nadine... não me deixes... não me deixes...

Ela olhou-o, pensativa.

- Não me deixes, Nadine! - pediu, como uma criança.

A mulher virou a cabeça, para que ele não visse a mágoa dos seus olhos, e ajoelhou a seu lado.

- Então parte comigo. Parte comigo! Tu podes, tu podes se quiseres!

Lennox recuou, para fugir dela.

- Não posso! Não posso! Não tenho... Deus me valha, não tenho coragem!

VIII

O Dr. Gerard entrou no escritório da agência de viagens e encontrou Sarah King ao balcão.

- Bons dias, doutor! Vim tratar das formalidades da minha viagem a Petra. Constou-me que afinal, também vai.

- É verdade, verifiquei que posso ir.

- É muito agradável.

- Formaremos um grupo grande?

- Parece que serão mais duas mulheres e nós dois. A lotação de um carro.

- Será delicioso! - afirmou o médico, e inclinou a cabeça, cortês.

Tratou dos seus assuntos e, pouco depois, com o correio que recebera, juntou-se a Sarah, que ia a sair do escritório. Estava um dia de sol, embora com uma aragem fresca.

- Que notícias tem dos nossos amigos, os Boynton? - perguntou o Dr. Gerard. - Estive em Belém, na Nazaré e noutros lugares, numa excursão de três dias.

Lenta e contrariadamente, Sarah relatou a sua tentativa falhada para estabelecer contacto.

- Enfim, falhei - concluiu. - E eles partem hoje.

- Para onde vão?

- Não faço a mínima ideia. Tenho a sensação de que fiz um grande papel de idiota.

- Em que sentido?

- No sentido de interferir na vida dos outros.

- É uma questão de opinião.

- Quer dizer que é uma questão de opinião achar se devemos interferir ou não?

- Sim.

- Interfere?

- Se o que pretende perguntar é se tenho o hábito de me meter nos assuntos dos outros, respondo-lhe francamente que não.

- Nesse caso, acha que errei, ao tentar interferir?

- Não. Interpretou-me mal, Miss King. O assunto presta-se a discussão. Se vemos cometer um erro devemos tentar corrigi-lo? A nossa interferência pode fazer bem, mas também pode causar um mal incalculável. É impossível estabelecer um modo fixo de procedimento. Há certas pessoas que são verdadeiramente geniais na arte de interferir, fazem-no sempre bem; outras, pelo contrário, não têm habilidade nenhuma e mais lhes valeria estarem quietas. Há, também, a questão da idade. A gente nova tem a coragem dos seus ideais e das suas convicções, os seus valores são mais teóricos do que práticos. Ainda não aprenderam, por experiência, que o facto contradiz a teoria. Quando temos fé em nós e na justiça do que fazemos, conseguimos muitas vezes resultados valiosos! (E, às vezes, também fazemos muito mal.) Por outro lado, o indivíduo de meia-idade tem experiência, aprendeu que tanto o mal como o bem, talvez mais aquele do que este, resultam de tentar interferir e, por isso, sensatamente, coíbe-se de se meter onde não é chamado. Assim, o resultado é equilibrado: os jovens entusiastas fazem bem e mal; os prudentes de meia-idade não fazem uma coisa nem outra!

- Isso não ajuda muito - protestou Sarah.

- Uma pessoa poderá, jamais, ajudar outra? O problema é seu, não meu.

- Quer dizer que não tenciona fazer nada acerca dos Boynton?

- Não. Eu não teria nenhuma probabilidade de êxito.

- Então eu também não teria?

- Talvez tivesse.

- Porquê?

- Porque tem qualidades especiais. A atracção da sua juventude e do seu sexo.

- Do meu sexo? Ah, compreendo!

- Voltamos sempre ao sexo, não voltamos? O facto de ter falhado com a jovem não implica que falhe também com o irmão. O que me disse (e o que Carol lhe contou), indica claramente o que pode ameaçar a autocracia de Mistress Boynton. O filho mais velho, Lennox, desafiou-a encorajado pela força da sua virilidade juvenil, saiu de casa a ocultar e foi a bailes. O desejo de um homem por uma companheira foi mais forte do que a influência hipnótica da madrasta. Mas a velha tinha perfeita consciência da força

do sexo (deve ter visto muitos exemplos durante a sua carreira) e resolveu o assunto inteligentemente: levou para casa uma rapariga bonita, mas pobre, e encorajou o casamento, o que lhe proporcionou, ao mesmo tempo, outra escrava.

Sarah abanou a cabeça.

- Não creio que Mistress Lennox seja uma escrava.

- Talvez não, de facto. Suponho que, em virtude de ser uma rapariga pacata e dócil, Mistress Boynton subestimou a sua força de vontade e de carácter. Nessa altura, Nadine era muito jovem e inexperiente e não soube avaliar a situação. Avalia-a agora, tarde de mais.

- Supõe que ela abandonou a esperança?

O Dr. Gerard abanou a cabeça, duvidoso.

- Se tem quaisquer planos, ninguém está ao corrente deles. Há certas possibilidades, no respeitante a Cope. O homem é um animal naturalmente ciumento e o ciúme é uma força poderosa. Talvez ainda seja possível “acordar” Lennox Boynton.

- E parece-lhe - Sarah adoptou propositadamente um tom muito prático e profissional - que existe alguma possibilidade de eu conseguir qualquer coisa com Raymond?

- Parece-me que sim.

Sarah suspirou.

- Acho que devia ter tentado... Enfim, agora é tarde de mais. Além disso, não me agrada a ideia.

- A culpa é de ser inglesa! - exclamou o médico, divertido. - Os Ingleses têm um complexo acerca do sexo, acham que “não é muito decente”.

A réplica indignada de Sarah não o impressionou.

- Sim, sim, sei que é muito moderna, que emprega livremente, em público, as palavras mais desagradáveis que se encontram no dicionário, que é muito profissional e absolutamente desinibida! Mesmo assim, repito, possui as mesmas características raciais da sua mãe e da sua avó. Continua a ser a “miss” inglesa cheia de rubores, embora não se ruborize.

- Nunca ouvi tanto disparate!

Absolutamente imperturbável e com um brilho maroto no olhar, o Dr. Gerard acrescentou:

- Por sinal, o rubor torna-a muito encantadora!

Desta vez Sarah não soube que responder.

O Dr. Gerard apressou-se a tirar o chapéu e a declarar:

- Despeço-me, antes que tenha tempo de começar a dizer tudo quanto pensa.

Deixou-a e entrou no hotel.

Sarah seguiu o mesmo caminho, mais devagar.

Havia muita actividade e partiam vários carros cheios de malas. Lennox, Nadine e Mr. Cope estavam junto de um grande automóvel, a superintender no carregamento, e um dragomano gordo falava com Carol, com uma fluência ininteligível.

Sarah passou por eles e entrou no hotel. Mrs. Boynton, aconchegada num casaco grosso, estava sentada numa cadeira, a aguardar o momento da partida. Ao vê-la, Sarah sentiu-se indignada e repugnada.

Achara Mrs. Boynton uma figura sinistra, uma encarnação da maldade diabólica, mas de súbito via nela uma criatura patética e impotente. Nascer com uma tão grande fome de poder, com um desejo tão insaciável de domínio, e conseguir apenas uma

tiraniazinha doméstica! Se ao menos os seus filhos a pudessem ver como Sarah a via naquele momento, se a vissem como ela a via: um objecto de compaixão, uma velha estúpida e má, que passara a vida numa atitude falsa!

Impulsivamente, foi ter com ela.

- Adeus, Mistress Boynton - despediu-se. - Desejo-lhe boa viagem.

A velha fitou-a e nos seus olhos a maldade e a indignação debateram-se numa luta cega.

- Pretendeu ser muito grosseira comigo - prosseguiu Sarah (Estaria doida? Que demônio a levaria a falar daquela maneira?) - tentou impedir o seu filho e a sua filha de travarem amizade comigo. Não acha semelhante procedimento muito idiota e infantil? Gosta de parecer uma espécie de papão, de monstro, mas na realidade é patética e ridícula. No seu lugar, desistiria dessa estúpida representação. Calculo que me detestará pelo que lhe estou a dizer, mas falo sinceramente e com a esperança de que as minhas palavras produzam algum efeito. Ainda se podia divertir um bocado, sabe? É muito melhor ser cordial e amável, e a senhora podia ser as duas coisas, se tentasse.

Mistress Boynton estava petrificada numa imobilidade total. Por fim passou a língua pelos lábios secos, abriu a boca... mas as palavras não saíram.

- Vá, diga! - encorajou-a Sarah. - O que me disser não terá importância, mas a senhora pense no que eu lhe disse.

As palavras ouviram-se, finalmente, numa voz que, apesar de baixa e rouca, era penetrante. Sarah achou estranho que os olhos de basilisco da velha não a fitassem e, sim, qualquer ponto por cima do seu ombro, como se em vez de se dirigir a ela se dirigisse a qualquer espírito familiar:

- Eu nunca esqueço! Lembre-se disso. Nunca esqueci nada; nem uma acção, nem um nome, nem um rosto!

As palavras em si não diziam nada, mas o veneno que as revestia obrigou Sarah a recuar um passo. Depois Mrs. Boynton deu uma gargalhada, uma gargalhada horrível.

- Pobre velha! - exclamou a rapariga e, com um encolher de ombros, virou-lhe as costas.

Ao dirigir-se para o elevador, quase chocou com Raymond Boynton. Obedecendo, de novo, a um impulso, disse-lhe, muito depressa:

- Adeus. Espero que se tenha divertido muito. Talvez nos voltemos a encontrar, um dia. - Sorriu-lhe, com um sorriso amigo e terno, e afastou-se.

Raymond ficou parado, como se tivesse sido transformado em pedra. Estava tão absorto nos seus pensamentos que um homenzinho de grande bigode, que pretendia sair do elevador, teve de repetir várias vezes:

- Pardon.

Por fim Raymond percebeu, afastou-se e murmurou:

- Desculpe... estava... estava a pensar.

- Ray, vai buscar a Jinny, sim? - pediu-lhe Carol. - Ela voltou para o quarto e são horas de partirmos.

- Está bem, dir-lhe-ei que tem de vir já - respondeu o rapaz, e entrou no elevador.

Hercule Poirot seguiu-o com o olhar, de sobranceiras arqueadas e a cabeça um pouco inclinada para o lado, como se estivesse à escuta. Depois acenou com a cabeça, com um ar de convicção, atravessou a sala e observou bem Carol, que se reunira à mãe.

- Pardon, sabe-me dizer o nome daquelas pessoas? - perguntou a um criado.

- O nome de família é Boynton, Monsieur. São americanos.

- Obrigado - agradeceu o detective.

No terceiro andar, quando se dirigia para o seu quarto, o Dr. Gerard passou por Raymond e Ginevra, que se encaminhavam para o elevador.

Antes de entrarem, Ginevra disse:

- Espera um momento, Ray... Espera por mim no elevador.

Retrocedeu a correr, alcançou o médico e murmurou:

Dê-me licença, preciso de falar consigo.

O Dr. Gerard olhou-a, surpreendido, e ela aproximou-se mais e agarrou-lhe num braço.

- Vão-me levar e talvez me matem... Não lhes pertenço, sabe? O meu apelido verdadeiro não é Boynton. - Falava muito depressa, a atropelar as palavras.

Vou-lhe confessar um segredo: tenho sangue real, sou herdeira de um trono! É por isso... é por isso que estou cercada de inimigos. Tentam envenenar-me e muitas coisas mais! Se pudesse ajudar-me a fugir... calou-se, de súbito, e o médico ouviu passos.

- Jinny...

Bela no seu gesto brusco e assustado, a rapariga levou um dedo aos lábios, lançou um olhar implorativo ao médico e deixou-o, a correr.

- Vou já, Ray!

O Dr. Gerard seguiu o seu caminho, de sobrancelhas franzidas e a abanar lentamente a cabeça.

IX

Partiam naquela manhã para Petra. Quando desceu, Sarah encontrou uma mulherça de aspecto autoritário e nariz achatado, na qual já reparara antes, a protestar veementemente acerca do tamanho do automóvel.

- E muitíssimo pequeno! Quatro passageiros e um dragomano? Leve esse carro, por favor, e traga outro de tamanho apropriado.

Em vão o representante da agência turística ergueu a voz. Os carros que utilizavam eram sempre daquele tamanho, muito confortáveis, e um automóvel maior não convinha para viajar no deserto...

A mulherça caiu-lhe em cima, metaforicamente falando, como um grande rolo compressor. Depois dedicou a sua atenção a Sarah:

- Miss King?... Eu sou Lady Westholme. Estou certa de que, como eu, concorda que este carro é absolutamente inadequado, quanto a tamanho?

- Bem - respondeu Sarah, cautelosa -, concordo que um automóvel maior seria mais confortável...

O agente murmurou que um carro maior aumentaria o preço.

- O preço inclui tudo - afirmou Lady Westholme, firmemente - e eu recusar-me-ei a sancionar qualquer aumento. Nos prospectos diz, com todas as letras: "em automóvel espaçoso e confortável". Cumpra os termos do contrato.

O homem deu-se por vencido, disse que ia ver o que podia fazer e abalou, cabisbaixo.

Lady Westholme voltou-se para Sarah, com um sorriso triunfante no rosto curtido pelo tempo e as grandes narinas frementes de exultação.

Lady Westholme era uma figura muito conhecida no mundo da política inglesa. Quando Lorde Westholme, um par de meia-idade e alma simples, cujos únicos interesses na vida eram caçar e pescar, regressava de uma visita aos Estados Unidos, uma das suas companheiras de viagem era uma tal Mrs. Vansittart. Pouco depois, Mrs. Vansittart tornou-se Lady Westholme, numa união citada amiúde como um dos exemplos dos perigos das viagens oceânicas... A nova Lady Westholme andava sempre vestida de tweed e de sapatos grossos, criava cães, implicava com a gente da aldeia e obrigava implacavelmente o marido a interessar-se pela vida pública. Ao compreender, porém, que a política não era, nem seria nunca, o métier de Lorde Westholme, teve a generosidade de consentir que ele continuasse a dedicar-se às suas actividades desportivas, enquanto ela própria se candidatava ao Parlamento. Eleita por substancial maioria lançou-se com todo o vigor e todo o entusiasmo na carreira política. Não tardaram a aparecer caricaturas suas, o que é sempre um sinal certo de êxito. Como figura pública, defendia os valores tradicionais da Vida Familiar e das Obras de Caridade Femininas e tinha opiniões firmes no que respeitava à agricultura, à habitação e à extinção dos bairros de lata. Era muito respeitada e gozava de uma antipatia quase geral, o que não diminuía nada a possibilidade de lhe ser concedido um subsecretariado, quando o seu partido voltasse ao poder.

Lady Westholme viu, com grande satisfação, o automóvel afastar-se, e comentou:

- Os homens têm sempre a mania de pensar que podem impor a sua vontade às mulheres.

Sarah achou que só um homem muito corajoso teria a veleidade de se julgar capaz de impor a sua vontade a Lady Westholme...

Apresentou-lhe o Dr. Gerard, que saíra naquele momento do hotel.

- O seu nome não me é desconhecido, evidentemente - declarou Lady Westholme, enquanto lhe apertava a mão. - Outro dia estive a falar com o professor Clemenceaux, em Paris. Ultimamente tenho estudado muito a fundo a questão do tratamento dos loucos indigentes. Vamos lá para dentro, enquanto esperamos por um carro melhor?

Uma senhora baixinha, de meia-idade e farripas de cabelo grisalho, entrou atrás deles. Era Miss Amabel Pierce, o quarto membro do grupo.

- É uma mulher de carreira, Miss King?

- Acabo de me bacharelar em Medicina.

- Ótimo! - exclamou Lady Westholme, com condescendente aprovação. - Acredite, pois sou eu que lho digo, que se alguma coisa se conseguir, às mulheres se ficará a dever.

Constrangidamente consciente, pela primeira vez na sua vida, do seu sexo, Sarah foi atrás da outra e sentou-se ao lado dela.

Enquanto esperavam, Lady Westholme informou-os de que recusara um convite para ficar na residência do Alto-Comissário, enquanto permanecesse em Jerusalém.

- Não desejava de maneira nenhuma ter os meus movimentos tolhidos pelo protocolo oficial. Queria ver as coisas sozinha e a meu gosto.

"Que coisas?", perguntou-se Sarah, mentalmente.

Lady Westholme continuou a explicar que se instalara no Solomon Hotel para ter os movimentos livres, e acrescentou que apresentara algumas sugestões ao gerente, para uma orientação mais competente do hotel.

- A eficiência é a minha palavra de ordem! - afirmou.

E parecia ser! Passado um quarto de hora, chegou um automóvel grande e muito confortável e, depois de Lady Westholme indicar como deveriam arrumar a bagagem, partiram.

A primeira paragem foi no mar Morto. Almoçaram em Jericó e, quando Lady Westholme, Miss Pierce, o médico e o gordo dragomano foram visitar a antiga Jericó, Sarah preferiu ficar no jardim do hotel.

Doía-lhe um pouco a cabeça e queria estar sozinha. Sentia-se muito deprimida, sem saber porquê, perdera de súbito o interesse pelas excursões e estava farta de aturar os companheiros de viagem. Arrependia-se de ter decidido ir a Petra. Sairia muito caro e ela tinha a certeza de que não iria gostar. O vozeirão de Lady Westholme e o interminável tagarelar humilde de Miss Pierce começavam a dar-lhe cabo dos nervos, e também não lhe agradava nada a expressão sabida do Dr. Gerard, aquele ar de quem sabia exactamente o que ela sentia.

Onde estariam os Boynton, naquele momento? Talvez tivessem seguido para a Síria e se encontrassem em Baalbek ou Damasco. E Raymond... Que estaria Raymond a fazer? Era estranho como se recordava com tanta nitidez do seu rosto, da sua tensão nervosa...

Mas para que demónio continuava a pensar em pessoas que provavelmente nunca mais voltaria a ver?

Cada vez que se lembrava da cena que fizera à velha! Que a teria levado a aproximar-se e a dizer-lhe todos aqueles disparates? Talvez outras pessoas a tivessem ouvido... Parecia-lhe, até, que Lady Westholme se encontrava perto. Sarah tentou lembrar-se exactamente do que dissera. Qualquer coisa que parecera absurdo e histérico, com certeza... Que grande idiota fora! Mas a culpa não lhe cabia e, sim, a Mistress Boynton. Havia na criatura um não-sei-quê que fazia perder todo o sentido das proporções.

O Dr. Gerard entrou e deixou-se cair numa cadeira, a limpar a testa.

- Oh, aquela mulher devia ser envenenada! - exclamou.

- Mistress Boynton?

- Mistress Boynton? Não. Refiro-me a Lady Westholme! Parece-me inacreditável que seja casada há tantos anos e que o marido ainda não a tenha envenenado! De que será ele feito?

Sarah riu-se.

- Oh, ele é dos que só se interessam por pescar e caçar!

- Psicologicamente, isso é muito salutar. Sacia assim nas chamadas criaturas inferiores a sua sede de matar.

- Creio que se sente muito orgulhoso das actividades da mulher.

- Talvez porque elas a afastam muito de casa, não? - sugeriu o francês. - É compreensível. - E, após uma pausa, perguntou: - Há pouco falou de Mistress Boynton, não foi? Seria, sem dúvida, excelente idêia envenená-la também. Não deve haver solução mais simples para o problema daquela família. Na realidade, um grande número de mulheres merecia o envenenamento: todas as que se tornaram velhas e feias.

- Ah, os Franceses! - exclamou Sarah, a rir. - As mulheres só lhes interessam desde que sejam novas e atraentes!

- Somos, apenas, mais sinceros - redarguiu o francês, com um encolher de ombros. - Os Ingleses não se levantam no metropolitano e no comboio para dar o lugar a mulheres velhas e feias.

- Como a vida é deprimente! - exclamou Sarah, a suspirar.

- Você não tem necessidade nenhuma de suspirar.

- Hoje sinto-me absolutamente desanimada.

- É natural.

- É natural porquê? - perguntou a jovem, em tom brusco.

- Encontraria facilmente a razão se estudasse o seu estado de espírito com sinceridade.

- Creio que são as nossas companheiras de viagem que me deprimem. Sei que não está certo, mas detesto mulheres! Quando são nulidades idiotas como Miss Pierce, enfurecem-me, e quando são eficientes como Lady Westholme ainda me enfurecem mais.

- Essas duas pessoas não podiam deixar de a irritar. Lady Westholme nasceu exactamente para a vida que leva e é feliz e bem sucedida; Miss Pierce trabalhou durante anos como governanta de meninos e, de súbito, herdou um pequeno legado que lhe permitiu satisfazer o desejo de toda a sua vida: viajar. Até agora, a viagem tem correspondido à sua expectativa, tudo se tem passado de acordo com os seus desejos. Conseqüentemente, você, a quem acaba de ser recusada a obtenção do que pretendia, irrita-se com as pessoas a quem tudo corre pelo melhor.

- Creio que tem razão - admitiu Sarah, melancólica. - É um leitor de pensamentos horrivelmente exacto! Eu bem tento esconder os meus, mas não consigo.

Os outros regressaram, naquele momento. O guia parecia o mais exausto dos três e quase não disse nada durante a viagem para Amã.

A estrada subia, a partir do Jordão, e serpenteava entre maciços de loendros de flores cor-de-rosa. Chegaram a Amã ao fim da tarde e, após uma breve visita ao teatro greco-romano, deitaram-se cedo. No dia seguinte teriam de partir de manhãzinha, pois aguardava-os um dia inteiro de viagem de automóvel através do deserto de Maan.

Partiram pouco depois das oito horas e não pareceram muito inclinados a falar. O dia estava quente e sem uma aragem e quando ao meio-dia pararam para um almoço de piquenique, o calor tornara-se asfíxiante. A irritação de estar fechado no espaço restrito de um automóvel com quatro outros seres humanos, num dia quente como aquele, bulira um pouco com os nervos de todos.

Lady Westholme e o Dr. Gerard travaram uma discussão um bocadinho azeda acerca da supressão das quadrilhas internacionais de contrabando de drogas. "O assunto é muito grave. Segundo a Lei das Drogas Perigosas...", e continuaram por ali fora.

Miss Pierce confidenciou a Sarah, na sua voz de passarinho assustado:

- É deveras interessante viajar com Lady Westholme.

- Sim? - redarguiu a jovem, em tom ácido, mas a interlocutora não deu por isso e prosseguiu, feliz:

- Já tinha lido tantas vezes o nome dela nos jornais! Acho extraordinárias as mulheres que enveredam pela vida política e sabem manter a sua posição. Sinto-me sempre tão feliz quando uma mulher realiza qualquer coisa!

- Porquê? - indagou Sarah, em tom ainda mais acerbo.

Miss Pierce abriu a boca e começou a gaguejar um pouco.

- Porque... quero dizer... porque... enfim, é muito agradável as mulheres serem capazes de fazer coisas.

- Não concordo. É agradável qualquer ser humano ser capaz de fazer algo que valha a pena. Não importa nada que seja uma mulher ou um homem. Porque haveria de importar?

- Bem, evidentemente... Sim, confesso que, vistas as coisas desse modo...

- Desculpe, mas detesto essa diferenciação entre os sexos - disse Sarah, com mais brandura. - "A rapariga moderna tem uma atitude absolutamente prática para com a vida..." Irritam-me estes chavões, pois não contêm nada de verdade. Algumas raparigas são práticas e outras não, assim como alguns homens são sentimentais e obtusos e outros são inteligentes e lógicos. Existem apenas diferentes espécies de cérebros; o sexo só interessa no que directamente diz respeito ao sexo.

Miss Pierce corou um bocadinho à menção da palavra "sexo" e mudou habilmente de assunto:

- Era tão bom que houvesse um pouco de sombra! - murmurou. - No entanto, toda esta vastidão desértica é maravilhosa, não acha?

Sarah acenou com a cabeça. Sim, a vastidão desértica era maravilhosa, cicatrizante e apaziguadora. Não havia seres humanos a perturbar o espírito alheio com as suas enfadonhas inter-relações, nem escaldantes problemas pessoais... Agora sentia, finalmente, que estava livre dos Boynton, liberta daquele estranho desejo que a impelia a interferir na vida de pessoas cuja órbita nem de longe tocava na da sua vida.

Ali havia solidão, vazio, espaço... havia, em resumo, paz. Infelizmente, porém, não a podia gozar sozinha. Lady Westholme e o Dr. Gerard tinham abandonado o assunto das drogas e falavam acerca de jovens ingênuas, exportadas de modo sinistro para cabarés argentinos.

O médico dava mostras de uma frivolidade que Lady Westholme, como verdadeira política e, portanto, desprovida de sentido de humor, achava absolutamente deplorável.

- Continuamos a viagem, sim? - propôs o dragomano.

Faltava cerca de uma hora para o Sol se pôr, quando chegaram, finalmente, a Maan. Homens estranhos, de rostos selvagens, cercaram o carro, que partiu após uma breve paragem.

Ao percorrer com o olhar a região desértica e plana, Sarah não fazia a mínima ideia da localização da rochosa Petra. Sem dúvida viam tudo num raio de quilômetros e quilômetros à sua volta. Não havia montanhas nem montes em lado nenhum... Isso significaria que ainda estavam a muitos quilômetros do fim da viagem?

Chegaram à aldeia de Ain Musa, onde tiveram de trocar o automóvel por cavalos magros e de aspecto tristonho.

Miss Pierce ficou muito perturbada com a pouca propriedade do seu vestido de riscas. Lady Westholme, essa, optara sensatamente por calções de montar.

Os cavalos foram conduzidos para fora da aldeia, por um carreiro escorregadio, de pedras soltas, e começaram a descer, em ziguezague. Faltava pouco para o poente.

Sarah estava muito cansada da viagem de automóvel, sob a temperatura escaldante, e sentia-se entorpecida. A cavalgada parecia um sonho. Mais tarde, comparou-a ao abismo do Inferno, a abrir-se aos seus pés.

O caminho descia sempre, às curvas, e as rochas erguiam-se à roda deles. E continuavam a descer para as entranhas da Terra, através de um labirinto de penhascos vermelhos.

Sarah sentia-se sufocada, ameaçada pelo estreitamento contínuo do desfiladeiro. “A descer para o vale da morte... a descer para o vale da morte...”, pensou confusamente. Escureceu, o vermelho das rochas esmoreceu e a descida continuou, sinuosa, a aprisioná-los nas entranhas da Terra. “É fantástico e inacreditável!”, pensou de novo. “Uma cidade morta!” E as palavras “vale da morte” voltaram-lhe ao espírito, como um refrão.

Tinham acendido lanternas, enquanto os cavalos continuavam a descida pelas estreitas veredas. De súbito, desembocaram num espaço largo e os rochedos pareceram recuar. Ao longe, distinguia-se um aglomerado de luzes.

- É o acampamento - anunciou o guia.

Os cavalos estugaram um pouco o passo - não muito, pois estavam esfomeados e faltava-lhes garra, mas mesmo assim mostraram um certo entusiasmo. O caminho seguia agora pelo leito pedregoso de um rio.

Distinguiram diversas tendas, encostadas à parede de um penhasco, e viram, também, cavernas abertas na rocha. Acorreram criados beduínos, apressados.

Sarah olhou para cima. Numa das cavernas estava um vulto sentado. Que seria? Um ídolo? Uma gigantesca estátua acocorada? O tremular das luzes é que lhe dava um aspecto tão grande. Mas devia ser um ídolo qualquer, imobilizado, a abarcar todo o acampamento...

De súbito, porém, o coração da jovem deu um salto de reconhecimento. Dissipou-se a sensação de paz e de libertação que o deserto lhe dera, regressou da liberdade ao cativo. Descera àquele vale escuro, fundo e sinuoso para encontrar, como suprema sacerdotisa de qualquer culto esquecido, a detestável Mrs. Boynton...

X

Mrs. Boynton estava ali, em Petra! Sarah respondeu maquinalmente às perguntas que lhe faziam. Queria jantar já - estava pronto - ou preferia lavar-se primeiro? Desejava dormir numa tenda ou numa caverna? A resposta à última pergunta foi imediata: numa tenda. A ideia de uma caverna arrepiava-a, recordava-lhe aquela monstruosa figura. (Porque haveria naquela mulher algo que nem parecia humano?)

Por fim, seguiu um dos criados nativos, que vestia calções de caqui muito remendados, grevas mal enroladas e um casaco muito velho. Na cabeça usava o cheffiyah nativo, com um folho comprido a proteger-lhe o pescoço e seguro à volta da cabeça por uma faixa apertada, de seda preta.

Sarah admirou a facilidade do seu andar e o porte altivo e descuidado da cabeça. Só a parte europeia do seu vestuário parecia espalhafatosa e errada. “A civilização está toda errada, toda errada!”, pensou Sarah. “Se não fosse a civilização, Mrs. Boynton não existiria! Nas tribos selvagens, provavelmente, tê-la-iam morto e comido há muitos anos!”

Compreendeu, com um meio-sorriso, que estava excessivamente fatigada e enervada. Um banho quente e um pouco de pó na cara e sentiu-se de novo calma, segura de si e envergonhada do pânico que sentira.

Passou um pente pelos bastos cabelos pretos, a olhar com dificuldade a sua imagem reflectida num espelho ordinário, à luz fraca de um pequeno candeeiro a petróleo. Depois saiu da tenda, disposta a descer para a outra maior, mais abaixo, onde serviriam o jantar.

- Você... aqui? - ouviu perguntar em voz rouca e incrédula.

Virou-se e viu-se cara a cara com Raymond Boynton. Quanto espanto exprimiam os olhos do rapaz!

Mas havia neles mais qualquer coisa que a deixou muda e quase assustada, uma alegria incrível. Era como se ele tivesse tido uma visão do Paraíso e se sentisse simultaneamente duvidoso, fascinado, grato e humilde!

Sarah não esqueceria aquele olhar em toda a sua vida.

- Você... - repetiu o rapaz.

Aquele tom abafado e vibrante acelerou o ritmo do coração de Sarah, fê-la sentir-se tímida, receosa, humilde e, ao mesmo tempo, súbita e arrogantemente alegre.

- Sim - respondeu apenas.

Ele aproximou-se mais, ainda ofuscado, ainda quase incrédulo, e de repente pegou-lhe na mão.

- É você! Ao princípio pensei que fosse um fantasma, por ter pensado tanto em si... - Fez uma pausa, antes de acrescentar: - Amo-a, sabe? Amo-a desde que a vi no comboio, sei-o agora. E quero que também o saiba, para que compreenda que não sou eu, o verdadeiro eu, que procede tão grosseiramente. Ainda nem sei o que estou a fazer! Podia ter passado por si como se não a visse... mas quero que saiba que, se fizer isso, não serei eu, o verdadeiro eu. Serão os meus nervos... não posso confiar neles. Quando ela me diz que faça isto ou aquilo, eu faço! Os meus nervos obrigam-me. Compreende, não compreende? Despreze-me, se quiser...

Sarah interrompeu-o, em voz baixa e inesperadamente doce:

- Não o desprezarei.

- No entanto, sou desprezível! Devia ser... devia ser capaz de proceder como um homem.

Em parte, talvez fosse um eco da opinião de Gerard, mas foi sobretudo inspirada pelo seu próprio conhecimento e pela sua esperança que Sarah afirmou, com uma vibração de certeza e autoridade na doçura da voz:

- Agora procederá.

- Sim? - perguntou, duvidoso. - Talvez...

- Agora terá coragem, tenho a certeza.

O rapaz endireitou-se e atirou a cabeça para trás.

- Coragem? Sim, é disso que necessito. Coragem!

Baixou de súbito a cabeça, tocou-lhe na mão com os lábios e desapareceu.

Sarah seguiu para a tenda grande, onde encontrou os seus três companheiros de viagem. Estavam sentados à mesa, a comer, e o guia explicava que se encontrava no acampamento outro grupo:

- Chegaram há dois dias e partem depois de amanhã. Americanos. A mãe muito gorda, muito difícil de trazer até cá. Foi transportada numa cadeira por criados, que se queixaram do trabalho muito duro.

Sarah não conteve uma gargalhada. De facto, vistas bem as coisas, era cômico!

O gordo dragomano olhou-a agradecido. Até ali, não achara a sua tarefa muito fácil. Lady Westholme já o contradissera três vezes, durante o dia, e agora punha defeitos no tipo de cama de que dispunham.

Sentia-se, por isso, grato por um membro do seu grupo se mostrar inesperadamente bem-disposto.

- Suponho que essa gente estava no Solomon. - comentou Lady Westholme. Reconheci a mãe, quando chegamos. Creio que a vi falar com ela no hotel, Miss King.

Sarah corou, com um sentimento de culpa, e esperou que Lady Westholme não tivesse ouvido o que dissera. "Que maluquice me terá dado?", perguntou-se, angustiada.

- Não é gente nada interessante - sentenciou a política inglesa. - Muito provincianos.

Miss Pierce apressou-se a concordar, muito lisonjeadora, e a outra começou a enumerar os vários americanos proeminentes e interessantes que conhecera ultimamente.

Como o tempo estava mais quente do que era habitual naquela época do ano, combinou-se uma partida muito matutina, para o dia seguinte.

Os quatro voltaram a reunir-se para o pequeno-almoço, às seis da manhã, e não encontraram nenhum dos Boynton. Depois de Lady Westholme protestar contra a ausência de fruta, comeram uma refeição composta por chá, leite condensado e ovos estrelados com fatias de bacon muito salgado.

Partiram e Lady Westholme começou imediata e animadamente a discutir com o Dr. Gerard o valor exacto das vitaminas na dieta e a alimentação adequada das classes trabalhadoras.

De súbito, chamaram-nos, do acampamento, e pararam à espera de que outro excursionista se juntasse ao grupo: Mr. Jefferson Cope, a quem o esforço da corrida avermelhou o rosto simpático.

- Se não se importam, gostava de os acompanhar, esta manhã. Bons dias, Miss King. Foi uma surpresa muito agradável encontrá-la cá, assim como ao doutor Gerard. Que pensam disto? - Abrangeu, num gesto, as fantásticas rochas vermelhas que se erguiam em todas as direcções.

- Penso que é maravilhoso e, também, um nadinha horrível - confessou Sarah. - Sempre julguei a cidade rosa-vermelha um lugar romântico e de sonho, mas é muito mais real do que supunha... é tão real como... como carne crua.

- E de cor muito parecida - concordou Mr. Cope.

- Mas não deixa de ser maravilhoso - acrescentou a jovem.

O grupo começou a subida, acompanhado por dois guias beduínos. Homens altos e ágeis, subiam com segurança, a apoiar na encosta escorregadia, sem a mínima hesitação, as botas ferradas. As dificuldades não tardaram. Tanto Sarah como o Dr. Gerard suportavam bem a altitude, mas Mr. Cope e Lady Westholme não se sentiam muito bem e a pobre Miss Pierce teve de ser praticamente transportada ao colo nos pontos mais perigosos, de olhos fechados, tez esverdeada e um constante lamento nos lábios:

- Nunca fui capaz de olhar para baixo, de grandes altitudes...

A certa altura, declarou que voltava para trás, mas quando se virou para a descida o seu rosto tornou-se ainda mais verde e achou que continuar em frente era a única solução.

O Dr. Gerard mostrou-se amável e tranqüilizador. Seguiu atrás dela, com a bengala estendida entre a pobre mulher e o abismo, como um corrimão, e Miss Pierce confessou que a ilusão de existir uma balastrada a ajudou muito a dominar as vertigens.

Um bocadinho ofegante, Sarah conversou com o dragomano Mahmud, que apesar da sua corpulência não mostrava indícios de cansaço:

- Não costumam ter dificuldades em conduzir as pessoas cá acima? Pessoas idosas, sobretudo?

- Temos sempre dificuldades, sempre - confessou Mahmud, serenamente.

- Porque não as dissuadem?

- Gostam de vir - respondeu o homem, com um encolher de ombros. - Pagaram para ver coisas e desejam vê-las.

Os guias beduínos são muito competentes, muito firmes de pés. Desenvencilham-se sempre.

Chegaram, finalmente, ao cume e Sarah respirou fundo. Em baixo e em toda a volta só se viam rochas cor de sangue, numa paisagem estranha e incrível, sem paralelo em lado nenhum. Ali, no puro ar matinal, dir-se-iam um grupo de deuses a admirar um mundo inferior.

O guia mostrou-lhes o sulco aberto na rocha, a seus pés, e explicou que se tratava do “Lugar do Sacrifício”.

Sarah afastou-se dos outros e do alcance das frases feitas que saíam com tanta volubilidade dos lábios do dragomano. Sentou-se numa pedra, passou as mãos pelos cabelos e olhou para baixo. Pouco depois, teve consciência de que se encontrava alguém a seu lado.

- Aqui podemos avaliar a propriedade da tentação do Demônio, citada no Novo Testamento. Satanás conduziu Nosso Senhor ao cume de uma montanha e mostrou-Lhe o mundo. “Dar-Te-ei todas estas coisas se caíres e me adorares.” Num lugar alto, é muito maior a tentação de ser um Deus do Poder Material.

Sarah acenou afirmativamente, mas os seus pensamentos estavam tão longe que o médico a observou, surpreendido.

- Está a reflectir profundamente em qualquer coisa - murmurou.

- Estou, sim - confessou e olhou-o, perplexa. - Foi uma idéia maravilhosa ter um lugar de sacrifício cá em cima. Às vezes penso que é necessário um sacrifício... Quero dizer, temos tendência para atribuir excessivo valor à vida. Na realidade, a morte não é tão importante como pensamos.

- Se são esses os seus sentimentos, Miss King, não devia ter escolhido a profissão que escolheu. Para nós, a morte é, e deve ser sempre, a Inimiga.

- Sim, creio que tem razão. E, contudo, quantas vezes a morte não resolveria um problema! Poderia até significar uma vida mais cheia...

- “É conveniente para nós que um homem morra pelo povo” - citou o médico, muito grave.

- Não queria dizer...

Calou-se, pois Jefferson Cope aproximava-se.

- Este lugar é extraordinário - afirmou. - Verdadeiramente extraordinário. Ainda bem que não perdi a oportunidade de o admirar. Confesso que, embora Mistress Boynton seja uma mulher excepcional e eu admire a coragem de que deu provas ao vir a Petra, viajar com ela complica um pouco as coisas. A sua saúde é má e isso leva-a, talvez, a esquecer os sentimentos das outras pessoas, pois nem sequer lhe parece acudir a ideia de que a sua família talvez gostasse de participar em excursões sem ela. Está tão habituada a tê-los todos à sua volta que nem pensa... - Mr. Cope calou-se e o

seu rosto bondoso e simpático pareceu, de súbito, preocupado e inquieto. - Sabem, tive conhecimento de uma coisa acerca de Mistress Boynton que me perturbou muitíssimo...

Sarah estava de novo perdida nos seus pensamentos e a voz de Mr. Cope soava-lhe agradavelmente aos ouvidos, como o murmúrio de um ribeiro distante.

Mas o Dr. Gerard interessou-se:

- Sim? Que foi?

- A minha informadora foi uma senhora que conheci no hotel, em Tiberíades. O assunto relaciona-se com uma criada que estive ao serviço de Mistress Boynton. Suponho que a rapariga teve... estava... - Mr. Cope olhou delicadamente para Sarah e baixou a voz. - Ia ter um filho. Parece que a velhota o descobriu, mas, aparentemente, a continuou a tratar com bondade. De repente, porém, poucas semanas antes do nascimento da criança, pôs a criada na rua.

O Dr. Gerard arqueou as sobrancelhas e limitou-se a exclamar, pensativo:

- Ah!

- A minha informadora garantiu-me que o caso é autêntico. Não sei se concordo comigo, mas tal procedimento parece-me cruel e desapiadado. Não consigo compreender...

- Devia tentar - interrompeu-o o médico. - Tenho a certeza de que esse incidente proporcionou grande prazer a Mistress Boynton.

O americano fitou-o, indignado, e redarguiu, com ênfase:

- Não, doutor, não posso acreditar nisso. É uma ideia inconcebível.

O Dr. Gerard murmurou, docemente:

- "Por isso regressei e pensei em todas as opressões cometidas debaixo do Sol. Havia lágrimas e choros daqueles que eram oprimidos e não tinham conforto; pois os seus opressores tinham poder e, por isso, ninguém ousava confortá-los. Depois louvei os mortos que já estavam mortos, sim, mais do que os vivos que ainda se mantinham na vida; sim, o que não é está melhor do que morto ou vivo; pois ele ignora o mal que eternamente se faz na Terra..."

O médico calou-se, um momento, antes de acrescentar:

- Meu caro, tenho passado a vida a estudar as estranhas coisas que se passam na mente humana. Não é aconselhável nem benéfico virar o rosto só para o lado mais belo da vida. Sob as decências e as convenções do dia-a-dia oculta-se um imenso repositório de estranhas coisas; como, por exemplo, o gozo da crueldade pela crueldade. Mas descoberto esse gozo, há algo ainda mais profundo: o desejo imenso e confrangedor de ser apreciado. Se esse desejo é negado, se mercê de uma personalidade desagradável um ser humano é incapaz de obter a reacção de que necessita, volta-se para outros métodos (têm de o sentir, ele tem de contar) e, daí, para inúmeras e estranhas perversões. O hábito da crueldade, como qualquer outro hábito, pode ser cultivado, pode apoderar-se de uma pessoa...

Mr. Cope tossiu.

- Creio, doutor Gerard, que está a exagerar um pouco... O ar, aqui, é de facto, maravilhoso...

O americano afastou-se e o Dr. Gerard sorriu e olhou de novo para Sarah, que estava de testa franzida e muito séria. Parecia, pensou o médico, um jovem juiz prestes a proferir uma sentença... Virou-se, ao ouvir Miss Pierce aproximar-se, hesitante.

- Vamos descer! - queixou-se. - Meu Deus, tenho a certeza de que não serei capaz, mas os guias garantem que a descida é por outro caminho muito mais fácil... Espero que seja!

A descida efectuou-se pelo curso de uma queda de água. Embora as pedras soltas fossem uma possível fonte de perigo para os tornozelos, não havia panoramas estonteantes. O grupo chegou ao acampamento muito fatigado, mas com excelente apetite para um almoço tardio.

Passava das duas horas da tarde.

A família Boynton estava sentada à roda da grande mesa, na tenda das refeições, quase a acabar de comer.

Lady Westholme dirigiu-lhes uma frase amável, numa atitude muito condescendente:

- Foi uma manhã muito interessante. Petra é um lugar maravilhoso.

Carol, a quem as palavras pareciam dirigidas, lançou um olhar rápido à mãe e murmurou:

- Pois é... pois é... - e mergulhou no silêncio anterior.

Consciente do dever cumprido, Lady Westholme dedicou a sua atenção ao almoço.

Enquanto comiam, os quatro fizeram planos para a tarde.

- Creio que descansarei a maior parte da tarde. - decidiu Miss Pierce. - É importante, suponho, não nos fatigarmos demasiado num só dia.

- Eu darei um passeio, para explorar as imediações - disse Sarah. - E o doutor?

- Irei consigo.

Mrs. Boynton deixou cair uma colher, ruidosamente, e estremeceram todos.

- Parece-me que seguirei o seu exemplo, Miss Pierce - disse Lady Westholme. - Lerei meia hora, descansarei pelo menos uma hora e, depois disso, talvez dê um pequeno passeio.

Lentamente, ajudada por Lennox, Mrs. Boynton levantou-se. Ficou um momento parada, antes de decretar:

- Acho que devem dar todos um passeio, esta tarde.

Foram ridículas as expressões de espanto da família.

- Mas... e a mãe?

- Não preciso de nenhum de vocês. Gosto de passar um bocado sozinha, com um livro. A Jinny deita-se e dorme.

- Não estou cansada, mãe. Quero ir com os outros.

- Estás cansada e tens uma dor de cabeça! Precisas de ter cuidado contigo. Vai-te deitar e dorme. Eu sei o que é melhor para ti.

- Eu... eu... - Com a cabeça inclinada para trás, a jovem fitou a mãe, numa atitude de rebeldia, mas depois, pouco a pouco, baixou os olhos.

- Garota pateta! - murmurou Mrs. Boynton. - Vai para a tua tenda.

E saiu, seguida pela família.

- Meu Deus, que gente tão esquisita! - exclamou Miss Pierce.

- A mãe tem uma cor tão estranha, tão vermelha... Coração, suponho. Este calor não lhe deve fazer nada bem.

“Deixa-os em liberdade esta tarde”, pensou Sarah. “Deixa-os em liberdade e sabe que Raymond quer estar comigo. Porquê? Será uma armadilha?”

Depois de almoçar e de ir à sua tenda mudar de roupa e enfiar um vestido leve, continuou preocupada. Desde a véspera à noite que os seus sentimentos por Raymond se tinham transformado numa paixão de ternura protectora. Era, então, aquilo o amor, aquela angústia em relação a outrem, aquele desejo de evitar, custasse o que custasse, sofrimento ao ser amado?...

Sim, amava Raymond Boynton. Eram São Jorge e o dragão... ao contrário. Ela era o salvador e Raymond a vítima acorrentada. E Mrs. Boynton era o dragão. Um dragão cuja inesperada condescendência parecia muito sinistra ao espírito desconfiado da jovem inglesa.

Eram umas três e um quarto quando Sarah se dirigiu para a tenda grande. Lady Westholme estava sentada numa cadeira e, apesar do calor, continuava com a prática saia-calça de tweed. Tinha no colo um relatório oficial. O Dr. Gerard conversava com Miss Pierce, que se encontrava junto da sua tenda e tinha na mão um livro intitulado À Procura do Amor - uma emocionante história de paixão e incompreensão, segundo anunciava a capa.

- Não creio que seja sensato deitarmo-nos logo a seguir ao almoço - explicava Miss Pierce. - Por causa da digestão, compreende? Está fresco e agradável à sombra da tenda grande... Meu Deus, acha sensato aquela senhora idosa e doente estar ali sentada, ao sol?

Olharam todos para a plataforma rochosa, em frente. Mrs Boynton estava sentada como estivera na véspera: um buda imóvel, à entrada da sua caverna. Não se via mais ninguém, nas imediações. Todo o pessoal do acampamento dormia a sesta e ao longe, a seguir o contorno do vale, um pequeno grupo caminhava junto.

- Para variar, a boa mamã consente que se divirtam sem ela - comentou o Dr. Gerard. - Alguma nova patifaria, talvez?

- É exactamente isso que eu penso, também. - confessou Sarah.

- Como somos desconfiados! Venha, vamos ter com eles.

Deixaram Miss Pierce entregue à sua emocionante leitura e puseram-se a caminho. Contornada a curva do vale, alcançaram o outro grupo, que seguia devagar. Pela primeira vez, os Boynton pareciam felizes e descuidados.

A breve trecho, todos riam e conversavam. Lennox e Nadine, Carol e Raymond, o sorridente Mr. Cope e os últimos a chegar, Gerard e Sarah.

Reinava uma hilaridade febril, como se todos estivessem conscientes de que gozavam um prazer roubado e, por isso, deviam tirar dele todo o proveito. Sarah e Raymond não se separaram do grupo: a jovem inglesa colocou-se ao lado de Carol e Lennox, o Dr. Gerard conversou com Raymond, logo atrás deles, e Nadine e Jefferson Cope afastaram-se um pouco.

Foi o francês quem quebrou o grupo. Havia algum tempo que parecia falar com dificuldade e, de súbito, parou e disse:

- Peço mil desculpas, mas tenho de voltar para trás.

- Aconteceu alguma coisa? - perguntou-lhe Sarah.

- Febre. Tenho estado a senti-la aproximar-se desde o almoço.

Sarah observou-o com atenção e inquiriu:

- Malária?

- Sim. Voltarei para trás e tomarei quinino. Espero que não seja um ataque grave.

Trata-se de uma herança de um visita ao Congo...

- Quer que vá consigo?

- Não, Miss King. Trouxe um estojo de medicamentos... Não se preocupem, continuem o passeio.

Retrocedeu, apressado, na direcção do acampamento.

Sarah seguiu-o com o olhar, indecisa, mas depois os seus olhos encontraram os de Raymond, sorriram-lhe e o francês foi esquecido.

Durante algum tempo, os seis mantiveram-se unidos: Carol, Sarah, Lennox, Cope, Nadine e Raymond.

Depois, quase sem darem por isso, Sarah e Raymond afastaram-se dos outros. Subiram e contornaram rochas e, por fim, encontraram uma sombra e descansaram.

Passados alguns momentos, Raymond perguntou:

- Como se chama? O apelido sei que é King, mas desconheço o seu nome próprio.

- Sarah.

- Sarah. Posso tratá-la assim?

- Claro que pode.

- Importa-se de me falar de si, Sarah?

Recostada na rocha, Sarah falou-lhe da sua vida no Yorkshire, dos seus cães e da tia que a criara. Depois foi a vez de Raymond lhe falar um pouco desconexamente da sua própria vida.

Ficaram muito tempo calados, de mãos dadas, possuídos de estranho contentamento.

Por fim, Raymond estremeceu e disse:

- Vou regressar... Não, consigo, não. Quero ir sozinho, pois preciso de dizer e fazer uma coisa. Depois disso, depois de demonstrar a mim próprio que não sou um covarde... então não terei vergonha de lhe pedir que me ajude. Precisarei de auxílio, compreende? Provavelmente terei de lhe pedir dinheiro emprestado.

Sarah sorriu.

- Agrada-me que seja realista. Pode contar comigo.

- Mas, primeiro, tenho de agir sozinho, tenho de fazer uma coisa.

- O quê?

O rosto juvenil, tornou-se, de súbito, grave. Raymond Boynton respondeu:

- Tenho de provar a minha coragem. Será agora ou nunca.

E afastou-se, bruscamente.

Sarah encostou-se à rocha e viu-o desaparecer.

Houvera nas palavras dele algo que a alarmara vagamente. Parecera tão tenso, tão decidido... Por momentos, arrependeu-se de não ter ido com ele, mas censurou-se logo por isso. Raymond quisera ir sozinho, quisera experimentar a coragem recém-descoberta. Tinha esse direito. No entanto, Sarah pediu aos céus que essa coragem não lhe faltasse...

O Sol punha-se quando Miss King avistou de novo o acampamento. Ao aproximar-se, distinguiu mais uma vez o vulto de Mrs. Boynton, ainda sentada à entrada da caverna. Estremeceu um pouco, impressionada com aquela figura sinistra e imóvel, estugou o passo e chegou à tenda grande, que já estava iluminada.

Lady Westholme tricotava uma camisola azul, com a lã passada pelo pescoço, e Miss Pierce bordava anêmicos amores-perfeitos num pano de tabuleiro, enquanto era elucidada acerca da conveniente reforma das Leis do Divórcio. Os criados entravam e saíam, a preparar o jantar, e os Boynton estavam sentados a ler ao fundo da tenda.

Mahmud apareceu, gordo e digno - e também cheio de censuras. Tinham preparado uma interessante excursão, para depois do chá, mas estava toda a gente ausente do acampamento. O programa não fora cumprido, perdera-se uma visita muito instrutiva a obras arquitectónicas nabateanas...

Sarah apressou-se a afirmar que se tinham divertido todos muito, e foi à sua tenda, a fim de se lavar para o jantar. Ao voltar, parou junto da tenda do médico e chamou em voz baixa:

- Doutor Gerard!

Como não obtivesse resposta, levantou a lona e espreitou. O médico estava imóvel, na cama. Sarah retirou-se, em silêncio, convencida de que ele estava a dormir.

Um criado apontou para a tenda grande, sinal de que o jantar estava pronto. Já se encontravam todos sentados à mesa, com excepção do Dr. Gerard e de Mrs. Boynton. Um criado foi informar a última de que o jantar estava pronto. Pouco depois, verificou-se uma leve agitação, no exterior. Os criados irromperam pela tenda dentro, muito agitados, e foram falar, em árabe, com o dragomano.

Mahmud olhou à sua volta, preocupado, e saiu. Impulsivamente, Sarah foi ter com ele.

- Que se passa? - perguntou-lhe.

- É a senhora idosa. Abdul diz que está doente... que não se mexe.

- Eu vou ver.

Sarah estugou o passo, atrás de Mahmud, e quando chegou junto da criatura sentada na cadeira tocou-lhe na mão inchada e procurou-lhe o pulso.

Endireitou-se, muito pálida, e voltou à tenda grande. Parou um momento à entrada, a olhar para o grupo do fundo da mesa, e quando falou a sua própria voz soou-lhe brusca e pouco natural:

- Lamento... - tentou dirigir-se ao mais velho, a Lennox. - A sua mãe morreu, Mister Boynton.

E, curiosamente, como se se encontrasse muito longe, observou os rostos daquelas cinco pessoas para quem as palavras que pronunciara significavam a liberdade...

XI

O coronel Carbury sorriu ao seu convidado e ergueu o copo:

- Ao crime!

Os olhos de Hercule Poirot brilharam, ante o acerto do brinde. Chegara a Amã com uma carta de apresentação do coronel Race dirigida ao coronel Carbury. Este tivera interesse em conhecer aquela pessoa mundialmente famosa, a cujos dons o seu velho amigo e colega tecera tão rasgados elogios. "Um primor de dedução psicológica como nunca viu!", dissera Race, a respeito da solução do assassinio Shaitana.

- Mostrar-lhe-emos o mais que pudermos da região - prometeu Carbury, a torcer o bigode malhado e irregular.

Era um homem forte e desmazelado, de altura mediana, cabeça meio calva e olhos azuis vagos e brandos. Não parecia um soldado - não parecia, sequer, muito inteligente e, ao vê-lo, ninguém o imaginaria um disciplinador. No entanto, era uma força na Transjordânia.

- Há, por exemplo, Jerash... Gosta desse gênero de coisas?

- Estou interessado em tudo!
- Sim, é essa a única maneira de encarar a vida. - concordou o coronel. - Diga-me uma coisa, alguma vez notou que a sua profissão tem tendência para o acompanhar, para onde quer que vá?

- Pardon?

- Bem, por outras palavras: costuma ir a um lado à espera de gozar férias, de se afastar do crime, e encontrar cadáveres por todo o lado?

- Já tem acontecido... sim, já aconteceu diversas vezes.

- Hum... - resmungou o coronel Carbury, e pareceu distraído.

- Neste momento, tenho um cadáver acerca do qual não me sinto muito tranqüilo - disse, por fim.

- Deveras?

- É verdade. Aqui, em Amã. Uma velha americana... Foi a Petra com a família, a viagem é exaustiva e tem estado um calor pouco próprio desta época do ano... A velhota sofria do coração, a viagem foi mais difícil do que supusera, exigiu-lhe um esforço maior... e apagou-se!

- Aqui, em Amã?

- Não, em Petra. Trouxeram hoje o corpo.

- Ah!

- É tudo muito natural e perfeitamente possível... No entanto...

- No entanto...?

O coronel Carbury coçou a calva.

- Tenho a impressão de que a família lhe tratou da saúde.

- Ah! E que o leva a pensar assim?

O coronel não respondeu directamente:

- Parece que era uma velha desagradável, que não se perdeu nada. A impressão geral é que a sua morte foi uma coisa boa. De qualquer maneira, será muito difícil provar seja o que for, pois a família forma um bloco e se for preciso mentirá sem rebates de consciência. Não queremos complicações nem aborrecimentos internacionais; o mais fácil será deixar passar, tanto mais que não temos nada em que nos apoiarmos.

Conheci em tempos um médico que me disse ter, às vezes, suspeitas quanto aos seus doentes, despachados para o outro mundo um pouco antes da hora. Na opinião dele, porém, o melhor era fechar os olhos, a não ser que tivesse alguma coisa bem firme em que se basear. Caso contrário, não se provava nada, havia escândalo, e quem ficava mal visto era o pobre do médico, que quisera ser honesto. Tem uma certa lógica, mas... - Coçou outra vez a calva. - Sou um homem ordenado.

A gravata do coronel Carbury estava toda torcida, quase debaixo da orelha esquerda, as suas peúgas estavam enroladas e o seu casaco não primava pelo asseio.

Mas Hercule Poirot não sorriu da sua observação. Via claramente que a mentalidade do coronel era, de facto, ordenada, que ele catalogava os factos e estudava com todo o cuidado as impressões colhidas.

- Sim, sou um homem ordenado - repetiu Carbury, com um gesto vago. - Não gosto de desarrumações.

Hercule Poirot acenou com a cabeça, gravemente. - Estava algum médico presente?

- Estavam dois, embora um se encontrasse de cama, com malária. O outro, ou melhor, a outra, era uma jovem, acabada de sair da escola médica. No entanto, pareceu-me perceber do ofício. Não houve nada de estranho quanto à morte. A velhota tinha o “relógio avariado, tomava remédios para o coração havia algum tempo... e, portanto, a sua morte súbita não tem nada de surpreendente.

- Então que o preocupa, meu amigo?

O coronel fitou no detective os olhos azuis, cheio de embaraço.

- Já ouviu falar de um francês chamado Theodore Gerard?

- Sem dúvida. É muito famoso, na sua especialidade.

- Maluqueiras - confirmou Carbury. - Uma paixão pela mulher a dias, aos quatro anos, leva um tipo a teimar que é o arcebispo de Cantuária, aos trinta e oito... Não compreendo nem nunca compreendi porquê, mas esses tipos explicam tudo muito convincentemente.

- O doutor Gerard é uma autoridade em certas formas de neurose profunda - declarou Poirot, a sorrir. - As... as suas opiniões acerca do que sucedeu em Petra baseiam-se nesse gênero de argumento?

O coronel Carbury abanou vigorosamente a cabeça.

- Não, não! Não me preocuparia, se fosse isso. Não quero com isto dizer que não acredite que seja tudo verdade. Acontece apenas que são coisas que não compreendo, assim como não compreendo quando um dos meus beduínos sai de um carro no meio do deserto, apalpa o solo e diz onde se encontra, com uma margem de um ou dois quilômetros. Não é magia, mas parece. Não, a história do doutor Gerard é muito lógica e compreensível, consta de factos simples. Creio que, se está interessado... A propósito, está interessado?

- Estou, sim.

- Ótimo. Telefonarei a pedir a Gerard que venha até cá e, assim, poderá ouvir a história contada por ele próprio.

Quando o coronel mandou um dos seus homens tratar do assunto, Poirot perguntou-lhe:

- Em que consiste essa família?

- O apelido é Boynton. São dois filhos, um deles casado (a mulher é uma rapariga simpática, pacata e sensata), e duas filhas. Estas últimas são ambas bonitas, embora de modo totalmente diferente. A mais nova parece um bocado nervosa, mas isso talvez se deva ao choque.

- Boynton... - murmurou Poirot, de sobranceiras arqueadas. - É curioso... muito curioso...

Carbury olhou-o interrogadoramente, mas como ele não dissesse nada, prosseguiu:

- Salta aos olhos que a mãe era uma peste. Tinham de cuidar dela, pois estava inválida, e obrigava todos a dançar conforme tocava. Além disso, era senhora do dinheiro. Nenhum dos filhos tinha um péni de seu.

- Ah, muito interessante! E sabe-se como deixou o dinheiro?

- Eu próprio fiz essa pergunta, com o ar mais casual deste mundo... A herança será repartida igualmente por todos.

Poirot acenou com a cabeça, antes de perguntar:

- Pensa que estão todos implicados no caso?

- Não sei. Aí é que residirá a dificuldade. Foi um esforço concentrado, comum, ou a brilhante idéia de um dos membros da família, apenas? Não sei. Talvez, até, não se tenha passado nada. Em resumo, gostaria de conhecer a sua opinião profissional. Olhe, aí vem o doutor Gerard.

O francês entrou e, enquanto apertava a mão ao coronel, lançou um olhar interessado a Poirot.

- Este é Monsieur Hercule Poirot – apresentou Carbury. - Foi-me recomendado e eu tenho estado a conversar com ele acerca daquele assunto de Petra.

- Sim? - Gerard mediu Poirot de alto a baixo, rapidamente. - Está interessado?

Hercule Poirot levantou dramaticamente as mãos, ao responder:

- Ai de nós, estamos sempre incuravelmente interessados em assuntos relacionados com a nossa profissão!

- Sem dúvida - admitiu o médico.

- Uma bebida? - ofereceu o coronel e, juntando o gesto à palavra, preparou um uísqui com soda para o médico e estendeu a garrafa a Poirot, que recusou com um gesto de cabeça.

O coronel voltou a sentar-se e chegou a cadeira mais para a frente.

- Então, onde íamos? - perguntou.

- Pelo que deduzi, o coronel Carbury não está convencido - disse o detective ao médico.

- E a culpa disso é minha! Mas lembre-se, coronel, de que posso estar enganado, de que posso estar redondamente enganado!

- Conte os factos a Poirot, doutor.

O Dr. Gerard começou por recapitular resumidamente os acontecimentos anteriores à viagem a Petra.

Fez um esboço dos vários membros da família Boynton e descreveu o estado de tensão emocional em que se encontravam. Poirot escutou-o com interesse.

A seguir, o médico descreveu o seu primeiro dia em Petra e o seu regresso ao acampamento:

- Estava com um ataque forte de malária, do tipo cerebral, e tencionava tratar-me com uma injeção intravenosa de quinino.

Poirot acenou com a cabeça, a confirmar que compreendia.

- A febre atacara-me com violência e cheguei à minha tenda a cambalear. Ao princípio, não consegui encontrar o meu estojo de medicamentos, pois alguém o mudara de lugar. Depois, quando dei com ele, não encontrei a seringa. Procurei-a durante algum tempo, mas acabei por desistir. Tomei uma grande dose de quinino, por via oral, e atirei-me para cima da cama.

Gerard fez uma pausa, antes de prosseguir:

- A morte de Mistress Boynton só foi descoberta depois do pôr do Sol. Devido ao modo como estava sentada e ao apoio que a cadeira lhe proporcionava ao corpo, não ocorrera nenhuma mudança na sua posição e só quando um dos criados a foi chamar para jantar, às seis e meia, deu pelo que se passara.

Descreveu, pormenorizadamente, a situação da caverna e a distância a que ficava da tenda grande.

- Miss King, que é médica, examinou o corpo e, como sabia que eu estava com febre, não me chamou. Aliás, não havia nada a fazer. Mistress Boynton estava morta... e a morte ocorrera havia já algum tempo.

- Havia quanto tempo, ao certo? - perguntou o detective.
- Não creio que Miss King prestasse muita atenção a esse pormenor. Não pensou, naturalmente, que tivesse importância.

- Mas sabe-se, ao menos, quando foi vista viva pela última vez? - insistiu Poirot.

O coronel Carbury pigarreou e consultou um documento de aspecto oficial.

- Lady Westholme e Miss Pierce falaram a Mistress Boynton pouco depois das quatro da tarde. Lennox Boynton falou com a mãe cerca das quatro e meia. Mistress Lennox Boynton teve uma longa conversa com a sogra cerca de cinco minutos depois. Carol Boynton também falou com a mãe e, embora não saiba precisar as horas, deduz-se pelos depoimentos dos outros que deve ter sido mais ou menos às cinco e dez. Jefferson Cope, um americano amigo da família, viu-a a dormir, ao regressar ao acampamento com Lady Westholme e Miss Pierce, cerca das cinco e quarenta. Mas não lhe falou. Raymond Boynton, o filho mais novo, parece ter sido a última pessoa a vê-la viva. Ao regressar de um passeio, falou com ela por volta das cinco e cinquenta. O corpo foi descoberto às seis e meia, quando um criado foi anunciar a Mistress Boynton que o jantar estava pronto.

- Entre o momento em que Mister Raymond Boynton falou com ela e as seis e meia ninguém se aproximou da senhora?

- Que me conste, não.

- Mas podia-se ter aproximado alguém? - insistiu Poirot.

- Não creio. No período entre pouco antes das seis horas e as seis e meia, os criados andaram atarefados no acampamento e houve turistas a entrar e a sair das tendas. Ninguém viu fosse quem fosse aproximar-se da velha senhora.

- Então Raymond Boynton foi, sem dúvida, a última pessoa a ver a mãe viva? - inquiriu Poirot.

O Dr. Gerard e o coronel Carbury entreolharam-se. O segundo tamborilou na mesa e declarou:

- É nesse ponto que começam as complicações. Continue, Gerard.

- Como já disse, Sarah King, ao examinar o corpo de Mistress Boynton, não viu necessidade de determinar com exactidão a hora da morte. Disse apenas que Mistress Boynton estava morta "havia algum tempo". Mas quando no dia seguinte, por razões pessoais, tentei esclarecer melhor as coisas e mencionei, casualmente, que Raymond Boynton vira a mãe viva pouco antes das seis horas, Miss King afirmou, para minha surpresa, ser isso impossível, pois nessa altura Mistress Boynton já devia estar morta.

- Estranho, muito estranho - murmurou Poirot. - E que diz a isso Mister Raymond Boynton?

- Jura que a mãe estava viva - declarou Carbury. - Foi ter com ela e disse-lhe: "Já voltei. Espero que tenha passado uma tarde agradável." Qualquer coisa deste género. A mãe respondeu-lhe "bem, obrigada", e ele foi para a sua tenda.

Poirot franziu a testa, perplexo.

- Curioso - repetiu. - Curiosíssimo. Diga-me, doutor, começava a escurecer, por essa altura?

- O Sol estava a pôr-se.

- Curioso... Quando viu o corpo, doutor Gerard?

- Só no dia seguinte, às nove horas da manhã.

- E calculou a que horas teria ocorrido a morte?

O francês encolheu os ombros.

- É difícil fazer uma idéia aproximada, passado tanto tempo. Há sempre uma margem de várias horas. Se estivesse a prestar declarações sob juramento, só poderia dizer que ela não estava morta havia menos de doze horas nem mais de dezoito. Como vê, não ajuda nada.

- Continue, Gerard - pediu o coronel. - Diga-lhe o resto.

- Quando me levantei, de manhã, encontrei a minha seringa... Estava atrás de uma caixa de frascos, na cômoda. - Inclinou-se para a frente e prosseguiu: - Pode dizer, se quiser, que eu não a vira, na véspera. Encontrava-me, de facto, num estado lastimoso, a tremer de febre dos pés à cabeça, e, além disso, é freqüente, mesmo no nosso estado normal, procurarmos uma coisa e não a encontrarmos, embora ela esteja praticamente à frente dos nossos olhos. No entanto, afirmo que a seringa não estava lá quando a procurei.

- Mas ainda há mais - disse Carbury.

- Sim, há dois factos que têm muito significado. No pulso da morta havia uma marca semelhante às deixadas pela inserção de uma agulha hipodérmica... A filha alega que a mãe se picou com um alfinete...

- Que filha? - interrompeu Poirot.

- Carol.

- Continue, peço-lhe.

- Quanto ao segundo facto... Ao examinar o meu pequeno estojo de medicamentos, reparei que a quantidade de digitoxina estava muito reduzida.

- Digitoxina é um veneno para o coração, não é?

- É. Extrai-se da *Digitalis purpurea*, a dedaleira vulgar. Há quatro princípios activos: digitalina, digitonina, digitalein e digitoxina. De todos, a digitoxina é considerado o constituinte mais venenoso das folhas da *Digitalis*. De acordo com as experiências de Kopp, é seis a dez vezes mais forte do que a digitalina ou a digitalein. A sua existência está oficializada em França, mas a Farmacopeia Britânica não a registra.

- E uma grande dose de digitoxina...

O Dr. Gerard concluiu, em tom muito grave:

- Uma grande dose de digitoxina lançada subitamente na circulação sanguínea, por meio de uma injeção intravenosa, causaria morte instantânea motivada por paralisia do coração. Calcula-se que quatro miligramas podem ser fatais a um adulto.

- Mas Mistress Boynton sofria do coração...

- Sofria. Por sinal, até tomava um remédio que continha *Digitalis*.

- Isso é interessantíssimo - observou Poirot.

- Quer dizer que a morte podia ser atribuída a uma dose excessiva do seu próprio medicamento? - perguntou o coronel.

- Podia... mas quero dizer mais do que isso.

- Em certo sentido - explicou o Dr. Gerard - a *Digitalis* pode ser considerada uma droga cumulativa. Além disso, quanto ao aspecto post-mortem, os princípios activos da digitalina podem destruir a vida sem deixar vestígios nítidos do seu emprego.

Poirot acenou com a cabeça, devagar.

- Inteligente, muito inteligente... Seria quase impossível provar a um júri, satisfatoriamente, o emprego da droga. Permitam que lhes diga, cavalheiros, que, se de facto se trata de um assassinio, é um assassinio muito inteligente! A seringa reposta no seu lugar, o facto de o veneno empregado fazer parte do remédio que a vítima tomava... As possibilidades de um erro ou de um acidente são enormíssimas. Sim,

estamos perante uma cabeça com miolos! Houve estudo, cuidado, gênio... - Calou-se, por momentos, antes de acrescentar: - E, no entanto, há uma coisa que me intriga.

- O quê?

- O roubo da seringa.

- Foi levada - apressou-se a afirmar o Dr. Gerard.

- Levada... e devolvida?

- Sim.

- Estranho, muito estranho. Fora isso, tudo se ajusta muito bem...

O coronel Carbury olhou-o com curiosidade e inquiriu:

- Então? Qual é a sua opinião, como perito? Foi assassinio?

- Um momento, um momento! - pediu o detective, de mão levantada. - Ainda não chegamos a esse ponto. Precisamos de considerar certas provas...

- Que provas? Já ouviu tudo...

- Ah, mas estas provas sou eu, Hercule Poirot, que as dou! - Acenou com a cabeça e sorriu, ao ver as caras espantadas dos outros. - É engraçado, não é? É engraçado que eu, a quem contaram a história, possa, em troca, apresentar-lhes um pormenor que ignoram. Trata-se do seguinte: uma noite, no Solomon Hotel, fui à janela para me certificar de que estava fechada...

- Fechada... ou aberta? - perguntou o coronel.

- Fechada - respondeu o detective, com firmeza. - Como estava aberta, resolvi fechá-la. Mas, quando a minha mão já segurava o fecho, ouvi uma voz falar: uma voz agradável, baixa e clara, com um tremor de nervosismo. Disse para comigo que se tratava de uma voz que reconheceria, se a voltasse a ouvir. E sabem o que dizia essa voz? Dizia o seguinte: "Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes?" Fez uma pausa, antes de prosseguir: - Nessa altura, naturellement, não pensei que a frase se referisse a matar carne e sangue; pensei que se tratava de um escritor ou de um dramaturgo. Mas agora não tenho a certeza. Ou melhor, tenho a certeza de que não se tratava disso.

Fez nova pausa, mais demorada, antes de dizer:

- Messieurs, digo-lhes o seguinte: estou convencido de que tais palavras foram proferidas por um jovem que, mais tarde, vi na sala do hotel, um jovem que, a uma pergunta minha, me disseram chamar-se Raymond Boynton.

XII

- Raymond Boynton disse isso? - perguntou, surpreendido, o francês.

- Parece-lhe improvável... psicologicamente falando? - inquiriu Poirot, em tom plácido.

- Não, suponho que não. Mas fiquei surpreendido. Não sei se me compreende, mas fiquei surpreendido precisamente porque... porque Raymond Boynton parece tão talhado à medida para ser suspeito.

O coronel Carbury suspirou. Aqueles tipos com a mania da psicologia!

- O que interessa é o seguinte: que vamos fazer? - perguntou, por sua vez.

Gerard encolheu os ombros.

- Não vejo o que poderão fazer, pois as provas existentes são inconcludentes. Talvez se convençam de que se praticou um assassinio, mas será difícil prová-lo.

- Compreendo - murmurou o coronel. - Suspeitamos de que se cometeu um crime e limitamo-nos a recostar-nos na cadeira e a cruzar os braços. Não gosto disso! - E repetiu, como em desespero de causa, o que já antes afirmara várias vezes: - Sou um homem ordenado.

- Bem sei, bem sei... - Poirot acenou com a cabeça, compreensivamente. - Gostaria de esclarecer este assunto, de saber definitivamente e exactamente o que aconteceu e como aconteceu. E o senhor, doutor Gerard? Disse que nada se pode fazer, que as provas serão, com certeza, inconcludentes... Isso talvez seja verdade, mas resignar-se-á a que tudo fique assim?

- Ela tinha uma vida precária - respondeu o Dr. Gerard, devagar. - De qualquer modo, devia morrer em breve. Dentro de uma semana... um mês... um ano...

- Portanto, está resignado? - insistiu Poirot.

Gerard continuou:

- Não há dúvida de que a sua morte foi..., como dizer?, ... benéfica para a comunidade. Proporcionou liberdade à família, que terá agora possibilidade de se desenvolver. Creio que são todas pessoas de bom carácter e inteligentes, pessoas que poderão agora ser membros úteis da sociedade. Do meu ponto de vista, da morte de Mistress Boynton só resultou bem.

- Portanto, está resignado! - teimou Poirot, pela terceira vez.

- Não! - O francês deu, de súbito, um murro na mesa. - Não estou resignado, como diz. O meu instinto incita-me a preservar a vida e não a apressar a morte. Portanto, embora o meu espírito consciente me repita que a morte desta mulher foi uma coisa boa, o meu espírito inconsciente rebela-se contra ela. Não está certo, cavalheiros, que um ser humano morra antes de chegado o seu tempo de morrer.

Poirot sorriu e recostou-se na cadeira, satisfeito com a resposta que exigira tão pacientemente.

- Ele não gosta de assassinio - comentou o coronel Carbury, sem se emocionar. - Muito bem, eu também não gosto! - Levantou-se e preparou um uísqui com soda; os copos dos seus convidados ainda estavam cheios. - Vamos, agora, ao que interessa. - Pode-se fazer alguma coisa? Não gostamos de assassinio, pois não, mas talvez tenhamos de o engolir. Não valerá a pena perdermos tempo, se não houver nada a fazer.

- Qual é a sua opinião profissional, Monsieur Poirot? - inquiriu o médico. - O senhor é o especialista.

Poirot levou o seu tempo a responder. Alinhou metodicamente dois ou três cinzeiros e fez um montinho com os fósforos consumidos.

- Coronel Carbury, deseja saber, não é verdade, quem matou Mistress Boynton? (Se ela foi morta, evidentemente, e não morreu de morte natural.) Interessa-lhe saber exactamente como e quando ela foi morta, isto é, toda a verdade acerca do assunto?

- Sim, gostaria de saber tudo isso.

- Não vejo motivo nenhum para não o saber - redarguiu o detective, a falar muito devagar.

O Dr. Gerard olhou-o com incredulidade e o coronel mostrou-se medianamente interessado.

- Não vê, hem? Isso é interessante. Como se propõe resolver o problema?

- Por meio de raciocínio e de uma metódica escolha das provas.

- Acho bem - declarou o coronel.

- E, também, pelo estudo das possibilidades psicológicas.
- O doutor Gerard acha, com certeza, bem... E depois disso, depois de ter joeirado as provas, raciocinado e mergulhado na psicologia, acha que pode tirar um coelho do chapéu?

- Ficaria muito surpreendido se não pudesse. - respondeu Poirot, calmamente.

O coronel Carbury observou-o por cima do copo. Momentaneamente, os seus olhos deixaram de ser vagos, observaram e avaliaram. Por fim resmungou entre dentes, pousou o copo e inquiriu:

- Que diz, doutor Gerard?

- Admito que encaro com cepticismo a possibilidade de êxito. No entanto, sei que Monsieur Poirot tem grandes faculdades...

- Tenho-as, de facto. - O homenzinho sorriu modestamente.

Carbury virou a cabeça e tossiu, e Poirot continuou:

- A primeira coisa a esclarecer é se estamos perante um assassínio de conluio, planeado e executado pela família Boynton como um todo, ou se é obra apenas de um deles. No último caso, precisamos de avaliar qual é o membro da família com mais probabilidades de tal cometimento.

- A esse respeito, podemos tomar em consideração aquilo que o senhor próprio nos disse. Devemos começar, suponho, por Raymond Boynton.

- Concordo - declarou o detective. - As palavras ouvidas por mim e a discrepância entre as declarações dele e a afirmação da jovem médica colocam-no, sem dúvida, na primeira fila dos suspeitos. De acordo com a história por ele contada, foi a última pessoa a ver Mistress Boynton viva. Sarah King, porém, rebate essa afirmação. Diga-me, doutor, existe... enfim, sabe a que me refiro... existe, digamos, um pouco de tendresse entre os dois?

- Sem dúvida nenhuma! - confirmou o médico, a acenar com a cabeça.

- Ah! A jovem médica é uma morena de cabelo penteado para trás, grandes olhos castanhos e um ar muito decidido?

O Dr. Gerard confirmou, surpreendido:

- Sim, essa descrição assenta-lhe perfeitamente!

- Creio que a vi no Solomon Hotel. Ela falou com o tal Raymond Boynton e ele ficou especado, a sonhar em pé e a impedir a saída do elevador. Tive de dizer "Pardon" três vezes antes de ele ouvir e se desviar. - Poirot pensou, uns instantes, antes de prosseguir: - Portanto, para começar, aceitamos com certas reservas mentais o testemunho médico de Miss Sarah King. Ela é parte interessada. Diga-me, doutor Gerard, parece-lhe que Raymond Boynton possui temperamento que lhe permita cometer facilmente um assassínio?

- Refere-se a um assassínio deliberado, planeado e premeditado? Parece-me possível... mas só em condições de forte tensão emocional.

- Essas condições existiam?

- Sem dúvida. Esta viagem ao estrangeiro aumentou a tensão nervosa e mental em que os membros da família viviam. O contraste entre a sua vida e a das outras pessoas tornou-se-lhes mais aparente, e no caso de Raymond Boynton...

- Sim?

- Houve a complicação adicional de se sentir fortemente atraído por Sarah King.

- E isso dar-lhe-ia um motivo suplementar, um novo estímulo?

- Exactamente.

O coronel Carbury tossiu e meteu-se na conversa:

- Dêem-me licença, por favor. Essa frase que o senhor ouviu: "Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes?", deve ter sido dita a alguém.

- Boa observação - elogiou o detective. - Esquecera-me desse pormenor. Sim, com quem estava Raymond Boynton a falar? Sem dúvida com uma pessoa da sua família. Mas qual? Pode-nos dizer alguma coisa acerca do estado mental dos outros membros da família, doutor?

Gerard respondeu sem hesitar:

- Suponho que Carol Boynton se encontrava num estado muito semelhante ao de Raymond, um estado de rebelião acompanhado de grave agitação nervosa, mas, no seu caso, sem a agravante de um factor sexual. Lennox Boynton já ultrapassara a fase da revolta, estava mergulhado numa grande apatia e creio que tinha dificuldade em se concentrar. Como reacção ao que o cercava, refugiava-se cada vez mais dentro de si próprio. Transformara-se, indubitavelmente, num introvertido.

- E a mulher?

- A mulher, embora fatigada e infeliz, não dava indícios de qualquer conflito mental. Suponho que se encontrava hesitante, à beira de uma decisão.

- Que decisão?

- Deixar ou não o marido.

O médico repetiu a conversa que tivera com Jefferson Cope e Poirot acenou com a cabeça.

- E acerca da pequena mais nova? Chama-se Ginevra, não é?

O francês respondeu com uma expressão e num tom muito grave:

- Acho que, mentalmente, se encontra num estado gravíssimo. Já começou a evidenciar sintomas de esquizofrenia. Incapaz de suportar a supressão da sua vida, refugia-se num mundo de fantasia e tem já acentuadas manias de perseguição: diz ser uma personagem real em perigo, rodeada de inimigos... O costume.

- E isso é... perigoso?

- Muito perigoso. É o começo do que, não raro, se transforma numa mania homicida. O doente não mata pelo prazer de matar, mas como autodefesa, mata para não ser morto. Do seu ponto de vista, tal procedimento é muitíssimo racional.

- Pensa, então, que Ginevra Boynton podia ter assassinado a mãe?

- Podia, mas duvido que possuísse os conhecimentos ou a astúcia necessários para matar desta forma. A astúcia do gênero de mania de que padece é geralmente muito simples e evidente. Além disso, tenho quase a certeza de que ela escolheria um método mais espectacular.

- Mas, apesar de tudo, é uma possibilidade? - insistiu Poirot.

- É.

- E depois, depois de cometido o acto? Pensa que o resto da família sabe quem foi?

- Sabe! - afirmou, inesperadamente, o coronel Carbury. - Nunca encontrei nenhum grupo de pessoas com sinais tão evidentes de ter algo que esconder.

- Obrigá-los-emos a dizer-nos o que é! - declarou o detective.

- Terceiro grau? - perguntou Carbury, de sobranceiras arqueadas.

- Não. Simples conversação. Como sabem, de uma maneira geral as pessoas dizem a verdade. E dizem a verdade porque é mais fácil, porque exige uma tensão menor às faculdades inventivas! Pode-se dizer uma mentira, ou duas mentiras, ou três

mentiras, ou até quatro mentiras; mas não se pode mentir sempre! Portanto, a verdade é mais simples.

- Tem uma certa lógica - admitiu Carbury. - Disse que falava com eles, não disse? Isso significa que está disposto a aceitar o caso?

- Sejamos claros, o mais claros possível - respondeu Poirot. - O que o senhor me pede e o que eu tenciono proporcionar-lhe é a verdade. Mas não esqueça que, mesmo quando estivermos de posse da verdade, talvez não disponhamos de provas. Isto é, de provas susceptíveis de serem aceites num tribunal. Compreende?

- Perfeitamente. O senhor elucida-me acerca do que na realidade sucedeu e depois competir-me-á decidir se é possível empreender alguma acção, tendo em conta os aspectos internacionais. De qualquer maneira, o assunto ficará claro, não haverá confusões.

Poirot sorriu.

- Mais uma coisa - prosseguiu o coronel. - Não lhe posso dar muito tempo, pois ser-me-á impossível demorar esta gente indefinidamente.

- Poderá demorá-los vinte e quatro horas. Saberá a verdade amanhã à noite.

- Está muito cheio de confiança, não está? - perguntou o coronel, a fitá-lo.

- Tenho consciência das minhas aptidões.

Constrangido pela atitude tão pouco britânica do detective, o coronel Carbury desviou o olhar e afagou o bigode rebelde.

- Bem, é consigo - murmurou.

XIII

Sarah King fitou perscrutadoramente Hercule Poirot. Reparou na cabeça ovóide, no descomunal bigode, no aspecto de dandy e na suspeita cor preta do cabelo. Nos seus olhos insinuou-se uma expressão de dúvida.

- Então, mademoiselle, está satisfeita?

Sarah corou, ao ver o seu olhar irónico e divertido, e murmurou, atrapalhada:

- Peço desculpa.

- Du tout! Mediu-me de alto a baixo, como se costuma dizer, não é verdade?

A jovem esboçou um sorriso.

- Bem, pelo menos pôde pagar-me na mesma moeda.

- Sem dúvida. Não desperdicei essa oportunidade.

Sarah olhou-o de novo, de pé atrás. Havia qualquer coisa no seu tom... Mas Poirot estava a retorcer o bigode, complacentemente, e a jovem pensou (pela segunda vez): "O indivíduo é um charlatão!" Recuperada a confiança em si própria, endireitou-se melhor na cadeira e observou:

- Não creio compreender o objectivo desta entrevista.

- O bom doutor Gerard não lhe explicou?

- Também não compreendo o doutor Gerard. - respondeu Sarah, de testa franzida.

- Ele parece pensar...

Que existe algo podre no reino da Dinamarca. - citou Poirot. - Conheço o vosso Shakespeare.

Sarah acenou com a mão, a despedir Shakespeare, e perguntou:

- A que vem, ao certo, tudo isto?

- Eh bien, desejamos descobrir a verdade deste caso, não desejamos?

- Está a referir-se à morte de Mistress Boynton?

- Estou.

- Não estarão a levantar uma lebre que não existe? O senhor é especialista, portanto é natural que...

- Portanto é natural que suspeite da existência de crime sempre que me surge um pretexto, não é isso?

- Bem... talvez.

- Não tem quaisquer dúvidas acerca da morte de Mistress Boynton?

Sarah encolheu os ombros, antes de responder:

- Se tivesse ido a Petra, Monsieur Poirot, compreenderia que a viagem é extenuante para uma mulher idosa e cujo estado cardíaco deixava muito a desejar.

- Parece-lhe perfeitamente lógico o que sucedeu?

- Com certeza. Não compreendo a atitude do doutor Gerard. Ele nem sequer deu por nada, pois estava de cama, com febre. Submeter-me-ia, naturalmente, aos seus conhecimentos médicos superiores, mas neste caso ele não teve nada em que se basear. Suponho que, se quiserem, se o meu veredicto não os convencer, poderão proceder a uma autópsia, em Jerusalém.

Poirot pensou um momento, antes de dizer:

- Há um facto que desconhece, Miss King, pois o doutor Gerard não lho revelou.

- Que facto?

- Desapareceu do estojo de medicamentos do doutor Gerard certa quantidade de uma droga chamada digitoxina.

- Ah! - Sarah avaliou, acto contínuo, a nova faceta do caso, mas não deixou de perguntar: - O doutor Gerard tem a certeza absoluta?

- Como deve saber, mademoiselle, um médico tem, geralmente, cuidado ao prestar declarações, sobretudo deste género.

- Sim, evidentemente. Mas o doutor Gerard estava doente, com um ataque de malária.

- Também é verdade.

- Ele faz alguma ideia de quando lhe terão tirado a droga?

- Teve ocasião de mexer no estojo dos medicamentos na noite em que chegou a Petra, pois precisou de uns comprimidos para as dores de cabeça. Quando na manhã seguinte arrumou os comprimidos e fechou o estojo, não notou nenhuma falta, tem quase a certeza de que todas as drogas estavam intactas.

- Quase...

- Sim, há uma dúvida - admitiu Poirot, com um encolher de ombros. - Há a dúvida que qualquer homem honesto sentiria.

- Compreendo. Desconfiamos sempre das pessoas excessivamente seguras e convencidas. Mesmo assim, Monsieur Poirot, isso é muito pouco. Parece-me...

Poirot acabou, mais uma vez, por ela:

- Parece-lhe desaconselhável uma investigação da minha parte.

- Francamente, parece - confirmou, a olhá-lo de frente. - Não haverá um pouco de deformação profissional...

Poirot interrompeu-a, a sorrir:

- A vida privada de uma família devassada e transtornada para que Hercule Poirot se possa divertir a brincar aos detectives, hem?

- Não desejo ser ofensiva... mas não será, em parte, isso?

- Está, então, do lado da família Boynton, mademoiselle?
- Creio que estou. Já sofreram muito... não deviam ser obrigados a sofrer mais.
- A mamã era desagradável, autoritária, antipática e está decididamente melhor morta do que estaria viva?

- Postas as coisas nesse pé... - Sarah calou-se, corou e concluiu: - Concordo que não devemos tomar esses factores em consideração.

- Mas, mesmo assim, tomamo-los! Isto é, a mademoiselle toma-os. Eu não! A mim tanto me faz que a vítima seja um dos santos do bom Deus como um monstro de infâmia. Só um factor me interessa: foi tirada uma vida. Sempre disse e repito que não aprovo o assassinio.

- Assassinio! - Sarah conteve bruscamente a respiração. - Mas que provas tem disso? As mais frágeis possíveis! O próprio doutor Gerard não pode ter a certeza!

- Mas há outros indícios, mademoiselle - redarguiu o detective, calmo e imperturbável.

- Quais?

- A marca deixada por uma injeção no pulso da morta. E mais, ainda: certas palavras que eu ouvi em Jerusalém, numa noite calma, quando fui fechar a janela do meu quarto. Quer que lhe diga que palavras foram essas, Miss King? Eu digo. Ouvi Mister Raymond Boynton dizer: "Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes?"

Sarah empalideceu e perguntou:

- O senhor ouviu isso?

- Ouvi.

De olhos fixos, a jovem murmurou:

- E tinha de ser logo o senhor a ouvi-lo!

- É verdade, tinha de ser logo eu. São coisas que acontecem. Compreende agora porque considero necessária uma investigação?

- Suponho que tem razão.

- E ajudar-me-á?

- Com certeza. - A voz de Sarah não exprimia qualquer emoção e nos seus olhos só havia frieza.

- Obrigado, mademoiselle. Agora peço-lhe que me conte, por palavras suas, exactamente o que sucedeu no dia em questão.

- Deixe ver... De manhã participei numa excursão a que nenhum dos Boynton compareceu. Vi-os ao almoço. Mistress Boynton parecia mais bem-disposta do que era habitual.

- Consta-me que não costumava ser amável.

- Muito longe disso!

A jovem descreveu, a seguir, o modo como a velha dispensara a família de lhe ficar a fazer companhia.

- Isso também não era habitual?

- Não. Geralmente não os deixava afastarem-se dela.

- Parece-lhe que se terá sentido, de súbito, repesa, que teve aquilo a que se chama um bom momento?

- Não, não me parece - respondeu Sarah, sem hesitar.

- Que lhe pareceu, então, estar na origem desse procedimento?

- Fiquei intrigada e pensei que se devia tratar de uma espécie de jogo de gato-e-rato.

- Se quisesse fazer o favor de ser mais explícita, mademoiselle.

- Um gato gosta de largar um rato, para depois o voltar a apanhar. Mistress Boynton possuía esse tipo de mentalidade. Pensei, por isso, que estava a engendrar uma nova perfídia.

- E depois, que sucedeu?

- Os Boynton partiram...

- Todos?

- Não. A pequena mais nova, Ginevra, ficou.

mãe ordenou-lhe que descansasse.

- E ela desejava descansar?

- Não, mas isso não interessava. Fez o que lhe mandaram. Os outros partiram e eu e o doutor Gerard fomos ter com eles...

- Quando foi isso?

- Cerca das três e meia.

- Onde estava, então, Mistress Boynton?

- Nadine, Mistress Lennox, sentara-a na cadeira, à entrada da caverna.

- Prossiga.

- Quando contornámos a curva, o doutor Gerard e eu alcançámos os outros. Seguimos juntos, mas passado um bocado o doutor Gerard voltou para trás. Havia momentos que parecia esquisito e eu percebi que tinha febre. Quis voltar com ele, mas não mo consentiu.

- Que horas eram, então?

- Umas quatro, suponho.

- E os restantes?

- Continuámos o passeio.

- Todos juntos?

- Ao princípio, sim. Depois separámo-nos. - Sarah começou a falar mais depressa, como se adivinhasse a pergunta seguinte: - Nadine Boynton e Mister Cope foram para um lado e Carol, Lennox, Raymond e eu para outro.

- E continuaram assim?

- Bem... não. Raymond e eu separámo-nos dos outros. Sentámo-nos numa rocha, a admirar a paisagem, até que ele regressou e eu me deixei ficar mais um bocado. Eram quase cinco e meia quando vi as horas e achei melhor regressar, também. Cheguei ao acampamento às seis horas.

- Passou por Mistress Boynton, ao regressar?

- Reparei que ainda se encontrava na sua cadeira, na plataforma rochosa.

- Não lhe pareceu estranho que ela não se tivesse mexido?

- Não. Já a vira ali sentada, da mesma maneira, na noite anterior, quando o nosso grupo chegara.

- Compreendo. Continue.

- Fui à tenda grande, onde se encontravam todos os outros, menos o doutor Gerard. A seguir fui-me lavar e voltei. Quando começaram a servir o jantar, um dos criados foi chamar Mistress Boynton, mas voltou a correr e disse que ela estava doente. Fui imediatamente vê-la. Continuava sentada na cadeira, mas mal lhe toquei compreendi que estava morta.

- Não teve quaisquer dúvidas quanto ao facto de a sua morte ser natural?
- Não. Ouvira dizer que sofria do coração, embora não tivessem mencionado nenhuma doença específica.

- Pensou que ela morreria sentada na cadeira?

- Pensei.

- Sem pedir auxílio?

- Sim. Acontece assim, às vezes. Podia, até, ter morrido enquanto dormia, pois era natural que tivesse passado pelo sono. No acampamento dormiram todos a sesta, durante a maior parte da tarde, e ninguém a ouviria, mesmo que pedisse auxílio, a não ser que gritasse muito alto.

- Calculou havia quanto tempo ela morreria?

- Bem, confesso que não pensei muito nisso. Era evidente, no entanto, que morreria havia algum tempo.

- Como define esse “algum tempo”?

- Bem... mais de uma hora. Mas também podia ser muito mais do que isso. A reflexão do calor da rocha não deixaria o seu corpo arrefecer muito depressa.

- Mais de uma hora? Sabe que Mister Raymond Boynton falou com ela pouco mais de meia hora antes de a mademoiselle a encontrar morta e que ela estava, então, viva?

Sarah baixou os olhos, mas abanou a cabeça e respondeu:

- Deve-se ter enganado, deve ter falado com ela mais cedo.

- Não, mademoiselle, não foi mais cedo.

Sarah fitou-o e Poirot notou, mais uma vez, o traço firme da sua boca.

- Sou nova e não tenho muita experiência de lidar com cadáveres, mas sei o suficiente para ter a certeza de uma coisa: Mistress Boynton morreria havia pelo menos uma hora quando examinei o seu corpo!

- Essa é a sua história, à qual se manterá firme. – comentou Poirot, inesperadamente.

- É a verdade.

- Poderá, então, explicar por que motivo Mister Boynton disse que a mãe estava viva quando na realidade ela estava morta?

- Não faço a mínima ideia. Provavelmente têm todos uma noção muito vaga do tempo. Constituem uma família muito nervosa.

- Quantas vezes falou com eles, mademoiselle?

Sarah franziu a testa, a pensar.

- Não tenho a certeza... Falei com Raymond Boynton no corredor do comboio, quando vínhamos de Jerusalém; falei duas vezes com Carol Boynton, uma na Mesquita de Omar e outra na noite desse dia, no meu quarto; falei com Mistress Lennox Boynton na manhã seguinte... E foi tudo, até à tarde em que Mistress Boynton morreu e em que passeámos todos juntos.

- Não teve nenhuma conversa com a própria Mistress Boynton?

Sarah corou, constrangida.

- Tive. Troquei algumas palavras com ela, no dia em que partiu de Jerusalém. - E confessou, atrapalhada: - Para ser franca, armei em idiota.

- Sim? - A interrogação era tão vincada que, embora contrafeita, Sarah relatou a conversa.

Poirot pareceu interessado e interrogou-a com minúcia a esse respeito.

- A mentalidade de Mistress Boynton é muito importante, neste caso. E a mademoiselle é uma pessoa de fora, uma observadora sem ideias preconcebidas. É por isso que a sua opinião acerca dela se reveste de tanto significado.

Sarah não respondeu. Ainda corava e se sentia mal quando recordava o que dissera à velha Mistress Boynton.

- Obrigado, mademoiselle. Agora conversarei com as outras testemunhas.

Sarah levantou-se.

- Desculpe, Monsieur Poirot, mas se me permite uma sugestão...

- Sem dúvida, sem dúvida!

- Porque não adia tudo isto até efectuarem a autópsia e saber se as suas suspeitas são ou não justificadas?

Poirot levantou a mão, num gesto pomposo, e redarguiu:

- É este o método de Hercule Poirot.

Sarah cerrou os lábios com força e saiu.

XIV

Lady Westholme entrou na sala com a segurança de um transatlântico a entrar na doca.

Miss Amabel Pierce, um barquito sem importância, entrou na sua esteira e sentou-se numa cadeira mais modesta e um pouco para a retaguarda.

- Claro que terei muito prazer em o auxiliar de todos os modos possíveis - afirmou Lady Westholme. - Sempre achei que, em assuntos desta natureza, temos o dever cívico...

Depois de Lady Westholme dissertar durante alguns minutos acerca dos deveres cívicos, Poirot conseguiu fazer uma pergunta.

- Lembro-me perfeitamente da tarde em questão - respondeu-lhe, sem hesitar, a política inglesa. - Miss Pierce e eu faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance para o ajudarmos.

- Oh, com certeza! - exclamou Miss Pierce, quase em êxtase. - Tão trágico! Morreu enquanto o Diabo esfregou um olho...

- Agradecia que me dissessem exactamente o que sucedeu.

- Pois sim - prontificou-se Lady Westholme. - Depois de almoçarmos, resolvi dormir uma pequena sesta, pois a excursão da manhã fora um pouco fatigante. Não que estivesse realmente fatigada, pois não sei o que é o cansaço. Em funções públicas, seja como for que nos sintamos, temos tantas vezes...

Mais uma vez, Poirot insinuou uma pergunta.

- Como disse, resolvi dormir uma sesta. Miss Pierce concordou comigo.

- Oh, sim! - confirmou Miss Pierce. - Estava terrivelmente cansada, depois do passeio da manhã. Foi uma subida perigosa e muito exaustiva, apesar de interessante. Não sou tão forte como Lady Westholme...

- Portanto, depois do almoço, cada uma das senhoras foi para a sua tenda?

- Sim.

- Mistress Boynton estava sentada à entrada da sua caverna?

- A nora instalou-a lá, antes de partir.

- Podiam vê-la ambas?

- Oh, sim! - afirmou Miss Pierce. - Ela estava defronte de nós, embora a certa distância e um pouco acima.

Lady Westholme esclareceu:

- As cavernas davam para uma plataforma, abaixo da qual ficavam algumas tendas. Depois havia um regato e do outro lado do regato ficava a tenda grande e algumas tendas mais. As nossas, a de Miss Pierce e a minha, ficavam perto da tenda grande, a dela do lado direito e a minha do lado esquerdo. A abertura das nossas tendas ficava virada para a plataforma, mas com alguma distância de permeio.

- Cerca de cento e oitenta metros, segundo me consta?

- Talvez.

- Tenho aqui uma planta, elaborada com a ajuda do dragomano, Mahmud.

Lady Westholme observou que provavelmente estava errada:

- Esse homem é muito pouco exacto. Confrontei as suas informações com o meu Baedeker e encontrei vários erros crassos.

- Segundo a minha planta - prosseguiu Poirot -, a caverna contígua à de Mistress Boynton era ocupada pelo seu filho Lennox e pela mulher deste. Raymond, Carol e Ginevra Boynton tinham tendas em baixo, mas mais para a direita, na realidade quase defronte da tenda grande. À direita da tenda de Ginevra Boynton ficava a do doutor Gerard e ao lado da deste a de Miss King. Do outro lado (perto da tenda grande e à esquerda), ficava a sua tenda e a de Mister Cope. A de Miss Pierce, como mencionou, ficava à direita da tenda grande. Está certo?

Lady Westholme admitiu, com cara de poucos amigos, que parecia estar certo.

- Obrigado. Queira continuar.

A inglesa sorriu e continuou:

- Cerca de um quarto para as quatro, fui à tenda de Miss Pierce, para saber se já estava acordada e lhe apetecia dar um passeio. Encontrei-a sentada à entrada, a ler.

Combinámos que partiríamos dali a meia hora, quando o sol estivesse menos forte. Regressei à minha tenda e li durante cerca de vinte e cinco minutos. Depois fui ter com Miss Pierce e partimos. No acampamento parecia estar toda a gente a dormir, pois não se via ninguém. Ao reparar em Mistress Boynton, sentada sozinha, sugeri que lhe perguntássemos se desejava alguma coisa, antes de partirmos.

- É verdade - murmurou Miss Pierce. - Foi uma ideia muito simpática da sua parte.

- Achei que era meu dever.

- E, afinal, ela foi tão grosseira!

Poirot arqueou as sobrancelhas, interrogador.

- O nosso caminho passava sob a plataforma - explicou Lady Westholme - e eu disse a Mistress Boynton que íamos dar um passeio e perguntei-lhe se desejava que lhe fizéssemos alguma coisa, antes de partirmos. Sabe qual foi a única resposta que ela nos deu, Monsieur Poirot? Um rosnido! Olhou-nos como se fôssemos... como se fôssemos lixo!

- Uma grande má educação! - afirmou, corada, Miss Pierce.

- Confesso que, nesse momento, fiz uma observação pouco generosa... - disse Lady Westholme, e corou também um pouco.

- Qual foi essa observação?

- Disse a Miss Pierce que talvez ela tivesse bebido! Na verdade, a sua atitude tinha sido tão peculiar, desde o princípio... Enfim, pensei que a bebida talvez fosse uma justificação.

Habilmente, Poirot desviou a conversa do pormenor da bebida.

- A atitude dela fora muito peculiar, no dia em questão? Ao almoço, por exemplo?

- Não... - respondeu Lady Westholme, pensativa. - Creio que a sua atitude foi razoavelmente normal... para uma americana daquele tipo, claro.

- Foi muito grosseira com o criado - lembrou Miss Pierce.

- Ah, sim! Pareceu muito aborrecida com ele. Claro que é muito irritante lidar com criados que não compreendem uma palavra de inglês, mas quando viajamos temos de dar desconto a certas coisas.

- De que criado se tratou?

- Um dos beduínos de serviço no acampamento. Foi ter com ela... Creio que Mistress Boynton o deve ter mandado buscar qualquer coisa e ele lhe levou outra. Não sei o que se passou, só sei que ela pareceu muito irritada. O pobre homem afastou-se o mais depressa que pôde, mas ela ameaçou-o com a bengala e gritou.

- Gritou o quê?

- A distância não nos deixou ouvir. Pelo menos eu não ouvi nada. E a senhora, Miss Pierce?

- Também não. Suponho que ela o mandara buscar qualquer coisa à tenda da filha mais nova... ou que estava irritada com ele por ter entrado na tenda da pequena... Não compreendi bem.

- Como era ele?

Miss Pierce abanou a cabeça, de modo vago.

- Francamente, não sei. A distância era muita e estes árabes parecem-me todos iguais.

- Era um homem de altura superior à média explicou a lady inglesa - e usava na cabeça o ornamento nativo. Vestia uns calções muito rotos e remendados (uma vergonha!) e tinha as grevas mal enroladas.

- Poderia indicar esse criado, entre os outros?

- Duvido. Não lhe vimos a cara, devido à distância, e, como Miss Pierce disse, estes árabes parecem todos iguais.

- Que terá ele feito para irritar tanto Mistress Boynton? - murmurou Poirot, pensativo.

- As vezes esgotam a paciência a uma pessoa - sentenciou Lady Westholme. - Um deles levou-me os sapatos, apesar de eu lhe ter dito (por gestos, claros!) que preferia limpá-los pessoalmente.

- Também faço sempre isso - disse Poirot, por momentos distraído do assunto em causa. - Trago sempre comigo o material necessário para limpar os sapatos e um pano do pó.

- Também eu. - Lady Westholme pareceu perfeitamente humana, ao fazer tal afirmação.

- Os criados árabes não limpam o pó aos objectos de cada um...

- Tem razão! Eu não posso tolerar falta de limpeza! As moscas, nos bazares... Oh, é terrível!

- Muito bem, muito bem - murmurou Poirot, com um ar um pouco culpado. - Em breve poderemos perguntar a esse homem que fez ele para irritar Mistress Boynton. Continue com a sua história, sim?

- Começámos a passear devagar e, um pouco adiante, encontrámos o doutor Gerard, que vinha a cambalear e parecia muito doente. Vi logo que tinha febre.

- Tremia todo - acrescentou Miss Pierce.

- Compreendi que se tratava de um ataque de malária e ofereci-me para o acompanhar e arranjar-lhe quinino, mas ele disse que estava prevenido com o medicamento.

- Pobre homem! - lamentou Miss Pierce. - Parece-me sempre tão triste ver um médico doente!

- Continuámos a passear e por fim sentámo-nos numa rocha.

- Eu estava tão cansada depois do esforço da manhã... de toda aquela subida...

- Não sei o que é o cansaço - repetiu Lady Westholme, com firmeza. - Mas não valia a pena irmos mais longe. Donde estávamos, podíamos admirar bem todo o panorama circundante...

- Tão romântico! Um acampamento levantado no meio de um deserto de rochas vermelhas!

- Um acampamento que podia ser muito melhor dirigido do que é! - sentenciou Lady Westholme, com as grandes narinas frementes. - Hei-de falar do assunto a Castle. Duvido muito que fervam e filtrem a água que se bebe... Hei-de frisar esse pormenor.

Poirot tossiu e desviou o assunto da água que se bebia:

- Viram alguns outros membros do grupo?

- Vimos. Mister Lennox Boynton e a mulher passaram por nós, quando regressavam ao acampamento.

- Passaram juntos?

- Não. Mister Boynton passou primeiro e parecia um pouco tonto, como se tivesse apanhado uma ponta de sol.

- Que fez Mister Lennox Boynton, ao chegar ao acampamento?

Pela primeira vez, Miss Pierce conseguiu antecipar-se à outra senhora:

- Foi logo ter com a mãe, mas não ficou muito tempo com ela.

- Quanto tempo calcula?

- Apenas um ou dois minutos.

- Quanto a mim, diria que foi pouco mais de um minuto - interveio Lady Westholme. - Depois entrou na sua caverna e a seguir saiu e desceu para a tenda grande.

- E a mulher?

- Chegou cerca de um quarto de hora depois. Parou um momento a conversar conosco, delicadamente.

- Acho-a muito simpática - elogiou Miss Pierce.

- Não é tão impossível como o resto da família. - condescendeu Lady Westholme.

- Viram-na regressar ao acampamento?

- Vimos. Falou um momento com a sogra e depois entrou na sua caverna, trouxe uma cadeira, sentou-se e continuou a conversar com ela durante cerca de dez minutos.

- E a seguir?

- Levou a cadeira para dentro e foi para a tenda grande, onde o marido estava.

- Que se passou depois?

- Chegou aquele outro americano, creio que se chama Cope - respondeu Lady Westholme. - Disse-nos que encontrara um excelente exemplo da arquitectura menor do período, logo a seguir à curva do vale, e aconselhou-nos a não deixarmos de o admirar. Resolvemos ir até lá.

- Era muito interessante - declarou Miss Pierce.
- Voltámos ao acampamento cerca das cinco e quarenta.
- Mistress Boynton ainda estava sentada no mesmo sítio?
- Ainda.
- Falaram com ela?

Não. Para ser franca, mal reparei nela.

- Que fez a senhora a seguir?

- Fui à minha tenda mudar de sapatos e buscar o meu pacote de chá da China.

Voltei à tenda grande e disse ao guia que fizesse chá para Miss Pierce e para mim, do meu, e recomendei-lhe que deixasse a água a ferver bem. Observou-me que o jantar estaria pronto dali a meia hora, os criados já estavam a pôr a mesa, mas eu respondi-lhe que não importava.

- Estava alguém na tenda grande?

- Estava, sim. Mister e Mistress Lennox Boynton estavam sentados a um canto, a ler. E Carol Boynton também lá se encontrava.

- E Mister Cope?

- Bebeu chá conosco - informou Miss Pierce -, embora dissesse que beber chá não era um hábito americano.

Lady Westholme tossiu e acrescentou:

- Tive um certo receio de que Mister Cope se tornasse aborrecido, de que me impusesse a sua companhia. Por vezes é difícil manter as pessoas à distância, quando viajamos... Têm uma certa tendência para se dar ares e os Americanos, sobretudo, são, às vezes, muito estúpidos.

- Estou certo de que a senhora é muito capaz de resolver as situações dessa natureza - murmurou Poirot, em tom muito suave.

- Julgo-me capaz de resolver a maior parte das situações - admitiu Lady Westholme, complacente, sem reparar no brilho malicioso dos olhos do detective.

- Queira ter a bondade de concluir o seu relato, sim?

- Com certeza. Se a memória não me falha, pouco depois chegaram Raymond Boynton e a pequena ruiva. Miss King foi a última a chegar. O jantar estava pronto e o dragomano mandou um dos criados informar Mistress Boynton. O homem voltou a correr, com um dos seus camaradas, e falou muito agitado, e em árabe, ao dragomano. Disse-nos que Mistress Boynton estava doente e Miss King ofereceu os seus serviços. Acompanhou o dragomano e quando voltou deu a notícia aos familiares de Mistress Boynton.

- E como aceitaram eles a notícia?

Pela primeira vez, as duas mulheres pareceram um pouco atrapalhadas. Por fim, Lady Westholme respondeu, em voz a que faltava a segurança habitual:

- Bem... é difícil dizer. Ficaram... ficaram muito calados.

- Atordoados - disse Miss Pierce, mais como quem oferece uma sugestão do que como se mencionasse um facto.

- Foram todos com Miss King, mas Miss Pierce e eu tivemos a decência de ficar onde estávamos. - O olhar de Miss Pierce exprimiu uma certa mágoa...- Detesto a curiosidade vulgar!

A mágoa tornou-se mais pronunciada.

- Mais tarde - prosseguiu Lady Westholme -, o dragomano e Miss King voltaram. Sugeri que nos servissem imediatamente o jantar, aos quatro, para que a família

Boynton pudesse jantar depois, sem o constrangimento da presença de pessoas estranhas. A minha sugestão foi aceite e logo depois do jantar retirei-me para a minha tenda. Miss King e Miss Pierce fizeram o mesmo, mas creio que Mister Cope ficou na tenda grande. Como amigo da família, deve ter pensado que poderia ser útil nalguma coisa. É tudo quanto sei.

- Depois de Miss King dar a notícia, toda a família Boynton saiu com ela da tenda grande?

- Sim... não. Agora que fala disso, creio que a pequena ruiva ficou. Lembra-se, Miss Pierce?

- Sim, creio... tenho a certeza de que ficou.

- Que fez ela?

Lady Westholme olhou-o, surpreendida.

- Que fez ela, Monsieur Poirot? Não fez nada, que me lembre.

- Quero dizer, estava a coser, ou a ler, mostrou-se inquieta, disse alguma coisa?

- Bem, para ser franca... - Lady Westholme franziu a testa. - Que me lembre, estava sentada e deixou-se ficar, imóvel.

- Torceu os dedos - disse, de súbito, Miss Pierce. - Lembro-me de reparar nisso e de pensar para comigo: "Pobrezinha, mostra assim o que sente!" Mas a sua cara não denunciava nada... só torcia os dedos. Lembro-me de, uma vez, eu própria ter rasgado desse modo uma nota de libra, sem pensar no que estava a fazer. "Deverei apanhar o primeiro comboio e ir ter com ela?" (Era uma tia-avó minha, que adoeceu subitamente.) "Ou será melhor não ir?" Hesitante, sem saber que decidir, olhei para baixo e vi que em vez de rasgar o telegrama que recebera com a notícia estava a rasgar aos bocadinhos uma nota de libra - uma nota de libra, imaginem!

Um pouco desaprovadora daquela súbita entrada na ribalta da sua satélite, Lady Westholme perguntou, friamente:

- Deseja mais alguma coisa, Monsieur Poirot?

Poirot estremeceu, como se a pergunta o apanhasse de surpresa.

- Nada... nada... Foi muito explícita, muito clara.

- Tenho uma excelente memória.

- Já agora, só mais um favorzinho, Lady Westholme... Peço-lhe que continue sentada como está, sem virar a cabeça... Quer ter a amabilidade de me descrever como está vestida Miss Pierce? Isto, evidentemente, se Miss Pierce não se opõe...

- Oh, não, de modo nenhum! - exclamou Miss Pierce.

- Francamente, Monsieur Poirot, há algum objectivo...

- Tenha a bondade de fazer o que lhe pedi, madame.

Lady Westholme encolheu os ombros e disse, com maus modos:

- Miss Pierce traz um vestido de algodão às riscas castanhas e brancas, com um cinto sudanês de cabedal vermelho, azul e creme. Usa meias de seda creme e sapatos de tiras castanhos. Tem uma malha caída na meia esquerda. Traz um colar de cornalinas e outro de contas azuis-vivas, um broche com uma borboleta de pérolas e, no dedo médio da mão direita, um anel com um camafeu de imitação. Na cabeça usa uma boina dupla, de feltro cor-de-rosa e castanho. - Fez uma pausa, para que tomassem a devida consciência dos seus poderes de observação, e perguntou, friamente:

- Mais alguma coisa?

- Merece toda a minha admiração, madame! É muitíssimo observadora.

- Os pormenores raramente me escapam.

Lady Westholme levantou-se, inclinou um pouco a cabeça e saiu da sala. Quando Miss Pierce se preparava para a seguir, a olhar desanimadamente para a perna esquerda, Poirot pediu-lhe:

- Um momentinho, mademoiselle...

- Que deseja?

O detective inclinou-se para a frente, com um ar muito confidencial, e perguntou-lhe:

- Vê aquele ramo de flores silvestres, na mesa?

- Vejo - respondeu Miss Pierce, de olhos muito abertos.

- E notou que, quando entrou na sala, espirrei uma ou duas vezes?

- Notei.

- Reparou, acaso, se eu estivera a cheirar as flores?

- Bem... confesso que não sei.

- Mas lembra-se de eu espirrar?

- Oh, sim, disse lembro-me!

- Está bem, não tem importância. Estava a pensar se as flores me provocariam febre dos fenos... Mas não tem importância.

- Febre dos fenos! - exclamou Miss Pierce. - Tive uma prima que era uma mártir com isso! Dizia que se esfregasse diariamente o nariz com uma solução de..

Poirot anotou, com certa dificuldade, o tratamento nasal da prima de Miss Pierce e mandou esta embora. Fechou a porta e voltou a sentar-se, de sobrelhas arqueadas.

- Mas eu não espirrei... - murmurou. - Não, eu não espirrei!

XV

Lennox Boynton entrou na sala em passo rápido e resolutivo. Se estivesse presente, o Dr. Gerard surpreender-se-ia com a modificação operada no indivíduo. A apatia desaparecera e ele estava atento, embora visivelmente nervoso. Os seus olhos mostravam uma certa tendência para se desviarem rapidamente de um ponto para outro da sala.

- Bons dias, Monsieur Boynton. - Poirot levantou-se e inclinou cerimoniosamente a cabeça, e Lennox correspondeu com um certo constrangimento. - Estou-lhe muito grato por me conceder esta entrevista.

- O coronel Carbury disse que seria conveniente... aconselhou-a... Disse que se tratava de formalidades...

- Queira sentar-se, Monsieur Boynton.

Lennox sentou-se na cadeira ocupada pouco antes por Lady Westholme, e Poirot prosseguiu, com naturalidade:

- Creio que deve ter sido um grande abalo para si...

- Sim, claro... ou talvez não... Sabíamos que o coração da nossa mãe não era forte.

- Terá sido sensato, nessas circunstâncias permitir-lhe empreender uma viagem tão extenuante?

Lennox Boynton levantou a cabeça e respondeu, não sem uma certa dignidade triste:

- A minha mãe, Monsieur Poirot, tomava as suas próprias decisões. Quando se lhe metia na cabeça fazer uma coisa, era inútil tentarmos contrariá-la.

- Sei perfeitamente que as senhoras idosas são, às vezes, muito obstinadas...

- Qual é o objectivo de tudo isto? - perguntou Lennox, incapaz de dominar a irritação. - Porque surgiram todas essas formalidades?

- Talvez não saiba, Monsieur Boynton, que em casos de morte súbita e inexplicada as formalidades não podem deixar de surgir.

- "Inexplicada"? Que quer dizer com isso?

Poirot encolheu os ombros.

- Há sempre que considerar se a morte terá sido natural ou, talvez, resultante de suicídio.

- Suicídio? - repetiu Lennox Boynton, de olhos arregalados.

- Claro que os senhores estarão, por certo, mais bem informados acerca de tais possibilidades. O coronel Carbury, naturalmente, não faz a mínima ideia e precisa de decidir se deve ordenar um inquérito, a autópsia e tudo o mais. Como, por coincidência, me encontrava cá, e como tenho muita experiência de tais assuntos, o coronel pediu-me que procedesse a algumas investigações e o aconselhasse quanto ao procedimento a adoptar. Evidentemente, ele não deseja causar-lhes inconvenientes desnecessários.

- Telegrafarei ao nosso cônsul em Jerusalém! - declarou Lennox, irritado.

- Tem todo o direito de o fazer - redarguiu o detective, sem se impressionar.

Seguiu-se um momento de silêncio e, por fim, Poirot abriu as mãos e prosseguiu:

- Se não deseja responder às minhas perguntas...

- Não me oponho, de maneira nenhuma! - apressou-se Lennox Boynton a afirmar.

- Parece-me apenas... tão desnecessário...

- Compreendo perfeitamente. Mas é tudo muito simples, um assunto de rotina, como se costuma dizer. Creio que, na tarde em que a sua mãe morreu, saiu do acampamento de Petra e foi dar um passeio?

- É verdade, fomos todos... com excepção da minha mãe e da minha irmã mais nova.

- A sua mãe estava sentada à entrada da caverna?

- Exactamente, logo à entrada. Esteve lá sentada toda a tarde.

- Muito bem. Que horas eram quando partiram?

- Passava pouco das três, suponho.

- E quando regressou do passeio?

- Não sei dizer com exactidão. Quatro horas... talvez cinco...

- Cerca de uma ou duas horas depois de partir?

- Sim, mais ou menos.

- Passou por alguém, ao regressar?

- Como?

- Se passou por alguém? Duas senhoras sentadas numa rocha...

- Não sei... Sim, creio que passei.

- Vinha absorto nos seus pensamentos e não reparou?

- Sim, vinha.

- Falou com a sua mãe, quando chegou?

- Falei... falei.

- E ela não se queixou, não disse que se sentia mal?

- Não. Parecia perfeitamente bem.

- Permite que lhe pergunte o que disseram, ao certo?
Lennox hesitou, um momento.

- Ela disse que eu voltara cedo e eu respondi-lhe que sim... - Fez nova pausa, a tentar concentrar-se. - Disse-lhe que estava calor e ela perguntou-me que horas eram, pois o seu relógio parara. Tirei-lho do pulso, dei-lhe corda, acertei-o e pu-lo de novo no seu lugar.

- E que horas eram? - perguntou Poirot, suavemente.

- O quê?

- Que horas eram quando acertou o relógio?

- Ah, compreendo! Faltavam vinte e cinco minutos para as cinco.

- Portanto, sabe exactamente a que horas regressou ao acampamento!

- É verdade, que estupidez a minha! - Lennox corou. - Desculpe, Monsieur Poirot, ando com a cabeça transtornada.

- Oh, compreendo perfeitamente! Foi muito lamentável... E depois, que se passou?

- Perguntei a minha mãe se queria alguma coisa. Chá, café... Ela disse que não e eu fui para a tenda grande. Não vi nenhum dos criados, mas encontrei água gasosa e bebi um copo, pois estava com sede. Depois sentei-me a ler alguns números atrasados do Saturday Evening Post.

- A sua esposa foi ter consigo à tenda?

- Sim, chegou pouco depois.

- E o senhor não voltou a ver a sua mãe viva?

- Não.

- Ela não lhe pareceu agitada ou transtornada, quando estive a falar-lhe?

- Não. Pareceu-me exactamente como de costume.

- Não aludiu a nenhum aborrecimento com um dos criados?

- Não. - Lennox pareceu admirado. - Não disse nada.

- É tudo quanto tem a dizer-me?

- Sim... acho que sim.

- Obrigado, Monsieur Boynton. - Poirot inclinou delicadamente a cabeça.

A entrevista acabara, mas Lennox não pareceu muito disposto a partir. Hesitou, à porta, e perguntou:

- Mais... mais nada?

- Não. Talvez queira ter a bondade de me mandar a sua esposa?

Lennox saiu, devagar, e Poirot escreveu, no livro de apontamentos que tinha ao lado: "L. B. 4.35 h. da tarde."

XVI

Poirot olhou com interesse a mulher alta, jovem e de ar digno que entrou na sala. Levantou-se e inclinou-lhe cortesmente a cabeça.

- Mistress Lennox Boynton? Hercule Poirot, às suas ordens.

Nadine Boynton sentou-se, a observar também o detective.

- Espero que não leve a mal, madame, o facto de interferir deste modo no seu desgosto.

Nadine não respondeu logo e continuou a fitá-lo gravemente. Por fim, declarou:

- Creio que é melhor ser absolutamente franca consigo, Monsieur Poirot.

- Concordo, madame.

- Falou em interferir no meu desgosto, mas tal desgosto não existe e, portanto, é inútil fingi-lo. Não gostava da minha sogra e a sinceridade não me permite dizer que lamento a sua morte.

- Obrigado, madame, por falar tão claro.

- No entanto, embora não possa fingir desgosto, tenho de confessar outro sentimento: remorso.

- Remorso? - repetiu Poirot, de sobrancelhas arqueadas.

- Sim. Fui eu que provoquei a sua morte e disso me censuro amargamente.

- Que pretende dizer, madame?

- Que fui eu a causa da morte da minha sogra. Pensei que procedia honestamente, mas o resultado foi lamentável. Para todos os efeitos, matei-a.

- Quer ter a bondade de especificar essa declaração, madame?

- Não desejo outra coisa - declarou Nadine, de cabeça baixa. - A minha primeira reacção foi, naturalmente, guardar para comigo os meus assuntos particulares, mas compreendo que o melhor é falar. Estou certa de que já tem recebido confidências de natureza mais ou menos íntima?

- Já, sim.

- Então contar-lhe-ei com toda a simplicidade o que sucedeu. A minha vida de casada não tem sido muito feliz. A culpa não é inteiramente do meu marido, pois a mãe exercia nele uma influência prejudicial, mas ultimamente senti com crescente intensidade que a minha vida se tornava intolerável. - Fez uma breve pausa. - Na tarde da morte da minha sogra tomei uma decisão. Tenho um amigo, um excelente amigo, que me sugerira mais de uma vez que juntasse a minha sorte à dele... e nessa tarde eu aceitei a sua proposta.

- Decidiu deixar o seu marido?

- Sim.

- Continue, madame.

- Tomada essa decisão - prosseguiu Nadine, em voz mais baixa -, desejei dá-la a conhecer o mais depressa possível e pô-la em prática. Regressei sozinha ao acampamento e encontrei a minha sogra sentada à entrada da caverna. Como não se encontrava ninguém nas imediações, resolvi dar-lhe logo a notícia. Fui buscar uma cadeira, sentei-me e disse-lhe o que decidira.

- Ela ficou surpreendida?

- Sim, creio que sofreu um grande abalo. Ficou surpreendida e furiosa, muito furiosa. Barafustou a valer, mas passados momentos eu recusei-me a continuar a discutir o assunto, levantei-me e deixei-a. - Baixou ainda mais a voz ao acrescentar: - Nunca mais a vi viva.

Poirot acenou com a cabeça, devagar.

- Compreendo... Pensa que a morte foi consequência do abalo sofrido?

- Parece-me quase certo que foi. Ela já se fatigara excessivamente, na viagem, e a minha notícia e a sua cólera fizeram o resto. Sinto-me ainda mais culpada porque, em virtude de ter estudado para enfermeira, devia ter contado com a possibilidade de tal coisa acontecer.

Poirot deixou passar alguns minutos, antes de perguntar:

- Que fez exactamente quando a deixou?

- Levei a cadeira para a minha caverna, donde a tirara, e dirigi-me para a tenda grande, onde o meu marido se encontrava.

Poirot observou-a com atenção, ao inquirir:

- Informou-o da sua decisão? Ou já o informara anteriormente?

Houve uma pausa brevíssima, antes de Nadine responder:

- Informe-me-o então.

- Como aceitou ele a sua decisão?

- Ficou muito transtornado.

- Aconselhou-a a reconsiderar?

- Ele... ele falou pouco. Compreende, sabíamos ambos, havia algum tempo, que poderia suceder uma coisa desse género.

- Perdoe a pergunta, mas... o outro homem era Mister Jefferson Cope?

- Era - confessou, de cabeça baixa.

Seguiu-se uma longa pausa e depois, sem qualquer mudança de voz, o detective perguntou:

- Tem uma seringa hipodérmica, madame?

- Sim... não.

Poirot arqueou as sobrancelhas, sem compreender, e ela explicou:

- Tenho uma velha seringa, entre outras coisas, numa farmácia portátil, mas ficou com o grosso da nossa bagagem, em Jerusalém.

- Compreendo.

Seguiu-se nova pausa e, por fim, Nadine Boynton inquiriu, com uma ponta de inquietação:

Porque me fez essa pergunta, Monsieur Poirot?

Em vez de lhe responder, o detective fez-lhe outra pergunta:

- Creio que Mistress Boynton andava a tomar um remédio que continha Digitalis?

- Andava. - Nadine estava, agora, muito atenta.

- Destinava-se à sua doença de coração?

- Destinava.

- A Digitalis é, até certo ponto, uma droga cumulativa?

- Creio que sim, embora os meus conhecimentos a esse respeito sejam limitados.

- Se Mistress Boynton tivesse tomado uma dose excessiva de Digitalis...

Ela interrompeu-o, decidida:

- Não tomou. Era sempre muito cuidadosa... e eu também, quando lhe media a dose.

- Mas o frasco do remédio podia conter uma dose suplementar. Um erro do farmacêutico que o compôs, por exemplo...

- Parece-me muito pouco provável.

- Enfim, as análises esclarecerão esse pormenor.

- Infelizmente, o frasco partiu-se.

- Deveras? - perguntou Poirot, a fitá-la. - Quem o partiu?

- Não tenho a certeza, mas suponho que foi um dos criados. Ao transportar o corpo da minha sogra para a caverna, houve uma certa confusão, tanto mais que a luz era má, e uma mesa caiu.

Poirot fitou-a longamente.

- Isso é muito interessante - comentou, por fim.

Nadine Boynton mudou de posição na cadeira.

- Pretende insinuar, suponho, que a minha sogra não morreu em consequência de um abalo sofrido e, sim, de uma dose excessiva de Digitalis? Isso parece-me impossível.

Poirot inclinou-se para a frente e perguntou, a sublinhar bem as palavras:

- Mesmo que eu lhe diga que o doutor Gerard, o médico francês que estava no acampamento, deu por falta de uma quantidade apreciável de um preparado de digitoxina, que trazia no estojo de medicamentos?

Nadine Boynton empalideceu, cerrou as mãos no rebordo da mesa e baixou a cabeça.

- Então, madame, que me diz?

Os segundos passaram, em silêncio. Ao fim de dois minutos, a jovem levantou a cabeça e Poirot estremeceu, ao ver a expressão dos seus olhos.

- Monsieur Poirot, eu não matei a minha sogra. Sabe isso perfeitamente, ela estava viva e bem quando a deixei, como várias pessoas podem confirmar. Como estou inocente do crime, posso atrever-me a fazer-lhe um apelo. Porque se meteu neste assunto? Não abandonará a investigação se eu lhe der a minha palavra de honra de que só foi feita justiça? Não faz ideia do sofrimento que ela causou! Agora que, finalmente, há paz e a possibilidade de felicidade, terá de destruir tudo?

Poirot endireitou-se na cadeira e redarguiu:

- Sejamos claros, madame. Que me está a pedir?

- Digo-lhe que a minha sogra morreu de morte natural e peço-lhe que aceite a minha afirmação.

- Sejamos ainda mais claros: a senhora acredita que a sua sogra foi deliberadamente assassinada e pede-me que aprove o assassinio!

- Peço-lhe que tenha compaixão!

- Sim, compaixão por quem não a teve!

- Não compreende... não foi isso...

- Foi a senhora própria que cometeu o crime, para saber tão bem o que se passou?

- Não - respondeu Nadine, tranquilamente, sem quaisquer indícios de culpa. - Ela estava viva quando a deixei.

- E que sucedeu depois? Sabe ou suspeita?

- Consta-me, Monsieur Poirot, que uma vez, naquele caso do Expresso do Oriente, aceitou o veredicto oficial do que sucedeu! - replicou Nadine, apaixonadamente.

- Quem lhe terá dito isso? - inquiriu o detective, cheio de curiosidade.

- É verdade?

- Esse caso era... diferente - respondeu, devagar.

- Não, não era diferente! O homem assassinado era diabólico... como ela.

- O carácter moral da vítima não tem nada a ver com o assunto! Um ser humano que exerceu o direito de julgar pessoalmente e de tirar a vida a outro ser humano constitui um perigo!

- Como é duro!

- Em certas coisas sou, de facto, muito duro, madame. Não aprovo o assassinio, nunca. É esta a última palavra de Hercule Poirot.

Nadine Boynton levantou-se, com um brilho feroz no olhar.

- Pois continue, leve ruína e angústia à vida de pessoas inocentes! Não tenho mais nada a dizer.

- Mas eu... eu penso que tem muito que dizer.

- Não, não tenho nada!

- Oh, tem! Que sucedeu, madame, depois de deixar a sua sogra? Que sucedeu enquanto esteve com o seu marido na tenda grande?

- Como quer que saiba? - indagou, com um encolher de ombros.

- Sabe... ou suspeita.

- Não sei nada, Monsieur Poirot - respondeu, a fitá-lo nos olhos, e depois virou as costas e saiu.

XVII

Depois de anotar no seu livro de apontamentos, "N. B. 4.40 h.", Poirot abriu a porta e chamou o homem que o coronel Carbury pusera ao seu dispor.

Mandou-o buscar Miss Carol Boynton.

O detective observou com interesse a jovem, quando ela chegou - o cabelo castanho, o porte da cabeça no pescoço comprido, a energia nervosa das mãos bonitas...

- Sente-se, mademoiselle.

Ela sentou-se, obedientemente. O seu rosto mantinha-se inexpressivo.

Poirot começou a conversa com uma frase maquinal de condolências, que a jovem aceitou imperturbável.

- E agora, mademoiselle, quer fazer o favor de me contar como passou a tarde do dia em questão?

A resposta foi tão rápida que deu origem à suspeita de que fora ensaiada:

- Depois do almoço fomos todos dar um passeio. Regressei ao acampamento...

- Um momento. Estiveram todos juntos, até ao instante do seu regresso?

- Não. Eu estive a maior parte do tempo com o meu irmão Raymond e Miss King.

Depois passei sozinha.

- Obrigado. Estava a dizer que regressara ao acampamento. Sabe a que horas, aproximadamente?

- Creio que deviam ser umas cinco e dez.

Poirot escreveu: "C. B. 5.10."

- E depois?

- Minha mãe estava sentada onde estivera, quando partíramos. Falei com ela e fui para a minha tenda.

- Lembra-se do que disseram?

- Eu disse apenas que estava muito calor e me ia deitar. Minha mãe disse que ficaria onde estava. Mais nada.

- Notou no aspecto dela alguma coisa que lhe parecesse fora do vulgar?

- Não. Pelo menos... isto é...

- Não serei eu que a poderei esclarecer, mademoiselle - disse Poirot, calmamente.

Carol corou e desviou o olhar.

- Estava só a pensar... Na altura mal reparei, mas agora, ao recordar...

- Diga, diga...

- Tinha uma cor esquisita - murmurou a jovem, devagar. - Estava muito mais vermelha do que de costume.

- Teria sofrido um abalo de qualquer espécie?

- Um abalo?

- Por exemplo, podia-se ter irritado com um dos criados árabes.

- Ah! - O rosto de Carol desanuviou-se. - Sim, podia.

- Mas ela não se referiu a isso?

- Não, não disse nada.

- Que fez a seguir, mademoiselle?

- Fui para a minha tenda e estive deitada cerca de meia hora. Depois dirigi-me para a tenda grande, onde o meu irmão e a minha cunhada estavam a ler.

- E que fez?

- Entretive-me a coser e, depois, peguei numa revista.

- Voltou a falar com a sua mãe, ao dirigir-se para a tenda grande?

- Não. Creio que nem olhei para esse lado.

- E depois?

- Fiquei na tenda até... até Miss King nos dizer que ela morrera.

- E isso é tudo quanto sabe, mademoiselle?

- É.

Poirot inclinou-se para a frente e perguntou no mesmo tom despreocupado e cordial:

- E que sentiu?

- Que senti?

- Sim, que sentiu quando soube que a sua mãe (pardon, a sua madrasta, não é verdade?), quando soube que ela estava morta?

- Não compreendo o que quer dizer!

- Creio que compreende muito bem.

- Foi... um grande choque - tartamudeou a jovem.

- Foi?

O sangue subiu-lhe ao rosto, numa onda, e olhou-o como se se sentisse desamparada. Poirot leu-lhe medo no olhar.

- Foi assim um choque tão grande, mademoiselle? Se recordar uma certa conversa que teve com o seu irmão Raymond, uma noite, em Jerusalém...

A cor fugiu das faces de Carol Boynton e Poirot compreendeu que acertara no alvo.

- Sabe disso? - murmurou a jovem.

- Sei, sim.

- Mas como?

- Parte da conversa que tiveram foi ouvida.

- Oh! - Carol Boynton ocultou o rosto nas mãos e desatou a soluçar.

O detective aguardou um momento, antes de prosseguir, calmamente:

- Planearam matar a sua madrasta.

- Estávamos loucos... - soluçou Carol - ...nessa noite estávamos loucos!

- Talvez.

- Não pode compreender o estado em que nos encontrávamos! - Endireitou-se e afastou o cabelo da cara. - Parecer-lhe-ia fantástico, se soubesse... Na América custava menos, mas ao viajarmos compreendemos...

- Compreenderam o quê? - A sua voz tornara-se bondosa.
- Quanto éramos diferentes das outras pessoas! Sentimo-nos desesperados. E havia, também, a Jinny...

- A Jinny?

- A minha irmã. O senhor ainda não a viu. Estava a ficar... bem, esquisita. E a mãe parecia não compreender, agravava o seu estado. Ray e eu tínhamos medo, receávamos que a Jinny acabasse por enlouquecer por completo. E compreendíamos que a Nadine pensava o mesmo.

- Sim?

- Nessa noite, em Jerusalém, tivemos a sensação de não poder suportar mais. Ray estava fora de si, enervámo-nos os dois e... e pareceu-nos justo fazer aqueles planos. A mãe... a mãe era louca. Não sei o que pensa, mas pode parecer acertado matar alguém!

Poirot acenou com a cabeça, devagar.

- Sim, sei que tem parecido acertado a muita gente... Os factos provam-no.

- Foi o que sentimos nessa noite, o Ray e eu. - Carol deu uma pancada na mesa. - Mas não o fizemos! Evidentemente que não o fizemos! Quando o dia nasceu, as nossas ideias pareceram-nos melodramáticas, absurdas... e erradas, também. Monsieur Poirot, a nossa mãe morreu de morte perfeitamente natural, de um colapso cardíaco. Nem Ray nem eu tivemos nada a ver com o assunto.

- Jura-me pela sua esperança de salvação depois da morte, mademoiselle, que Mistress Boynton não morreu em consequência de qualquer acção vossa?

Carol ergueu a cabeça e jurou, em voz firme e profunda:

- Juro pela minha salvação que nunca lhe fiz mal nenhum...

- Muito bem - murmurou Poirot, e recostou-se na cadeira.

O detective afagou pensativamente o soberbo bigode e, passados momentos, perguntou:

- Qual era o vosso plano?

- O nosso plano?

- Sim. Você e o seu irmão deviam ter um plano.

Mentalmente, contou os segundos, antes de ela responder: um, dois, três...

- Não tínhamos plano nenhum - declarou, por fim, Carol. - Não fomos tão longe.

Hercule Poirot levantou-se.

- Não desejo mais nada, mademoiselle. Tenha a bondade de me mandar o seu irmão.

Carol levantou-se e ficou parada, hesitante.

- Monsieur Poirot... acreditou em mim?

- Disse que não acreditava?

- Não, mas...

- Diga ao seu irmão que venha cá, sim?

- Sim.

Carol dirigiu-se para a porta, mas antes de sair parou, virou-se para trás e exclamou, apaixonadamente:

- Disse-lhe a verdade! Disse!

Hercule Poirot não respondeu e Carol Boynton saiu vagarosamente da sala.

Quando Raymond Boynton entrou, o detective apercebeu-se da semelhança entre ele e a irmã.

O rosto do rapaz mostrava-se grave e firme, não parecia nervoso nem assustado. Deixou-se cair numa cadeira, fitou Poirot e perguntou-lhe:

- Então?

- A sua irmã falou consigo? - indagou o detective, em tom muito brando.

- Falou, quando me mandou cá. Compreendo, claro, que as suas suspeitas são justificadas. Se a nossa conversa foi ouvida, naquela noite, é natural que a morte súbita da minha madrastra pareça suspeita. Só lhe posso afirmar que a conversa em questão foi... a loucura de uma noite. Encontrávamo-nos, nessa altura, sob uma tensão nervosa intolerável e o plano fantástico de matar a minha madrastra... (como explicar?) ...foi uma espécie de escape.

Hercule Poirot baixou a cabeça e murmurou:

- É possível.

- Claro que, de manhã, pareceu absurdo. Juro-lhe, Monsieur Poirot, que nunca mais voltei a pensar no assunto.

Poirot não respondeu.

- Sim, sei que é fácil afirmá-lo e não espero que acredite apenas na minha palavra. Mas considere os factos. Falei com a minha mãe pouco antes das seis horas e ela estava viva e bem. Fui à minha tenda lavar-me e reuni-me aos outros, na tenda grande. A partir desse momento, Carol e eu estivemos à vista de todos. Como deve compreender, a morte de minha mãe foi natural.

- Sabe, Mister Boynton, que, na opinião de Miss King, quando ela examinou o corpo, às seis e meia, a morte devia ter ocorrido uma hora e meia antes, pelo menos, ou talvez, até, duas horas?

Raymond fitou-o, estupefacto.

- Sarah disse isso?

Poirot acenou afirmativamente.

- Que me diz, agora?

- Mas... é impossível!

- Foi esse o depoimento de Miss King. Agora o senhor declara-me que a sua mãe estava viva e bem apenas quarenta minutos antes de Miss King examinar o corpo.

- Mas estava!

- Tenha cuidado, Mister Boynton.

- Sarah deve ter-se enganado! Houve, certamente, algum factor que não tomou em consideração.

O rosto de Poirot não exprimia nada.

Raymond inclinou-se para ele e prosseguiu, ansioso:

- Sei o que deve pensar, mas encare as coisas com justiça. O senhor não pode ser imparcial, na avaliação do assunto, pois vive numa atmosfera de crime. Toda a morte súbita lhe deve parecer um crime possível! Não compreende que o seu sentido das proporções não merece confiança? Todos os dias morre gente, sobretudo gente de coração fraco.

- Pretende, então, ensinar-me o meu ofício?

- Oh, não, evidentemente! Mas creio que foi influenciado por aquela infeliz conversa que tive com a minha irmã. Não há nada na morte da minha mãe susceptível de levantar suspeitas, a não ser essa desastrosa e histérica conversa!

- Está enganado - afirmou Poirot. - Há mais alguma coisa: há o veneno tirado do estojo de medicamentos do doutor Gerard.

- O veneno? - Ray fitou-o, boquiaberto. - Veneno! – Empurrou um pouco a cadeira para trás, verdadeiramente aparvalhado. - É disso que suspeita?

Poirot deixou passar um ou dois minutos, antes de perguntar, quase com indiferença:

- O vosso plano era diferente?

- Oh, sim! - respondeu Raymond, maquinalmente. - É por isso... Oh, não consigo pensar com clareza!

- Qual era o vosso plano?

- O nosso plano? Era... - Raymond calou-se, bruscamente, e os seus olhos tornaram-se atentos e cautelosos. - Creio que não digo mais nada - declarou, e levantou-se.

- Como queira.

Viu o jovem sair da sala, puxou o livro de apontamentos e escreveu uma última anotação, minuciosamente: "R. B. 5.55."

Depois pegou numa folha de papel e começou a escrever.

Concluída a tarefa, recostou-se na cadeira, com a cabeça inclinada para o lado, e leu:

Os Boynton e Jefferson Cope saíram do acampamento (aprox.)	3.05
Dr. Gerard e Sarah King saíram do acampamento (aprox.).....	3.15
Lady Westholme e Miss Pierce saíram do acampamento (aprox.) ...	4.15
Dr. Gerard regressou ao acampamento (aprox.).....	4.20
Lennox Boynton regressou ao acampamento.....	4.35
Nadine Boynton regressou ao acampamento e falou com Mrs. Boynton	4.40
Nadine Boynton deixou a sogra e foi para a tenda grande (aprox.).....	4.50
Carol Boynton regressou ao acampamento	5.10
Lady Westholme, Miss Pierce e Mr. Jefferson Cope regressaram ao acampamento	5.40
Raymond Boynton regressou ao acampamento.....	5.50
Sarah King regressou ao acampamento	6.00
O corpo foi descoberto	6. 30

Hercule Poirot dobrou a lista, foi à porta e pediu que lhe mandassem Mahmud. O robusto dragomano era um tagarela, as palavras escorriam-lhe dos lábios numa enxurrada:

- Sou sempre eu que tenho a culpa, sempre! Quando acontece alguma coisa, dizem sempre que a culpa é minha! Sempre! A minha vida é uma tragédia!

Por fim, Poirot conseguiu deter a enxurrada e fazer a pergunta que pretendia.

- As cinco e meia, disse? Não, não creio que nenhum dos criados estivesse no acampamento a essa hora. O almoço foi tarde, às duas horas, houve a limpeza... Depois do almoço, dormiram toda a tarde... Sim, os Americanos não tomam chá. Deitámo-nos todos às três e meia. Às cinco horas, eu, que sou a eficiência em pessoa e

nunca me esqueço do conforto das senhoras e dos cavalheiros que sirvo, levantei-me, pois sabia que a essa hora todas as senhoras inglesas queriam chá. Mas não estava lá nenhuma, tinham ido todas passear. Não me importei nada, pude voltar a dormir. Mas os aborrecimentos começaram quando faltava um quarto para as sete. A senhora inglesa forte voltou e quis chá, embora a essa hora os rapazes já estivessem a tratar do jantar. Mostrou-se muito exigente, disse que a água tinha de estar a ferver e que eu me devia certificar pessoalmente disso. Ah, meu bom senhor, que vida! Faço tudo quanto posso, mas sou sempre censurado...

Poirot interrompeu-o:

- Há outro pormenor. A senhora que morreu irritou-se com um dos criados. Sabe com qual deles foi e porquê?

Mahmud levantou as mãos ao céu.

- Como hei-de saber? A senhora idosa não se me queixou.

- Pode averiguar?

- Não, meu bom senhor, isso seria impossível. Nenhum dos rapazes pensaria, sequer, em admitir tal coisa. A senhora idosa zangou-se? Então, naturalmente, os criados negam. Abdul diz que foi Moamed, Moamed diz que foi Aziz, Aziz diz que foi Aissa, e etc. São todos beduínos muito estúpidos, não compreendem nada.

Poirot conseguiu livrar-se do dragomano e levou a lista que elaborara ao coronel Carbury.

O coronel torceu um pouco mais a gravata e perguntou:

- Descobriu alguma coisa?

- Posso-lhe expor uma teoria minha?

- Se desejar - redarguiu Carbury, com um suspiro de resignação.

- A criminologia é, quanto a mim, a ciência mais fácil do mundo! Basta deixar o criminoso falar. Mais cedo ou mais tarde ele diz tudo.

- Lembro-me de lhe ter ouvido dizer qualquer coisa desse género, anteriormente.

Quem lhe disse coisas?

- Toda a gente.

Poirot resumiu as entrevistas que tivera durante a manhã.

- Hum... - resmungou Carbury. - Parece que tem uma ou duas pistas... mas infelizmente apontam em direcções opostas. Temos um caso firme?

- Não.

O coronel suspirou de novo.

- Já o receava.

- Mas antes de anoitecer saberemos a verdade!

- Foi, de facto, só isso que me prometeu... e confesso que duvidei da fartura. Tem a certeza?

- Absoluta.

- Deve ser agradável experimentar tal sentimento.

Poirot apresentou a lista.

- Bem ordenada - comentou o coronel, aprovador, e leu-a. - Sabe o que penso? - perguntou, no fim.

- Ficaria encantado se me dissesse.

- O jovem Raymond Boynton não tem nada a ver com a história.

- Está convencido disso?

- Estou. É claro como água. Devíamos tê-lo percebido desde o princípio, visto ele ser, como nos romances policiais, o que aparenta maiores probabilidades. Como o senhor o ouviu praticamente dizer que ia liquidar a velhota, devíamos ter compreendido que estava inocente!

- Lê romances policiais, hem?

- Aos milhares! - confessou o coronel, e acrescentou, como um estudante entusiasmado: - Creio que não é capaz de proceder como os detectives procedem, nos romances? Quero dizer, elaborar uma lista de factos significativos, de coisas que são importantíssimas, embora não pareçam ter importância nenhuma?

- Ah, gosta desse género de romance policial? Mas com certeza, terei muito prazer em elaborar uma lista dessas!

Pegou numa folha de papel e escreveu, com rapidez e clareza:

1. Mrs. Boynton tomava um remédio que continha Digitalis.
2. O Dr. Gerard deu por falta de uma seringa hipodérmica.
3. Mrs. Boynton sentia grande prazer em impedir a família de se divertir com as outras pessoas.
4. Na tarde em questão, Mrs. Boynton encorajou a família a ir passear e deixá-la sozinha.
5. Mrs. Boynton era uma sádica mental.
6. A distância entre a tenda grande e o lugar onde Mrs. Boynton estava sentada era (aproximadamente) de 180 metros.
7. Mr. Lennox Boynton disse, ao princípio, não saber a que horas regressara ao acampamento, mas depois admitiu ter acertado o relógio da mãe.
8. O Dr. Gerard e Miss Ginevra Boynton ocupavam tendas contíguas.
9. Às 6.30 h, quando o jantar estava pronto, um criado foi anunciar esse facto a Mrs. Boynton.

O coronel leu a lista com grande satisfação.

- Excelente! - exclamou. - Era precisamente isto que queria. O senhor deu-lhe a conta certa de dificuldade e de irrelevância aparente... Tem o "toque" da autenticidade! A propósito, parece-me notar uma ou duas omissões evidentes. Mas suponho que são propositadas, para espicaçar a curiosidade, hem?

Os olhos de Poirot brilharam um bocadinho, mas ele não respondeu.

- Ponto número 2, por exemplo: O doutor Gerard deu por falta de uma seringa hipodérmica... É verdade, mas ele também deu por falta de uma solução concentrada de Digitalis ou coisa parecida.

- Esse pormenor não é importante no sentido em que a ausência da seringa é.

- Esplêndido! - exclamou o coronel, todo sorrisos. - Não percebo patavina, pois diria que a Digitalis era muito mais importante do que a seringa! E essa questão do criado... Um criado que foi avisá-la de que o jantar estava pronto, e um criado a quem ela ameaçou com a bengala, mais cedo? Não me vai dizer que um dos meus pobres diabos do deserto a liquidou, pois não? Se me dissesse uma coisa dessas - acrescentou o coronel, muito sério -, seria batota.

Poirot sorriu, mas não respondeu.

Sarah King sentou-se num montículo, a desfolhar flores silvestres. O Dr. Gerard estava sentado perto, num muro.

- Porque desencadeou tudo isto? - perguntou a rapariga, súbita e furiosamente. - Se não fosse o doutor...

- Acha que deveria ter guardado silêncio?

- Acho.

- Sabendo o que sabia?

- O doutor não sabia.

- Sabia. - O francês suspirou. - Mas admito que nunca se pode ter a certeza absoluta.

- Pode, sim.

- Talvez você possa - condescendeu o médico, com um encolher de ombros.

- Estava com febre elevada, não podia ter idéias claras acerca do assunto! Provavelmente a seringa esteve sempre onde a encontrou... e pode-se ter enganado acerca da digitoxina. Não seria impossível um dos criados ter-lhe mexido no estojo dos medicamentos.

- Não precisa de se preocupar - redarguiu-lhe o Dr. Gerard, cinicamente. - É quase certo que as provas serão inconcludentes. Verá que os seus amigos, os Boynton, ficarão impunes!

- Também não quero isso! - afirmou Sarah, irritada.

- É ilógica!

- Não foi o doutor que, em Jerusalém, falou muito acerca de não interferência?

- Mas eu não interfeiri. Disse apenas o que sabia!

- E eu digo que o doutor não sabe... Meu Deus, lá vamos nós outra vez! Estamos num círculo vicioso.

- Lamento, Miss King - murmurou o médico, docemente.

- Como vê, no fim de contas, eles não se libertaram! Ela continua presente - disse Sarah, baixinho. - Mesmo da sepultura, pode continuar a dominá-los. Acho... acho que deve estar a divertir-se com tudo isto! - De súbito, mudou de tom e avisou: - Aquele homenzinho vem a subir a encosta.

Carrancuda, viu Hercule Poirot aproximar-se. O detective respirou fundo, limpou a testa e olhou tristemente para os sapatos envernizados.

- Meus pobres sapatos! Esta região pedregosa...

- Pode pedir a Lady Westholme que lhe empreste o seu estojo de engraxador... e o pano do pó - disse Sarah, em tom desabrido. - Ela viaja com tudo isso.

- Que, no entanto, não chega para apagar os arranhões, mademoiselle.

- Talvez não. Mas por que demónio usa sapatos desses numa terra destas?

- Gosto de ter aspecto soigné - respondeu o detective, com a cabeça um pouco inclinada para o lado.

- No deserto não vale a pena estar com essas preocupações.

- As mulheres não apresentam o seu melhor aspecto no deserto - observou o médico, sonhador. - Miss King é uma exceção, está sempre arranjada e fresca, mas aquela Lady Westholme, com os seus casacões e saias grossas e aqueles horríveis calções e botas de montar! E a pobre Miss Pierce, coitada... Os seus vestidos são tão desenxabidos que parecem folhas de couve murchas, e ainda por cima usa todas aquelas contas a chocalhar! Até a jovem Mistress Boynton, uma mulher atraente, não é aquilo a que se chama chique! O seu vestuário é desinteressante...

- Não creio que Monsieur Poirot tenha vindo cá acima para falar de roupas - lembrou Sarah.

- Tem razão. Vim consultar o doutor Gerard, cuja opinião me deve ser útil, e a sua também, mademoiselle, pois é jovem e está actualizada, em questões de psicologia. Gostaria que me dissessem tudo quanto pudessem acerca de Mistress Boynton.

- Não sabe já de cor tudo quanto há a saber? – perguntou Sarah.

- Não. Tenho o pressentimento, ou melhor, mais do que o pressentimento, tenho a certeza de que a mentalidade de Mistress Boynton é muito importante, neste caso. Tipos como o dela são, sem dúvida, familiares ao doutor Gerard.

- Do meu ponto de vista, ela era um caso interessante - declarou o médico.

- Conte-me.

O Dr. Gerard descreveu o seu interesse pela família, a conversa que tivera com Jefferson Cope e a maneira errada como este interpretara a situação.

- Mister Cope é um sentimentalista - comentou Poirot.

- Oh, essencialmente! Tem ideais baseados, na realidade, num instinto profundo de indolência. Aceitar a natureza humana pelo seu lado melhor e o mundo como um lugar agradável é, sem dúvida, o caminho mais fácil da vida. Jefferson Cope não tem, por isso, a mínima ideia do que as pessoas são, realmente.

- Isso às vezes pode ser perigoso - comentou Poirot.

- Insistia em considerar o que descreverei como a “situação Boynton” um caso de dedicação desencaminhada. Não possuía a mínima noção do ódio subjacente, da rebelião, da escravatura e da tortura.

- Isso é estúpido - murmurou Poirot.

- No entanto - prosseguiu o Dr. Gerard -, nem mesmo o mais obtuso dos optimistas sentimentais pode ser totalmente cego. Creio que, na viagem a Petra, os olhos de Mister Jefferson Cope começaram a abrir-se.

E o médico revelou a conversa que tivera com o americano, na manhã da morte de Mrs. Boynton.

- Interessante, essa história da criada - disse o detective, pensativo. - Lança luz nos métodos da velha senhora.

- Foi uma manhã muito estranha, aquela! Não estive em Petra, Monsieur Poirot? Se alguma vez lá for, não deixe de subir ao Lugar do Sacrifício. Tem..., como direi?, ... tem atmosfera! - Descreveu o lugar pormenorizadamente e acrescentou: - Miss King sentou-se lá como um juiz, a falar do sacrifício de um para salvar muitos. Lembra-se, Mis King?

- Não falemos desse dia! - pediu Sarah, sem poder conter um calafrio.

- Não; falemos antes de eventos mais antigos. - concordou Poirot. - Estou interessado no seu esboço da mentalidade de Mistress Boynton, doutor Gerard. Mas há uma coisa que não compreendo. Por que motivo, tendo criado a sua família num ambiente de sujeição absoluta, decidiu fazer esta viagem ao estrangeiro, onde havia o perigo de estabelecer contactos com o exterior e de a sua autoridade ficar enfraquecida?

- Mas isso é lógico! - exclamou o Dr. Gerard, cheio de animação. - As velhotas são todas as mesmas, em todo o mundo. Aborrecem-se! Se a sua especialidade é fazer paciências, aborrecem-se com a paciência que conhecem melhor e pretendem aprender outra nova. Acontece o mesmo a uma velha cujo passatempo, por incrível que possa parecer, é dominar e atormentar seres humanos. Mistress Boynton domara os

seus tigres. O período da adolescência deve ter-lhe causado alguma excitação e o casamento de Lennox com Nadine foi uma aventura, mas depois tudo estagnou. Lennox estava tão mergulhado em melancolia que era praticamente impossível feri-lo ou inquietá-lo. Raymond e Carol não davam indícios de rebelião. Genevra... Ah, la pauvre! Do ponto de vista da mãe, Genevra era a que proporcionava menos divertimento, pois a jovem encontrara uma via de evasão: fugia da realidade para a fantasia. Quanto mais a mãe a atiçava, mais ela mergulhava no secreto prazer de ser uma heroína perseguida! Para Mistress Boynton tornou-se tudo de uma infinita melancolia e por isso, como Alexandre, procurou conquistar novos mundos. Planeou, pois, a viagem ao estrangeiro. Haveria o perigo de as suas feras amansadas se rebelarem, haveria oportunidade de infligir novas dores. Parece absurdo, mas é verdade. Ela queria experimentar uma nova emoção.

Poirot respirou fundo.

- É perfeito o que disse, e eu compreendi-o muito bem. Foi isso. Ajusta-se tudo. La maman Boynton decidiu viver perigosamente... e isso custou-lhe caro.

Sarah inclinou-se para a frente e perguntou, muito séria:

- Quer dizer que ela torturou as suas vítimas mais do que era suportável e elas, ou uma delas, se revoltaram e a mataram?

Poirot baixou a cabeça.

- Qual delas? - perguntou a jovem, em voz quase inaudível.

O detective olhou-a, mas não precisou de lhe responder porque, nesse momento, o Dr. Gerard lhe tocou no braço e disse:

- Olhe.

Uma rapariga subia a encosta com uma estranha graça cheia de ritmo que quase lhe dava um ar de irrealidade. O vermelho-dourado do seu cabelo brilhava ao sol e um sorriso misterioso arqueava-lhe os cantos da boca bonita.

- Que bela! - exclamou Poirot. - Que estranha e comovedoramente bela! Era assim que deviam representar Ofélia, como uma jovem deusa vinda de outro mundo, feliz por se ter libertado da servidão das alegrias e das dores humanas.

- Tem razão! - exclamou o médico. - Tem um rosto que provoca sonhos, não tem? Eu sonhei com aquela cara. Quando estava com febre, abri os olhos e vi-a, com aquele doce sorriso sobrenatural... Foi um sonho agradável, tão agradável que tive pena de acordar... - E, em tom mais calmo, o Dr. Gerard informou: - É Genevra Boynton.

Passado um minuto, a rapariga chegou junto deles e o Dr. Gerard procedeu às apresentações:

- Miss Boyton. Monsieur Hercule Poirot.

- Oh!

A jovem fitou-o, hesitante, a torcer nervosamente os dedos. A ninfa encantada regressara do país do encantamento, voltara a ser apenas uma simples rapariga desajeitada, nervosa e constrangida.

- Foi uma sorte encontrá-la aqui, mademoiselle. - declarou o detective. - Procurei-a no hotel...

- Procurou? - O sorriso tornara-se vazio.

- Importa-se de passear um bocadinho comigo?

Ela acompanhou-o, dócil e obediente. Pouco depois perguntou, inesperadamente e em voz estranha e muito apressada:

- É... é um detective, não é?

- Sou, sim, mademoiselle.

- Veio proteger-me?

Poirot afagou o bigode, pensativamente, antes de responder:

- Quer dizer que está em perigo, mademoiselle?

- Estou, estou! - Olhou à sua volta, com um olhar assustado. - Falei do assunto ao doutor Gerard, em Jerusalém. Ele procedeu de modo muito inteligente. Ficou imperturbável, quando lhe falei, mas seguiu-me... àquele terrível lugar das pedras vermelhas. - Não conteve um estremecimento. - Tencionavam matar-me, lá. Tenho de estar sempre atenta.

Poirot acenou com a cabeça, de modo suave e indulgente.

- Ele é amável e bom - murmurou Ginevra. - Está apaixonado por mim.

- Sim?

- Oh, sim! Diz o meu nome, quando dorme...

O seu rosto adoçou-se de novo, momentaneamente iluminado por aquela beleza trémula e sobrenatural.

- Vi-o deitado, às voltas e reviravoltas e a pronunciar o meu nome... Saí devagarinho. Foi ele, talvez, que o mandou chamar? Tenho muitos inimigos, cercam-me por toda a parte... às vezes andam disfarçados.

- Sim, sim... Mas aqui está em segurança, rodeada por toda a sua família.

A jovem endireitou-se, orgulhosamente.

- Eles não são a minha família, não tenho nada a ver com eles. Não lhe posso dizer quem realmente sou... é um grande segredo.

- A morte da sua mãe abalou-a muito, mademoiselle?

Ginevra bateu com o pé.

- Já lhe disse que ela não era minha mãe! Os meus inimigos pagaram-lhe para fingir que era minha mãe e para não me deixar fugir.

- Onde estava na tarde em que ela morreu?

- Estava na tenda - respondeu sem hesitar. - Estava muito calor, lá dentro, mas não me atrevi a sair. Eles podiam apanhar-me. Um deles... espreitou na minha tenda. Estava disfarçado, mas reconheci-o. Fingi que dormia. O xeque mandara-o, queria-me raptar.

Poirot caminhou em silêncio, durante alguns momentos, e por fim observou:

- São muito bonitas, essas histórias que conta a si própria.

- São verdadeiras! - gritou a rapariga. - Verdadeiras! - E, furiosa, virou-lhe as costas e correu pela encosta abaixo.

Poirot parou, a seguiu-la com o olhar, e, de súbito, ouviu uma voz perguntar, atrás de si:

- Que lhe disse?

O detective virou-se e viu o médico, um pouco ofegante. Sarah também se aproximava, mas essa vinha devagar.

- Disse-lhe que contava a si própria algumas histórias muito bonitas.

O médico acenou com a cabeça, preocupado.

- E ela ficou furiosa! Isso é bom sinal, demonstra que ainda não transpôs os umbrais da loucura. Ainda sabe que não é verdade! Curá-la-ei.

- Está, então, a tratá-la?

- Estou. Discuti o assunto com Mistress Lennox Boynton e o marido. Ginevra irá para Paris e entrará numa das minhas clínicas... depois treinar-se-á para o palco.

- Para o palco?

- Sim. Tem possibilidades de êxito nessa profissão... e é disso que ela precisa, é isso que tem de alcançar! Em muitos aspectos, tem a mesma natureza da mãe.

- Não! - exclamou Sarah, revoltada.

- Pode-lhe parecer impossível, mas certas características fundamentais são as mesmas. Nasceram ambas com um grande desejo de importância, exigem ambas que a sua personalidade impressione! Esta pobre garota tem passado a vida a ser contrariada e reprimida, foi-lhe negado um escape para a sua ardente ambição, para o seu amor à vida, para a expressão da sua personalidade romântica e cheia de vivacidade. - Deu uma gargalhadinha e acrescentou: - Nous allons changer tout ça! - Inclinou um pouco a cabeça e, antes de correr atrás de Ginevra, murmurou: - Dêem-me licença, sim?

- O doutor Gerard é muito dedicado ao seu trabalho - comentou Sarah.

- Compreendo a sua dedicação.

- No entanto, não posso tolerar que compare a garota àquela horrível velha... embora uma vez eu própria tivesse tido pena de Mistress Boynton.

- Quando foi isso, mademoiselle?

- Foi daquela vez de que lhe falei, em Jerusalém. Tive, de súbito, a sensação de que estava a ver o assunto de modo errado... Conhece aquela impressão que às vezes sentimos, momentaneamente, de que estamos a ver uma coisa ao contrário? Deixei-me levar por esse sentimento e armei em idiota.

- Oh, não, não armou tal!

Sarah corou violentamente, como sempre que recordava a sua conversa com Mistress Boynton.

- Senti-me toda exaltada, como se tivesse uma missão a cumprir! Mais tarde, quando Lady Westholme olhou para mim de modo velhaco e disse que me vira a falar com Mistress Boynton, pensei que talvez tivesse ouvido as minhas palavras e senti-me a mais completa idiota.

- Quais foram, exactamente, as palavras que Mistress Boynton lhe disse? Lembra-se delas?

- Creio que sim, pois impressionaram-me muito. O que ela disse foi: "Eu nunca esqueço! Lembre-se disso. Nunca esqueci nada, nem uma acção, nem um nome, nem um rosto!" - Sarah estremeceu. - Falou com tanta malevolência e sem olhar, sequer, para mim! Ainda me parece que a estou a ouvir.

- Impressionou-a muito, hem? - murmurou Poirot, docemente.

- Impressionou. Não me assusto com facilidade... mas às vezes sonho com ela a dizer aquelas palavras e vejo aquele rosto diabólico, trocista e triunfante. Brrr! - Fez uma pausa, antes de indagar: - Talvez não lho devesse perguntar, Monsieur Poirot, mas já chegou a uma conclusão acerca deste assunto?

- Já.

Os lábios de Sarah tremiam, quando perguntou:

- Qual?

- Descobri com quem Raymond falou, naquela noite, em Jerusalém. Foi com a irmã, Carol.

- Carol... evidentemente! Disse a Raymond... perguntou-lhe...

Não foi capaz de continuar e Poirot fitou-a, grave e compadecidamente.

- Significa assim tanto para si, mademoiselle?

- Significa tudo! - exclamou Sarah, mas endireitou os ombros e acrescentou: - No entanto, tenho de saber.

- Ele disse-me que não passou de um desabafo nervoso, que tanto ele como a irmã estavam muito excitados e que, quando nasceu o dia, a ideia pareceu fantástica a ambos.

- Compreendo...

- Miss Sarah, não me quer dizer o que receia?

Sarah empalideceu e fitou-o, desesperada.

- Naquela tarde... estivemos juntos. Quando me deixou, ele disse que queria fazer qualquer coisa naquele momento... enquanto tinha coragem. Pensei que se tratava apenas de... de dizer à mãe. Mas supondo que ele se referia... - Calou-se e ficou rígida, a lutar com todas as forças para se dominar.

XX

Nadine Boynton saiu do hotel e parou, hesitante.

Um vulto que esperava correu ao seu encontro: Mister Jefferson Cope colocou-se ao lado da sua dama.

- Vamos por este lado? Parece-me o mais agradável.

Enquanto caminhavam, Mr. Cope falou. As palavras brotavam-lhe dos lábios sem dificuldade, embora com certa monotonia, e talvez nem reparasse que Nadine não o estava a ouvir.

Quando meteram pela encosta pedregosa e florida, Nadine interrompeu-o, muito pálida:

- Desculpe, Jefferson, preciso de falar consigo...

- Certamente, minha querida. Diga o que quiser, mas não se preocupe.

- É mais inteligente do que eu suponha. Já sabe o que vou dizer, não sabe?

- É indubitavelmente verdade que as circunstâncias modificam as coisas. Tenho profunda consciência de que, nas presentes circunstâncias, as decisões tomadas devem ser reconsideradas. - Calou-se um momento, a suspirar. - Tem de ir para a frente, Nadine, e de fazer o que entende dever fazer.

- É tão bom, Jefferson, tão paciente! - exclamou, com sincera emoção, a jovem. - Acho que o tratei muito mal, que fui indecente consigo!

- Escute, Nadine, esclareçamos as coisas. Soube sempre quais eram as minhas limitações, em relação a si. Desde que a conheço que lhe dedico o mais profundo afecto e o maior respeito e que só desejo a sua felicidade. Nunca desejei outra coisa. Vê-la infeliz quase me enlouquecia. Confesso, também, que considerei Lennox culpado. Achava que ele não a merecia, visto não saber atribuir um pouco mais de valor à sua felicidade. Agora admito que, depois de os acompanhar a Petra, pensei que talvez Lennox não fosse tão culpado como me parecia. Não desejo dizer nada contra os mortos, mas a sua sogra devia ser uma mulher muito difícil.

- Sim, tem razão - concordou Nadine.

- Fosse como fosse, você procurou-me, ontem, e disse-me que decidira, definitivamente, deixar Lennox. Aplaudi a sua decisão, pois a vida que levava não estava certa. Foi sincera comigo, não pretendeu convencer-me de que sentia por mim mais do que um pouco de afecto. Eu só desejava ter ensejo de cuidar de si, de a tratar

como merecia ser tratada. Confesso que a tarde de ontem foi uma das mais felizes da minha vida.

- Lamento... lamento...

- Não vale a pena, minha querida. Tive, desde o princípio, a sensação de que não era real o que sucedia, de que você mudaria, provavelmente, de opinião. As circunstâncias agora são diferentes, você e Lennox poderão levar uma vida própria.

- É verdade - murmurou Nadine, baixinho. - Não posso deixar o meu marido. Perdoe-me.

- Não tenho nada que perdoar. Voltaremos a ser bons e velhos amigos, esqueceremos a tarde de ontem.

- Obrigada, querido Jefferson - agradeceu Nadine, e apertou-lhe o braço. - Agora vou ter com Lennox.

Deixou-o e Mr. Cope continuou sozinho o seu caminho.

Nadine encontrou o marido sentado no cimo do Teatro Greco-Romano. Ele só deu pela sua presença quando ela se sentou, ofegante, a seu lado.

- Lennox... - O marido virou um pouco a cabeça. - Ainda não pudemos conversar, mas sabes que não te deixarei, não sabes?

- Tencionaste, realmente, deixar-me, Nadine?

- Tencionei. Compreendes, parecia-me a única saída possível. Esperava... esperava que me seguisses. Como fui cruel para o pobre Jefferson!

Lennox soltou uma pequena gargalhada.

- Não foste tal! Uma pessoa tão pouco egoísta como o Cope merece que se aproveite a sua excepcional nobreza de alma! E tu tens razão, Nadine, quando me disseste que partias com ele causaste-me o maior abalo da minha vida. Creio que, ultimamente, andava a ficar esquisito da cabeça... Por que demónio não virei as costas à mãe e não parti contigo quando mo pediste?

- Não podias, meu querido.

- A mãe era uma pessoa muitíssimo estranha... Creio que nos tinha a todos meio hipnotizados.

- Tinha, de facto.

Seguiram-se alguns momentos de silêncio.

- Quando me confiaste a tua decisão... foi como se levasse uma pancada na cabeça! Regressei ao acampamento meio atordoado e, de súbito, compreendi o grandíssimo idiota que fora e que só podia fazer uma coisa, se não te queria perder. - O tom da sua voz tornou-se mais tenso, ao acrescentar: - Fui ter com ela e...

- Não digas...

Lennox lançou-lhe um olhar rápido e prosseguiu:

- Discuti com ela. - Falava em voz absolutamente diferente, cuidadosa e inexpressiva. - Disse-lhe que tinha de escolher entre as duas... e que te escolhia a ti.

E acrescentou, num curioso tom de auto-aprovação:

- Sim, foi isso que lhe disse.

XXI

Poirot encontrou duas pessoas no seu caminho de regresso. A primeira foi Mr. Jefferson Cope.

- Monsieur Hercule Poirot? Chamo-me Jefferson Cope.

Os dois homens trocaram um cerimonioso aperto de mão. Mr. Cope começou a caminhar ao lado do detective e explicou:

- Acabo de ter conhecimento de que o senhor procede a uma espécie de investigação de rotina acerca da morte da minha velha amiga, Mistress Boynton. Foi desagradável o que sucedeu. A idosa senhora não devia ter empreendido uma viagem tão fatigante, mas era obstinada, a sua família não a conseguia demover, quando ela decidia qualquer coisa. Era a modos que uma tirana doméstica. O que dizia era lei!

Seguiu-se uma pausa um pouco longa.

- Só lhe queria dizer, Monsieur Poirot, que sou um velho amigo da família Boynton. Eles estão naturalmente, muito transtornados, são um pouco nervosos, e por isso, se houver quaisquer formalidades a cumprir quanto ao funeral ou ao transporte do corpo para Jerusalém, estou às ordens para tudo quanto os possa poupar. Recorra a mim para o que for preciso.

- Estou certo de, que a família apreciará a sua oferta, Mister Cope. E, suponho, um amigo especial de Mistress Lennox Boynton?

Mr. Jefferson Cope corou um pouco.

- Não falemos muito a esse respeito, Monsieur Poirot. Sei que teve uma entrevista com Mistress Lennox Boynton, esta manhã, e suponho que ela lhe terá dado a entender o que se passava entre nós, mas tudo isso acabou. Mistress Boynton é uma excelente mulher e acha que os seus principais deveres são para com o marido, nesta triste ocorrência.

Poirot acenou delicadamente com a cabeça.

- É desejo do coronel Carbury ter uma ideia clara dos acontecimentos na tarde do falecimento de Mistress Boynton. Importa-se de me contar o que se passou?

- Da melhor vontade. Depois do almoço e de um breve repouso, pusemo-nos a caminho, para darmos uma volta pelas imediações. Conseguimos escapar à presença daquele pestilencial dragomano... Foi então, durante o passeio que falei com Nadine. Depois ela quis ficar sozinha com o marido, para discutir o assunto com ele, e eu regressei sozinho, e devagar, ao acampamento. Mais ou menos a meio do caminho encontrei as duas senhoras inglesas que tinham participado na excursão da manhã; creio que uma delas é uma lady inglesa, metida em políticas...

Poirot confirmou.

- É uma mulher extraordinária, muito culta e com uma excelente cabeça. A outra, coitada, pareceu-me morta de fadiga. A excursão matinal fora extenuante para a pobre senhora, tanto mais que não suporta as alturas. Bem, encontrei essas duas senhoras e dei-lhes algumas informações de carácter arquitectónico. Demos uma volta e chegámos ao acampamento cerca das seis horas. Lady Westholme insistiu em mandar fazer chá e eu tive o prazer de beber uma chávena com ela. Estava fraco, mas tinha um sabor interessante. Depois, os criados puseram a mesa para o jantar e um deles foi chamar a velha senhora, que encontrou morta, na sua cadeira.

- Reparou nela, quando regressou ao acampamento?

- Reparei apenas que estava no seu posto habitual, durante a tarde e o anoitecer, mas não lhe dediquei atenção especial. Explicava a Lady Westholme o que acabáramos de ver e não perdia de vista Miss Pierce, que mal podia andar de tão fatigada.

- Obrigado, Mister Cope. Será indiscrição da minha parte perguntar se Mistress Boynton deixou uma grande fortuna?

- Sim, muito considerável. Mas, vistas bem as coisas, não era dela. Cabilia o usufruto, enquanto vivesse, e por sua morte deveria ser repartida pelos filhos do falecido Elmer Boynton. Agora ficarão numa situação muito desafogada.

- O dinheiro faz uma grande diferença - murmurou Poirot. - Quantos crimes têm sido cometidos por causa dele!

- Sim, é verdade... - concordou o americano, um pouco perturbado.

- Mas há tantos motivos para assassinar, não há? - perguntou o detective, a sorrir melifluamente. Obrigado, Mister Cope, pela sua cooperação.

- Não tem de quê. É Miss King que está ali sentada, não é? Vou conversar com ela.

Poirot continuou a descer a encosta. Um pouco abaixo, cruzou-se com Miss Pierce, que a subia.

- Oh, Monsieur Poirot, estou tão contente por o encontrar! - exclamou, ofegante. - Estive a conversar com aquela estranha pequena Boynton, a mais nova, e ela disse-me as coisas mais mirabolantes acerca de inimigos, de um xeque que a queria raptar, de espões que a cercavam... Pareceu-me muito romântico, mas Lady Westholme afirmou serem tudo tolices e disse que, em tempos, teve uma criada de cozinha, também ruiva, que dizia mentiras iguais... Creio que, às vezes, Lady Westholme é muito dura. No fim de contas, podia ser verdade, não podia, Monsieur Poirot? Li, há anos, que uma das filhas do czar não foi morta, durante a revolução, e conseguiu fugir para a América. Seria tão emocionante!

Poirot redarguiu-lhe, sentencioso:

- É verdade que na vida existem coisas muito estranhas.

- Esta manhã não compreendi bem quem o senhor era... - Miss Pierce apertou as mãos, num êxtase. - Claro, é aquele famoso detective! Li tudo acerca do caso ABC. Tão emocionante! Por sinal, nessa altura trabalhava como governanta de meninos perto de Doncaster.

Poirot murmurou qualquer coisa e Miss Pierce continuou, com crescente agitação:

- Foi por isso que pensei que talvez me tivesse enganado, esta manhã. Devemos dizer sempre tudo, não devemos? Até o mais ínfimo pormenor, mesmo que pareça não ter nada a ver com o assunto. Sim, porque se o senhor está a investigar este caso, a pobre Mistress Boynton deve ter sido assassinada! Compreendo-o agora. Por isso perguntei a mim mesma se lhe deveria dizer... enfim, pensando bem, é muito peculiar...

- Portanto, o melhor é dizer-me.

- Bem, não se trata de nada de importância... Na manhã seguinte à morte de Mistress Boynton, levantei-me muito cedo e espreitei para fora da tenda, a fim de admirar o nascer do Sol...

- Sim, sim. E que viu?

- Aí é que está o pormenor curioso... embora na altura não me parecesse ter qualquer significado. Vi a pequena Boynton sair da sua tenda e atirar qualquer coisa para o regato... Claro que isto não tem importância nenhuma... mas era um objecto que cintilava, ao sol.

- De que pequena Boynton se tratava?

- Suponho que lhe chamam Carol. É uma jovem muito interessante, tão parecida com o irmão que dir-se-iam gémeos. Mas também pode ter sido a mais nova, pois o sol batia-me nos olhos e não me deixava ver bem. No entanto, não me pareceu que o cabelo fosse ruivo.

- E ela atirou fora um objecto que brilhava?
- Atirou. Mas, como disse, não liguei muita importância ao facto, naquela altura. Mais tarde, porém, passei ao longo do rio e Miss King estava lá. Entre uma quantidade de outras coisas muito pouco próprias (até uma ou duas latas de conserva!), vi uma caixinha de metal brilhante...

- Oh, compreendo perfeitamente! Mais ou menos deste comprimento?

- Sim. Oh, como é inteligente! Pensei para comigo: “Deve ter sido aquilo que a pequena Boynton deitou fora... mas é uma caixinha bonita...” Apanhei-a, por curiosidade, e abri-a. Continha uma seringa, igual àquela de que se serviram para me espetar quando me vacinaram contra a febre tifóide. Achei estranho que a tivessem deitado fora, pois não parecia partida, mas, de repente, Miss King falou atrás de mim, não dera por ela chegar, e disse: “Oh, obrigada! É a minha seringa hipodérmica. Andava à procura dela.” Entreguei-lha e ela regressou ao acampamento com a caixa.

Miss Pierce parou, para tomar fôlego, e depois prosseguiu, a falar muito depressa:

- Claro que não deve ter importância nenhuma, mas pareceu-me um pouco estranho que Carol Boynton deitasse fora a seringa de Miss King. Evidentemente que deve haver uma boa explicação... - Calou-se, a olhar, cheia de expectativa, para Poirot.

- Obrigado, mademoiselle - agradeceu o detective, muito sério. - O que me contou pode não ser importante em si mesmo, mas digo-lhe uma coisa: completa o meu caso! Agora está tudo claro e em ordem.

- Sim? - Miss Pierce corou, feliz como uma criança, e Poirot acompanhou-a ao hotel.

De novo no seu quarto, acrescentou uma linha ao seu memorando: “Ponto nº 10. Eu nunca esqueço! Lembre-se disso. Nunca esqueci nada...”

Acenou com a cabeça e exclamou, em voz alta:

- Mas oui! Agora está tudo esclarecido!

XXII

- Os meus preparativos estão completos - declarou Hercule Poirot, ao mesmo tempo que recuava um passo, suspirava e admirava a disposição que dera a um dos quartos desocupados do hotel.

O coronel Carbury, indolentemente encostado à cama que fora empurrada para a parede, sorriu.

- Você é um tipo cómico, hem, Poirot? Gosta de dramatizar.

- Talvez... Mas não se trata de satisfazer um capricho pessoal. Quando se representa uma comédia deve-se começar por preparar o cenário.

- Mas isto é uma comédia?

- Mesmo que seja uma tragédia, também precisa de um cenário.

Carbury olhou-o com curiosidade.

- Bem, isso é consigo. Não sei aonde quer chegar, mas suponho que descobriu qualquer coisa.

- Terei a honra de lhe apresentar o que me pediu: a verdade! - Poirot consultou o relógio. - São horas de começarmos. O senhor, mon colonel, sentar-se-á aqui, a esta mesa, numa posição oficial.

- Pois sim - resmungou Carbury.

- Aqui - continuou Poirot, a modificar um pouco a posição das cadeiras - instalaremos a família Boynton. E aqui instalaremos as três pessoas estranhas à família, mas que estão relacionadas com o caso: o doutor Gerard, de cujo depoimento depende a acusação; Miss Sarah King, que tem dois interesses no caso, um pessoal e outro profissional, e Mister Jefferson Cope, que tinha relações de amizade com os Boynton e, portanto, pode ser considerado parte interessada... Ah, aí vêm!

Primeiro entraram Lennox Boynton e a mulher, seguidos por Raymond e Carol. Ginevra chegou sozinha, com um leve sorriso vago nos lábios, e o Dr. Gerard e Sarah King fecharam o cortejo. Mr. Cope só chegou passados alguns minutos.

Depois de todos se encontrarem instalados nos seus lugares, Poirot dirigiu-lhes a palavra:

- Senhoras e senhores, esta reunião é absolutamente informal e resultou da minha presença acidental em Amã. O coronel Carbury deu-me a honra de me consultar...

Poirot foi interrompido por quem menos se esperaria: Lennox Boynton, que perguntou agressivamente:

- Por quê? Por que demônio o meteu ele neste assunto?

- Sou consultado com muita frequência em casos de morte súbita.

- Os médicos mandam-no chamar sempre que alguém morre de um colapso cardíaco? - insistiu Lennox.

- Colapso cardíaco é um termo tão vago e tão pouco científico! - afirmou Poirot, docemente.

O coronel Carbury pigarreou e interveio, no seu tom mais oficial:

- Acho melhor falarmos claro. As circunstâncias da morte foram-me comunicadas e pareceu-me tudo muito natural. O tempo estava muito quente, a viagem fora extenuante para uma senhora idosa e doente... Até aí, estava tudo bem. Mas o doutor Gerard procurou-me e deu-me uma informação... - Olhou interrogadoramente para Poirot, que acenou com a cabeça. - O doutor Gerard é um médico eminente, de reputação mundial, e as suas opiniões são, portanto, dignas de receberem a devida atenção. O doutor Gerard comunicou-me o seguinte: na manhã imediata à morte de Mistress Boynton, notou que faltava no seu estojo de medicamentos uma certa quantidade de uma droga potente, que actua sobre o coração. Já na tarde anterior dera pela falta de uma seringa hipodérmica, a qual, no entanto, fora devolvida durante a noite. Além disso, no pulso da morta havia uma picada que correspondia à deixada por uma agulha, ao aplicar uma injeção. - O coronel Carbury fez uma breve pausa. - Nestas circunstâncias, achei dever das autoridades investigarem o assunto. Monsieur Hercule Poirot era meu convidado e teve a delicadeza de oferecer os seus serviços de especialista. Dei-lhe carta branca, para proceder às investigações que considerasse necessárias e estamos agora aqui reunidos para tomar conhecimento das suas conclusões.

Seguiu-se um silêncio tão total que, como se costuma dizer, se poderia ouvir cair um alfinete. Por coincidência, no quarto ao lado alguém deixou cair qualquer coisa - talvez um sapato -, com um barulho semelhante ao de uma bomba, na atmosfera silenciosa.

Poirot olhou para o grupo de três pessoas reunidas à sua direita e depois observou as cinco sentadas à sua esquerda.

- Quando o coronel Carbury me falou deste assunto, dei-lhe a minha opinião de perito - declarou o detective. - Disse-lhe que talvez não fosse possível reunir provas

capazes de serem aceites num tribunal, mas acrescentei que estava convencido de que descobriria a verdade e que, para tanto, me bastaria interrogar as pessoas relacionadas com o caso. Deixem-me dizer-lhes, meus amigos, que para investigar um crime só é necessário deixar o culpado ou os culpados falar. No fim, ele ou eles dizem sempre o que queremos saber Assim, neste caso, embora me tivessem mentido, acabaram também por me dizer a verdade.

Ouviu um leve suspiro, mas não se voltou para o lado donde partira.

- Primeiro, estudei a possibilidade de Mistress Boynton ter morrido de morte natural, mas pu-la de parte. O desaparecimento da droga, a seringa e, sobretudo, a atitude da família da morta convenceram-me de que tal suposição não tinha base. Mistress Boynton fora assassinada a sangue-frio e todos os membros da sua família tinham consciência disso! Colectivamente, reagiram como culpados.

“Mas há graus de culpabilidade. Estudei cuidadosamente os factos apurados, a fim de concluir se o assassinio (sim, foi assassinio!) fora cometido pela família da vítima, num plano de conjunto. Havia motivos sobejos para a quererem liquidar. Todos lucravam com a sua morte, tanto no sentido financeiro, pois conquistariam, acto contínuo, independência financeira e ficariam, até, ricos, como no sentido de se libertarem do que se transformara numa tirania quase insuportável.”

“Mas continuemos. Verifiquei, quase imediatamente, que o plano de conjunto não tinha muitas probabilidades de existir. As histórias da família Boynton não se ajustavam muito bem umas às outras e não havia indício de qualquer sistema de álibis aceitáveis. Os factos pareciam mais tendentes a sugerir que um ou, talvez, dois membros da família tinham agido em conluio e que os outros eram encobridores. Depois tentei averiguar que membro ou membros pareciam mais indicados. Confesso que, neste ponto, sofri a tentação de me deixar influenciar por certo pormenor que só eu conhecia.”

Poirot revelou o que se passara em Jerusalém, a frase que tinha ouvido.

- Naturalmente, essa frase fazia incidir as suspeitas em Mister Raymond Boynton. Estudei a família e cheguei à conclusão de que a pessoa mais indicada para sua confidente, naquela noite, era a sua irmã, Carol. Pareciam-se no aspecto e no temperamento e, portanto, devia existir entre ambos um laço forte de simpatia. Além disso, possuíam ambos, também, o temperamento nervoso e rebelde necessário para a concepção de tal acto. O facto de os seus motivos serem, em parte, altruístas (libertar toda a família e, sobretudo, a irmã mais nova), ainda tornava mais plausível o planeamento da acção.

Poirot calou-se e Raymond Boynton entreabriu os lábios, mas voltou a fechá-los. Os seus olhos fitavam o detective, cheios de angústia.

- Antes de continuar a apresentar o caso contra Raymond Boynton, gostaria de lhes ler uma lista de factos significativos, que apresentei esta tarde ao coronel Carbury:

1. Mistress Boynton tomava um remédio que continha Digitalis.
2. O doutor Gerard deu por falta de uma seringa hipodérmica.
3. Mistress Boynton sentia grande prazer em impedir a família de se divertir com as outras pessoas.
4. Na tarde em questão, Mistress Boynton encorajou a família a ir passear e a deixá-la sozinha.
5. Mistress Boynton era uma sádica mental.

6. A distância entre a tenda grande e o lugar onde Mistress Boynton estava sentada era (aproximadamente) de cento e oitenta metros.
7. Mister Lennox Boynton disse, ao princípio, não saber a que horas regressara ao acampamento, mas depois admitiu ter acertado o relógio da mãe.
8. O doutor Gerard e Miss Ginevra Boynton ocupavam tendas contíguas.
9. Às seis horas e trinta, quando o jantar estava pronto, um criado foi anunciar esse facto a Mistress Boynton.
10. Em Jerusalém, Mistress Boynton empregou as palavras: Eu nunca esqueço! Lembre-se disso. Nunca esqueci nada.

“Embora tenha numerado os vários pontos separadamente, alguns podem ser reunidos aos pares. Acontece assim, por exemplo, com os dois primeiros: Mistress Boynton tomava um remédio que continha Digitalis. O doutor Gerard deu por falta de uma seringa hipodérmica. Estes dois pormenores foram os que primeiro me impressionaram, no caso, e confesso que os achei muito extraordinários e absolutamente irreconciliáveis. Não compreendem o que quero dizer? Não importa. Voltarei ao assunto mais adiante.”

“Vou concluir o meu estudo das possibilidades de culpa de Raymond Boynton. Fora ouvido a discutir a hipótese de tirar a vida a Mistress Boynton. Encontrava-se num estado de grande excitação nervosa. Acabava de passar, a mademoiselle desculpará - inclinou a cabeça a Sarah -, acabava de passar por uma grande crise emocional, isto é, apaixonara-se. A exaltação dos seus sentimentos podia levá-lo a agir de vários modos. Podia sentir-se inclinado a mostrar-se brando e condescendente para com o mundo em geral, incluindo a madrasta; podia sentir, finalmente, a coragem necessária para a desafiar e libertar-se da sua influência, ou podia encontrar o incentivo para passar o seu crime da teoria para a prática. Esta é a psicologia. Examinemos agora os factos.”

“Raymond Boynton saiu do acampamento, com os outros, cerca das três e um quarto da tarde. Nessa altura, Mistress Boynton estava viva e bem. Passado pouco tempo, Raymond e Sarah King tiveram um tête-à-tête. Depois ele deixou-a e, segundo declarou, regressou ao acampamento às seis horas menos dez minutos. Foi ter com a mãe, trocou algumas palavras com ela, dirigiu-se à sua tenda e depois à tenda grande. Declarou que às seis horas menos dez minutos Mistress Boynton estava viva e bem. Mas eis que nos surge um facto que contradiz directamente tal afirmação. Às seis e meia, um criado encontrou Mistress Boynton morta. Miss King, que se bacharelou em Medicina, examinou o corpo e jura que, embora não tivesse prestado especial atenção a esse pormenor, a morte ocorrera com certeza pelo menos uma hora antes das seis horas.”

“Como vêem, temos duas declarações contraditórias. Pondo de parte a possibilidade de Miss King ter cometido um erro...”

- Não cometo erros - interrompeu-o Sarah. - Quero dizer, se me tivesse enganado, admiti-lo-ia.

Poirot fez-lhe uma vénia, cortesmente.

- Nesse caso, só há duas possibilidades: Miss King ou Mister Boynton mentem! Examinemos as razões que Raymond Boynton poderia ter para mentir. Partamos do princípio de que Miss King não se enganou e não mentiu deliberadamente. Qual foi, então, a sequência dos acontecimentos? Raymond Boynton regressou ao acampamento, viu a mãe sentada à entrada da caverna, foi ter com ela e encontrou-a

morta. Que fez? Pediu socorro? Comunicou imediatamente o que acontecera? Não. Aguardou um minuto ou dois, foi à sua tenda e a seguir reuniu-se à família, na tenda grande, e não disse nada. Semelhante conduta é muito curiosa, não é?

Raymond respondeu, em voz nervosa e irritada:

- Seria, até, idiota. Isso deve demonstrar-lhe que a minha mãe estava viva e bem, como eu disse. Miss King enervou-se, ficou transtornada e cometeu um erro.

- Ocorre perguntar - prosseguiu Poirot, calmamente, como se não o ouvisse - se haveria uma razão para tal conduta. À primeira vista, parece que Raymond Boynton não pode ser culpado, pois no único momento em que se aproximou da mãe, naquela tarde, ela já estava morta havia algum tempo. Supondo, portanto, que Raymond Boynton está inocente, poderemos explicar a sua conduta?

“Respondo que, partindo do princípio da sua inocência, podemos! Recordo-me, mais uma vez, do fragmento de conversa que ouvi: Compreendes que ela tem de ser morta, não compreendes? Raymond Boynton regressou do seu passeio, encontrou a mãe morta e, acto contínuo, a sua memória culpada entreviu uma certa possibilidade: o plano fora executado, não por ele, mas por quem com ele o gizara! Tout simplement, ele suspeitou que a sua irmã, Carol Boynton, era culpada.”

- É mentira! - afirmou Raymond, em voz baixa e trémula.

- Estudemos, agora, a possibilidade de Carol Boynton ser a assassina. Quais são as provas contra ela? Possui o mesmo temperamento impetuoso, o género de temperamento capaz de revestir de cores heróicas semelhante acto. Foi com ela que Raymond Boynton falou, naquela noite, em Jerusalém. Carol Boynton regressou ao acampamento às cinco e dez. Segundo declarou, foi falar com a mãe, mas ninguém a viu. O acampamento estava deserto, os criados dormiam. Lady Westholme, Miss Pierce e Mister Cope andavam a explorar cavernas, fora do campo visual do acampamento. Não havia, portanto, testemunhas da possível acção de Carol e o tempo da morte estaria certo. O caso contra Carol Boynton é perfeitamente possível.

Calou-se. Carol levantara a cabeça e fitava-o, triste e firmemente.

- Há ainda outro ponto. Na manhã seguinte, muito cedo, alguém viu Carol Boynton atirar qualquer coisa para o regato. Há razões para crer que esse “qualquer coisa” era uma seringa hipodérmica.

- Comment? - perguntou o Dr. Gerard, surpreendido. - Mas a minha seringa foi devolvida! Foi, eu tenho-a!

Poirot acenou com a cabeça, veementemente.

- Sim, o aparecimento desta segunda seringa é muito curioso, muito interessante. Deram-me a entender que a seringa pertencia a Miss King. É verdade?

Como Sarah hesitasse uma fracção de segundo, Carol antecipou-se-lhe:

- Não era a seringa de Miss King; era a minha.

- Admite, então, que a atirou fora, mademoiselle?

A jovem hesitou, apenas um instante.

- Sim, com certeza. Porque não a atiraria fora?

- Carol! - exclamou Nadine, inclinada para a frente, de olhos dilatados e inquietos.

- Carol... oh, não compreendo!

Carol virou-se para ela, com uma certa hostilidade.

- Não há nada que compreender! Atirei fora uma seringa velha. Não toquei no... no veneno.

Sarah interveio:

- O que Miss Pierce lhe disse é verdade, Monsieur Poirot. A seringa era minha. Poirot sorriu.

- É muito confuso, este caso da seringa, embora eu creia que se pode explicar. Enfim, já estudamos duas possibilidades: a da inocência de Raymond Boynton e a da culpabilidade da sua irmã, Carol. Mas eu sou escrupulosamente justo, procuro ver sempre os dois aspectos de qualquer questão. Vejamos o que aconteceria se Carol Boynton estivesse inocente.

“Ela chegou ao acampamento, foi ter com a madrasta e encontrou-a (admitamos) morta. Qual foi a primeira coisa que lhe acudiu ao espírito? Suspeitou de que o irmão, Raymond, a matara. Sem saber que fazer, resolveu calar-se. Pouco depois, passada cerca de uma hora, Raymond Boynton chegou ao acampamento e, depois de ter estado junto da mãe, não disse nada, não comunicou que notara algo anormal. Não lhes parece que, perante tal procedimento, as suspeitas da irmã se tornariam certezas? Talvez ela tenha ido à tenda do irmão e encontrasse a seringa... Então, sim, teve a certeza! Pegou na seringa, escondeu-a e de manhã muito cedo deitou-a fora.”

“Mas há ainda outro indício da inocência de Carol Boynton. Ela garantiu-me, quando a interroguei, que nunca tinham pensado seriamente em pôr em prática o plano. Pedi-lhe que jurasse e Miss Boynton jurou imediatamente, e com a maior solenidade, que não era culpada do crime. Foi assim que ela se exprimiu: não jurou que eles - ela e o irmão - não eram culpados; jurou que ela não era culpada e pensou que eu não prestaria atenção ao pormenor.”

“Eh bien, está demonstrada a inocência de Carol Boynton. Voltemos agora atrás e consideremos não a inocência, mas, sim, a possível culpa de Raymond. Suponhamos que Carol disse a verdade, que Mistress Boynton estava viva às cinco e dez. Em que circunstâncias poderá Raymond ser culpado? Podemos supor que matou a madrasta às seis horas menos dez minutos, quando foi falar com ela. É verdade que os criados já andavam pelo acampamento, mas começava a escurecer. Podia, de facto, ser possível, mas nesse caso Miss King teria mentido. Lembremo-nos de que ela chegou ao acampamento cinco minutos, apenas, depois de Raymond. De longe, vê-lo-ia ir ter com a mãe. Mais tarde, quando a encontrou morta, Miss King convenceu-se de que Raymond a matara e, para o salvar, mentiu, sabendo como sabia que o doutor Gerard estava de cama, com febre, e não poderia desmascarar a sua mentira!

- Eu não menti! - afirmou Sarah, com firmeza.

- Há ainda outra possibilidade. Miss King, como já disse, chegou ao acampamento poucos minutos depois de Raymond. Se este encontrou a mãe viva, pode ter sido Miss King quem administrou a injeção fatal. Estava convencida de que Mistress Boynton era fundamentalmente má e talvez se tenha visto como uma justiceira. Isso explicaria, também, a sua mentira acerca da hora da morte.

Sarah, que empalidecera muito, falou em voz baixa, mas firme:

- É verdade que falei da aparente justiça de uma pessoa morrer para salvar muitas. O Lugar do Sacrifício inspirou-me essa ideia. Mas posso jurar que não fiz mal nenhum àquela velha revoltante nem tal ideia me passou pela cabeça!

- E, no entanto, um dos dois deve estar a mentir - comentou Poirot, em tom muito suave.

Raymond Boynton mexeu-se na cadeira e exclamou, impetuosamente:

- Venceu, Monsieur Poirot! O mentiroso sou eu. Minha madrasta estava morta quando cheguei junto dela. Fiquei... fiquei aparvalhado. Compreende, estava decidido a

esclarecer tudo com ela, a dizer-lhe que, doravante, seria livre. Estava absolutamente decidido, compreende? Mas cheguei e ela estava... morta! Tinha a mão fria e inerte. Pensei... aquilo que o senhor disse... pensei que talvez Carol... Enfim, vi a marca, no pulso...

- Ainda não estou completamente informado a esse respeito - interrompeu-o, de súbito, Poirot. - Qual era o método que tencionavam empregar? Tinham um método estudado, e relacionava-se com uma seringa hipodérmica.

- Era uma coisa que tinha lido num livro... num romance policial inglês - tartamudeou Raymond. - Espetava-se a agulha de uma seringa vazia em alguém... e bastava. Parecia... parecia muito científico.

- Ah! - exclamou Poirot. - Compreendo. E compraram uma seringa?

- Não. Roubámos a de Nadine.

- A seringa que está na sua bagagem em Jerusalém, madame? - perguntou Poirot à visada.

- Não... não tinha a certeza do que lhe acontecera - respondeu, um pouco corada, Nadine.

- Possui uns reflexos tão rápidos, madame! - elogiou o detective.

XXIII

Poirot pigarreou, com um bocadinho de afectação, e prosseguiu:

- Resolvemos o mistério daquilo a que chamo a segunda seringa. Uma seringa, que pertencia a Mistress Lennox Boynton, foi subtraída por Raymond Boynton antes de partirem de Jerusalém, foi tirada a Raymond por Carol depois da descoberta do cadáver, atirada fora pela jovem, encontrada por Miss Pierce e reclamada, como pertença sua, por Miss King. Suponho que Miss King a tem?

- Tenho.

- Portanto, quando há pouco nos afirmou que era sua, fez aquilo que disse não fazer: mentiu.

- Trata-se de um diferente género de mentira. - redarguiu Sarah, serenamente. - Não é... não é uma mentira profissional.

- Sim, compreendo-a perfeitamente.

- Obrigada.

Poirot voltou a pigarrear.

- Passemos agora em revista o nosso horário:

Os Boynton e Jefferson Cope saíram do acampamento (aprox.) 3.05
Doutor Gerard e Sarah King saíram do acampamento (aprox.) 3.15
Lady Westholme e Miss Pierce saíram do acampamento (aprox.) 4.15
Doutor Gerard regressou ao acampamento (aprox.) 4.20
Lennox Boynton regressou ao acampamento..... 4.35
Nadine Boynton regressou ao acampamento e falou com Mistress Boynton ... 4.40
Nadine Boynton deixou a sogra, e foi para a tenda, grande (aprox.) 4.50
Carol Boynton regressou ao acampamento 5.10
Lady Westholme, Miss Pierce e Mister Jefferson Cope regressaram ao acampamento
..... 5.40
Raymond Boynton regressou ao acampamento 5.50

Sarah King regressou ao acampamento 6.00
O corpo foi descoberto..... 6.30

“Há, como verificarão, um hiato de vinte minutos entre as quatro horas e cinquenta, hora em que Nadine Boynton deixou a sogra, e as cinco horas e dez, hora em que Carol regressou. Portanto, se Carol diz a verdade, Mistress Boynton deve ter sido morta nesses vinte minutos. Quem a podia ter matado? Nessa altura, Miss King e Raymond Boynton estavam juntos. Mister Cope (embora não tenha qualquer motivo aparente para a matar) possui um álibi: estava com Lady Westholme e Miss Pierce. Lennox Boynton estava com a mulher na tenda grande. O doutor Gerard debatia-se com um ataque de febre na sua tenda. O acampamento estava deserto, os criados dormiam... era, em suma, um momento propício para o cometimento de um crime! Mas estava presente alguém que o pudesse cometer?”

Os olhos do detective desviaram-se, pensativos, para Ginevra Boynton.

- Estava presente uma pessoa. Ginevra Boynton esteve toda a tarde na sua tenda. Pelo menos foi isto que nos disseram, mas na realidade existem provas de que ela não esteve sempre na sua tenda. Ginevra fez uma observação muito interessante: disse que o doutor Gerard pronunciou o seu nome, enquanto dormia. Ora o doutor Gerard também nos disse que, durante o seu ataque febril sonhou com o rosto de Ginevra Boynton. Mas não se tratou de um sonho! Foi realmente a cara dela que ele viu, junto da sua cama. Supôs tratar-se de um efeito da febre, mas era a realidade. Ginevra foi à tenda do doutor Gerard. Não será possível que tenha ido repor a seringa, depois de a haver utilizado?

Ginevra levantou a cabeça ruiva-dourada e os seus belos olhos fitaram Poirot com uma singular falta de expressão.

- Ah, ça non! - protestou o médico.

- É assim tão psicologicamente impossível? - indagou o detective.

O francês baixou os olhos, mas Nadine Boynton afirmou, vivamente:

- É impossível!

Poirot virou-se logo para ela.

- Impossível, madame?

- Sim. - Nadine calou-se, mordeu os lábios e prosseguiu: - Não estou disposta a ouvir semelhante acusação contra a minha cunhada! Todos nós sabemos que é impossível!

Ginevra mexeu-se um pouco na cadeira e a sua boca descontraiu-se num sorriso, no sorriso comovedor, inocente e semi-inconsciente de uma rapariguinha muito nova.

- Impossível! - repetiu Nadine.

Poirot inclinou-se, quase numa vénia, e declarou:

- Madame é muito inteligente.

- Que quer dizer com isso, Monsieur Poirot?

- Quero dizer, madame, que compreendi desde o princípio que tem uma excelente cabeça.

- Lisonjeia-me.

- Não creio. Desde o princípio que encarou a situação calma e serenamente. Manteve-se aparentemente em boas relações com a mãe do seu marido, pois essa pareceu-lhe a melhor maneira de proceder, mas intimamente julgou-a e condenou-a. Suponho que, há algum tempo, compreendeu que a única probabilidade de o seu

marido ser feliz era sair de casa, singrar por si próprio, por muito difícil e modesta que fosse a vida que poderiam levar nessas condições. Estava disposta a correr todos os riscos e tentou convencê-lo, mas falhou, madame. Lennox Boynton já não tinha vontade de ser livre.

“Ora, eu não tenho dúvida nenhuma de que a senhora ama o seu marido. A sua decisão de o deixar não foi inspirada por um amor maior por outro homem. Foi, creio, uma última e desesperada tentativa. Uma mulher na sua situação só podia tentar três coisas. A súplica que, como disse, falhou. A ameaça de abandono, mas creio que nem isso chegaria, já, para despertar Lennox Boynton. Mergulhá-lo-ia num sofrimento ainda maior, mas não o incitaria a rebelar-se. Havia só uma derradeira e desesperada tentativa: fugir com outro homem. O ciúme e o instinto de posse são dois dos instintos fundamentais mais profundamente enraizados no homem. A senhora mostrou a sua inteligência ao tentar atingir esse instinto oculto e selvagem. Se Lennox a deixasse partir com outro homem sem fazer um esforço, então estava, deveras, fora do alcance de todo o auxílio humano e a si só lhe restava tentar refazer a sua vida.”

"Suponhamos que até esse derradeiro e desesperado remédio falhou. Seu marido ficou profundamente transtornado com a sua decisão, mas apesar disso, e ao contrário do que a senhora esperara, não reagiu como o homem primitivo reagiria, com uma explosão de instinto de posse. Haveria alguma coisa capaz de salvar o seu marido do rápido declínio das suas faculdades mentais? Só uma coisa. Se a madrasta morresse, talvez não fosse ainda tarde de mais. Talvez ele fosse capaz de recomeçar a viver como um homem livre, de recuperar a independência e a virilidade.”

Nadine, que não desviara os olhos dele, redarguiu, em voz calma e imperturbável:

- Está a sugerir que ajudei a tornar esse facto realidade? Não pode, Monsieur Poirot. Depois de ter comunicado à Mistress Boynton a iminência da minha partida, fui direita à tenda grande, onde me reuni a Lennox, e não saí de lá até encontrarem a minha sogra morta. Posso ser culpada da sua morte no sentido de lhe ter causado um abalo, o que pressupõe uma morte natural; mas se o senhor diz (embora até agora não tenha quaisquer provas disso nem as possa ter enquanto não for efectuada a autópsia), mas se diz que ela foi deliberadamente morta, então eu não tive oportunidade de a matar.

- Não saiu da tenda grande até a sua sogra ser encontrada morta? - perguntou Poirot. - Esse, Mistress Boynton, é um dos pontos deste caso que me tem parecido muito curioso.

- Que quer dizer?

- Está aqui, na minha lista: “Nove. Às seis horas e trinta, quando o jantar estava pronto, um criado foi anunciar esse facto a Mistress Boynton.”

- Não compreendo - disse Raymond.

- Nem eu - confessou Carol.

Poirot olhou-os, sucessivamente.

- Não compreendem, hem? “Um criado foi anunciar...” Por que um criado? Não eram todos vocês de uma grande assiduidade quando se tratava de cuidar da velha senhora? Não havia sempre um que se encarregava de a ir buscar e de a acompanhar à mesa, à hora das refeições? Ela estava doente, tinha dificuldade em se levantar de uma cadeira sem auxílio. Um de vocês estava sempre “de serviço”, a seu lado. Parece-me, portanto, que ao ser anunciado o jantar seria natural uma pessoa da família ir ajudá-la. Mas nenhum se prontificou a fazê-lo.

- Tudo isso é absurdo, Monsieur Poirot! - exclamou Nadine, irritada. - Estávamos todos fatigados. Admito que devíamos ter ido, mas naquela noite não fomos!

- Precisamente! Naquela noite especial! A senhora, por exemplo, dispensava-lhe mais cuidados do que qualquer dos outros, era um dever que aceitava maquinalmente. Mas nessa noite não se levantou para a ir ajudar. Por quê? Fiz essa pergunta a mim próprio, por que?, e vou-lhe dizer a resposta: porque sabia muito bem que ela estava morta... Não, não me interrompa, madame! - Levantou a mão, imperioso. - Agora ouvir-me-á a mim, Hercule Poirot! Houve testemunhas da sua conversa com a sua sogra, testemunhas que puderam ver, mas não puderam ouvir. Lady Westholme e Miss Pierce estavam muito longe. Viram-na, aparentemente, a conversar com a sua sogra, mas que provas concludentes existem do que se passou? Permito-me apresentar uma teoriuzinha. A senhora é inteligente. Se, à sua maneira calma e lúcida, decidiu... digamos, decidiu eliminar a mãe do seu marido, procederia com inteligência e efectuaria os devidos preparativos. Teria acesso à tenda do doutor Gerard, durante a sua ausência, na excursão matinal, convencida de que lá encontraria uma droga adequada. O seu treino de enfermeira ajudá-la-ia, nesse capítulo. Escolheria a digitoxina, o mesmo género de droga que a velha senhora andava a tomar, e levaria também a seringa, visto que, inexplicavelmente, a sua desaparecera. Esperaria poder repor esta última, antes de o doutor dar pela sua falta.

“Antes de pôr em prática o seu plano, resolveu tentar uma última vez sacudir o seu marido da letargia em que mergulhara e, por isso, falou-lhe da sua intenção de casar com Jefferson Cope. Embora ficasse muito transtornado, seu marido não reagiu como a senhora esperara, o que a obrigou a recorrer ao plano do assassinio. Regressou ao acampamento e, no caminho, trocou umas palavras amáveis e naturais com Lady Westholme e Miss Pierce. Foi ter com a sua sogra, de seringa preparada e, mais uma vez graças ao seu treino de enfermeira, não teve dificuldade em a injectar. A sua sogra nem teve consciência do que se passava. De longe, do vale, os outros só a viam inclinada para ela, a falar. Depois, deliberadamente, foi buscar uma cadeira e sentou-se, aparentemente entretida numa conversa amena, durante alguns minutos. A morte deve ter sido quase instantânea e, por isso, era com uma morte que falava, mas quem o perceberia? A seguir arrumou a cadeira e foi para a tenda grande, onde encontrou o seu marido, a ler, e teve o cuidado de não sair de lá. Estava certa de que a morte de Mistress Boynton seria atribuída a colapso cardíaco (como na realidade foi!). Os seus planos só falharam num pormenor: não pôde repor a seringa na tenda do doutor Gerard, em virtude de ele lá estar atacado de malária... e, embora o ignorasse, ele já dera por falta da seringa! Essa, madame, foi a falha num crime que, de contrário, seria perfeito.”

Seguiu-se um momento de silêncio absoluto, pesado, e por fim Lennox levantou-se e gritou:

- Não! Isso é uma grandíssima mentira, Nadine não fez nada! Não podia ter feito, pois... pois a minha mãe já estava morta.

- Ah! - exclamou Poirot, e os seus olhos fitaram-no, suaves. - Afinal, sempre foi o senhor que a matou, Mister Boynton?

Nova pausa. Depois Lennox deixou-se cair na cadeira e levou as mãos trémulas ao rosto.

- Sim... é verdade. Matei-a.

- Tirou a digitoxina da tenda do doutor Gerard?

- Tirei.
- Quando?
- Como... como o senhor disse... de manhã.
- E a seringa?
- A seringa? Sim.
- Porque a matou?
- Ainda o pergunta?
- Estou a perguntar, Mister Boynton.
- Mas já sabe... a minha mulher ia-me deixar... ia partir com Cope...
- Pois sim, mas o senhor só soube disso de tarde!
- Claro. Quando saímos...
- Mas tirou o veneno e a seringa de manhã, antes de saber?
- Por que diabo me atormenta com perguntas? - Calou-se e passou a mão trémula pela testa. - Que importância tem isso, aliás?
- Tem muita, Mister Lennox Boynton. Aconselho-o a dizer-me a verdade.
- A verdade? - repetiu Lennox, a fitá-lo.
Nadine virou-se bruscamente na cadeira e olhou para o marido.
- Foi o que lhe pedi - disse Poirot. - Que dissesse a verdade.
- Meu Deus, direi! - exclamou Lennox, muito agitado. - Mas não sei se me acreditará. Naquela tarde, quando deixei Nadine, estava verdadeiramente desfeito. Nunca imaginara que ela me pudesse trocar por outro. Sentia-me... sentia-me quase louco! Era como se estivesse embriagado ou a refazer-me de uma doença grave.
- Lady Westholme achou estranho o seu andar, quando passou por ela - observou Poirot, a acenar com a cabeça. - Foi por isso que compreendi que a sua mulher mentia quando afirmou ter-lhe dito depois de terem ambos regressado ao acampamento. Continue, Mister Boynton.
- Mal sabia o que fazia... mas quando me aproximei do acampamento o meu cérebro pareceu desanuviar-se. Compreendi, de súbito, que a culpa era exclusivamente minha. Portara-me como um verme! Devia ter desafiado a minha madrastra e saído de casa anos antes. Pensei que talvez ainda não fosse tarde de mais. Lá estava ela, o velho demónio, sentada como um ídolo obscuro, defronte dos penhascos vermelhos! Fui direito a ela, decidido a dizer-lhe o que pensava e a informá-la de que me ia embora. Não sei porquê, estava convencido de que poderia partir naquela mesma noite, de que poderia partir com Nadine e chegar a Maan ainda naquela noite...
- Oh, Lennox, meu querido!
- E depois, meu Deus!... Ela estava morta. Ali sentada, morta! Não soube que fazer, fiquei aparvalhado. Tudo quanto decidira gritar-lhe estava fechado dentro de mim, transformado em chumbo... não sei explicar... Tive a sensação de me transformar em pedra. Maquinalmente, peguei no relógio de pulso dela (estava caído no colo) e pus-lho no braço... naquele horrível e inerte braço morto... - Estremeceu. - Meu Deus, foi terrível! Depois desci, como embriagado, para a tenda grande. Suponho que devia ter chamado alguém... mas não pude. Deixei-me ficar sentado, a virar as páginas, à espera... - Fez uma pausa longa. - Não acredita, claro, não pode acreditar. Porque não chamei ninguém? Porque não disse a Nadine? Não sei.
O Dr. Gerard pigarreou e intrometeu-se:
- As suas declarações são perfeitamente plausíveis, Mister Boynton. Encontrava-se num grave estado de nervosismo e dois abalos fortes, sofridos um atrás do outro,

chegariam para o deixar como explicou. Chama-se a isso a reacção de Weissenhalter, mais bem exemplificada no caso de um pássaro que bate com a cabeça numa janela. Mesmo depois de se refazer do choque, evita instintivamente qualquer acção, a fim de dar aos centros nervosos o tempo necessário para se reajustarem. Não me exprimo muito bem em inglês, mas o que quero dizer é o seguinte: o senhor não podia ter procedido de outro modo. Uma acção decisiva, de qualquer espécie, ser-lhe-ia absolutamente impossível! Passou por um período de paralisia mental. - Voltou-se para Poirot e acrescentou: - Garanto-lhe, meu amigo, que é assim.

- Oh, não duvido! Por sinal, já reparara num pequeno pormenor: no facto de Mister Boynton ter repostado o relógio de pulso da mãe no seu lugar. Esse acto podia ter duas explicações: ou tratar-se de um disfarce do acto criminoso, ou ter sido observado e mal interpretado por Mistress Lennox Boynton. Ela regressou cinco minutos, apenas, depois do marido e deve, portanto, ter visto essa acção. Quando chegou junto da sogra e a encontrou morta, com a picada da injeção no pulso; podia naturalmente concluir que o marido a matara, que o anúncio do seu intento de o deixar produzira nele uma reacção diferente da que pretendia. Em resumo, Nadine Boynton podia ter-se convencido de que incitara o marido a cometer um assassinio. - Olhou para Nadine e perguntou-lhe: - Foi isso que sucedeu, madame?

Nadine baixou a cabeça e depois perguntou:

- Suspeitou realmente de mim, Monsieur Poirot?

- Pensei que era uma possibilidade, madame.

- E agora? Que aconteceu de facto, Monsieur Poirot?

XXIV

- Que aconteceu de facto? - repetiu Poirot, ao mesmo tempo que puxava uma cadeira e se sentava, agora com uma atitude amigável e cordial. - É uma pergunta com toda a razão de ser, não é? Não há dúvida de que a digitoxina foi roubada, de que a seringa desapareceu temporariamente e de que no pulso de Mistress Boynton havia a picada de um injeção. Dentro de poucos dias saberemos definitivamente, graças à autópsia, se Mistress Boynton morreu ou não em consequência de uma dose excessiva de Digitalis. Mas então talvez já seja tarde de mais. Seria melhor descobrir a verdade esta noite, enquanto o assassino está aqui, ao nosso alcance.

Nadine levantou vivamente a cabeça e perguntou:

- O quê, ainda acredita que um de nós...

Calou-se, ao ver Poirot acenar, lentamente, com a cabeça.

- A verdade, eis o que prometi ao coronel Carbury. Depois de desbravarmos o nosso caminho, voltamos ao princípio, a uma lista de factos e a duas grandes incoerências.

- E se nos dissesse quais elas são? - perguntou o coronel.

- É o que tenciono fazer - declarou Poirot, com dignidade. - Vejamos, mais uma vez, aqueles dois primeiros factos da minha lista: Mistress Boynton tomava um remédio com Digitalis e o doutor Gerard deu por falta de uma seringa. Confrontem estes dois factos com o facto inegável que me saltou imediatamente aos olhos: a família Boynton teve inequívocas reacções de culpa. Assim, pareceria lógico pensar que um dos Boynton cometera o crime. E, contudo, os dois primeiros factos que mencionei opõem-se a tal teoria. Utilizar uma solução concentrada de Digitalis seria, sem dúvida, uma

ideia inteligente, em virtude de Mistress Boynton já andar a tomar a droga. Mas que faria, depois de se apoderar do veneno, um dos membros da família? Ah, *ma foi!* Só havia uma coisa sensata a fazer: meter o veneno no frasco do remédio que ela tomava! Seria assim que procederia qualquer pessoa com um pouco de bom senso e com acesso ao remédio.

"Mais cedo ou mais tarde, Mistress Boynton tomaria uma dose do remédio e morreria, e mesmo que se descobrisse a digitoxina no frasco poder-se-ia atribuir o facto a um erro do farmacêutico. Nada se poderia provar. Porquê, então, o roubo da seringa?"

"Só pode haver duas explicações. Ou o doutor Gerard não viu a seringa e esta nunca foi roubada, ou a seringa foi roubada porque o assassino não tinha acesso ao remédio, isto é, o assassino não era um membro da família Boynton. Os dois factos apontados indicam, fortemente, que foi uma pessoa de fora quem cometeu o crime."

"Compreendi isso, mas senti-me intrigado com os sintomas de culpabilidade evidenciados pela família Boynton. Seria possível que, apesar desse ar culpado, os Boynton estivessem inocentes? Resolvi, por isso, provar não a culpa, mas a inocência da família. É nesse ponto que nos encontramos. O assassinio foi cometido por uma pessoa de fora, isto é, por alguém que não tinha suficiente intimidade com Mistress Boynton para entrar na caverna e mexer no frasco do seu remédio."

Fez uma pausa.

- Encontram-se nesta sala três pessoas que, tecnicamente, são estranhas à família, mas que estão, de modo definido, ligadas ao caso. Mister Cope, que consideraremos em primeiro lugar, estava estreitamente relacionado com a família havia algum tempo. Poderemos descobrir motivo e oportunidade da sua parte? Parece que não. A morte de Mistress Boynton foi-lhe prejudicial, pois dela resultou a frustração de certas esperanças por ele acalentadas. A não ser que o móbil de Mister Cope fosse um desejo quase fanático de beneficiar outras pessoas, não encontraremos qualquer razão para ele desejar a morte de Mistress Boynton. Só se existe um motivo acerca do qual nada sabemos...

- Parece-me que está a ir um pouco longe de mais, Monsieur Poirot - declarou Mr. Cope, muito digno. - Deve lembrar-se de que não tive oportunidade absolutamente nenhuma de cometer o crime... e, além disso, tenho opiniões muito vincadas acerca da santidade da vida humana.

- A sua posição parece, sem dúvida, impecável. - declarou Poirot, em tom muito grave. - Num romance policial, tornar-se-ia muito suspeito por isso. Chega, agora, a vez de Miss King. Ela tem certa dose de motivo, possui os conhecimentos médicos necessários e é uma pessoa de carácter forte e determinação, mas como saiu do acampamento antes das três e meia, com os outros, e só voltou às seis horas, parece difícil que tenha tido oportunidade.

"Falta considerar o doutor Gerard. Devemos ter em conta a hora em que o crime foi cometido. De acordo com as declarações de Mister Lennox Boynton, a sua mãe já estava morta às quatro horas e trinta e cinco. Segundo Lady Westholme e Miss Pierce, ainda estava viva às quatro horas e quinze, quando iniciaram o seu passeio. Ficam, portanto, vinte minutos exactos por explicar. Quando estas duas senhoras se afastavam do acampamento, o doutor Gerard cruzou-se com elas, ao regressar. Não há ninguém que possa dizer quais foram os movimentos do doutor Gerard quando chegou ao acampamento, pois as costas das duas senhoras estavam voltadas para ele. Elas

afastavam-se. Portanto, teria sido perfeitamente possível ao doutor Gerard cometer o crime. Como médico, saberia imitar os sintomas da malária. E nem falta um motivo possível: o doutor Gerard podia querer salvar certa pessoa cuja razão (talvez uma perda mais vital do que a da vida) estava em perigo e achar que, para isso, valia a pena sacrificar uma vida já condenada.

- As suas ideias são fantásticas! - exclamou o médico.

Poirot prosseguiu, sem fazer caso:

- Mas, se foi isso que sucedeu, porque chamou Gerard a atenção para a possibilidade de jogo sujo? É quase certo que, se não fossem as declarações por ele prestadas ao coronel Carbury, a morte de Mistress Boynton teria sido atribuída a causas naturais. Foi o doutor Gerard quem primeiro assinalou a possibilidade de ter havido assassinio. Isto, meus amigos, não faz sentido.

- Quanto a mim, pelo menos, não faz - resmungou o coronel. - Há ainda outra hipótese - continuou o detective. - Mistress Lennox Boynton negou com veemência a possibilidade de a sua cunhada mais nova ser culpada. A veemência da sua objecção baseava-se no facto de ela saber que a sogra estava morta mais cedo do que se supunha. Mas lembremo-nos de que Ginevra Boynton esteve toda a tarde no acampamento. Houve um momento, quando Lady Westholme e Miss Pierce se afastavam do acampamento e antes de o doutor Gerard regressar...

Ginevra estremeceu, inclinou-se para a frente, fitou Poirot e perguntou-lhe:

- Fui eu? Pensa que fui eu?

De súbito, num movimento de rápida e incomparável beleza, levantou-se da cadeira, atravessou o aposento, ajoelhou-se ao lado do doutor Gerard, agarrou-o e fitou-o apaixonadamente.

- Não! Não! Não os deixe dizer isso! Estão outra vez a erguer as paredes à minha volta! Não é verdade, eu não fiz nada! São meus inimigos, querem meter-me na prisão! Tem de me ajudar!

- Calma, minha filha, calma! - O médico dirigiu-se a Poirot e afirmou: - O que disse é um disparate, é absurdo.

- Mania da perseguição? - murmurou o detective.

- Sim... mas ela não o faria assim... procederia dramaticamente. Um punhal, qualquer coisa espectacular, mas nunca esta calma fria e lógica. Garanto-lhes que tenho razão, meus amigos. Este crime foi pensado, foi um crime de uma mente na plena posse das suas faculdades.

Poirot sorriu e inclinou inesperadamente a cabeça.

- Concordo inteiramente consigo - declarou, suavemente.

XXV

- Ainda temos um certo caminho a percorrer. - prosseguiu Poirot. - Já que o doutor Gerard invocou a psicologia, estudemos o lado psicológico do caso. Examinámos os factos, estabelecemos uma seqüência cronológica dos acontecimentos, ouvimos os vários depoimentos. Resta a psicologia. E a prova psicológica mais importante diz precisamente respeito à vítima, à psicologia de Mistress Boynton.

"Vejam, na minha lista de factos específicos, os pontos três e quatro: Mistress Boynton sentia grande prazer em impedir a família de se divertir com as outras pessoas e na tarde em questão, Mistress Boynton encorajou a família a ir passear e deixá-la

sozinha. Estes dois factos contradizem-se flagrantemente! Por que motivo, naquela tarde, Mistress Boynton mudaria por completo de tática? Teria sentido uma ternura súbita, um inesperado desejo de benevolência? A julgar por tudo quanto ouvi, isso parece-me muito pouco provável. No entanto, deve ter havido uma razão. Qual terá sido?”

"Examinemos com minúcia o carácter de Mistress Boynton. São muitas as descrições que temos dela: era uma velha tirana; era uma sádica mental; era a maldade em pessoa; era louca. Qual destas opiniões é a verdadeira? Pessoalmente, creio que Sarah King se aproximou mais da verdade quando, num momento de inspiração, em Jerusalém, viu a velha como um ser intensamente patético. Mas não só patético: fútil, também."

"Tentemos colocar-nos no estado mental de Mistress Boynton. Um ser humano nascido com imensa ambição, com um desejo incontido de dominar e de impor a sua personalidade aos outros. Não sublimou essa fome intensa de poder nem tentou dominá-la. Não, senhoras e senhores! Alimentou-a! Mas no fim, ouçam bem, no fim, a que se resumia tudo? Não era uma grande força, não era receada e odiada numa grande área! Era a miserável tirana de uma família isolada! E, como o doutor Gerard me disse, aborreceu-se, como qualquer outra velha, com o seu passatempo e procurou alargar as suas actividades e divertir-se, tornando para isso o seu domínio mais precário! Mas esse procedimento desvendou-lhe um aspecto inteiramente diferente. No estrangeiro compreendeu pela primeira vez como era insignificante."

"E agora chegamos ao ponto número dez, às palavras que disse a Sarah King em Jerusalém. Sarah King pusera o dedo na ferida, compreendem? Revelara totalmente, sem subterfúgios, a triste futilidade do plano de existência de Mistress Boynton. E agora escutem todos com atenção quais foram as exactas palavras ditas por ela a Miss King. Esta disse que Mistress Boynton falou "com tanta malevolência, sem olhar sequer para mim". E o que a velha senhora disse foi: Nunca esqueci nada, nem uma acção, nem um nome, nem uma cara."

"Estas palavras impressionaram muito Miss King, sobretudo pela sua intensidade e pelo tom em que foram proferidas. Foi tão grande a impressão que causaram no seu espírito que, parece-me, ela nem compreendeu o seu extraordinário significado. Mas, *mes amis*, não compreendem que tais palavras não eram uma resposta razoável ao que Miss King dissera? Nunca esqueci nada, nem uma acção, nem um nome, nem uma cara. Não faz sentido! Se ela tivesse dito "nunca esqueço a impertinência"... Mas não, ela disse que nunca esquecia uma cara..."

"Ah, mas salta aos olhos! Aquelas palavras, ostensivamente ditas a Miss King, não se destinavam a Miss King! Destinavam-se a alguém que estava atrás dela."

Calou-se, a observar a expressão dos ouvintes.

- Sim, aquele foi um momento psicológico na vida de Mistress Boynton! Uma jovem inteligente mostrara-lhe como ela era! Estava cheia de fúria, de perplexidade... e nesse momento reconheceu alguém, reconheceu um rosto do passado!

"Voltamos, como vêem, à pessoa de fora. E agora torna-se evidente o significado da inesperada amabilidade de Mistress Boynton na tarde da sua morte. Queria ver-se livre da família porque, para usar uma expressão vulgar, tinha outro peixe na rede! Queria ficar com o campo livre para uma entrevista com uma nova vítima... Consideremos agora, deste novo ponto de vista, os acontecimentos daquela tarde. A família Boynton partiu e Mistress Boynton ficou sentada à entrada da sua caverna.

Observemos com atenção os depoimentos de Lady Westholme e de Miss Pierce. A última é uma testemunha pouco digna de crédito, muito sugestionável e desprovida de poder de observação. Lady Westholme, pelo contrário, tem perfeito conhecimento dos factos e é meticulosamente observadora. Ambas as senhoras estão de acordo num pormenor: um árabe, um dos criados, acercou-se de Mistress Boynton, irritou-a e retirou-se apressadamente. Lady Westholme afirma peremptoriamente que o criado esteve primeiro na tenda ocupada por Ginevra Boynton, mas lembremo-nos de que a tenda do doutor Gerard era contígua à da jovem. É possível que tenha sido na deste último que o árabe entrou”.

- Pretende dizer-me que um dos beduínos assassinou uma velha com uma injeção? - perguntou o coronel Carbury. - Fantástico!

- Um momento, coronel; ainda não acabei. Admitamos que o árabe podia ter saído da tenda do doutor Gerard e não da de Ginevra Boynton. Que se segue? Ambas as senhoras declaram que não puderam ver a cara do homem com clareza suficiente para o identificar e que não ouviram o que ele disse. É compreensível, aliás, pois a distância entre a tenda grande e a plataforma rochosa era de cerca de cento e oitenta metros. Lady Westholme descreveu, no entanto, o indivíduo muito pormenorizadamente, indo até ao pormenor dos calções remendados e rotos e do seu desleixo geral.

Poirot inclinou-se para a frente e prosseguiu:

- E isso, meus amigos, foi muito estranho! Pois se ela não lhe pôde ver a cara nem ouvir o que se disse, possivelmente também não poderia reparar no estado dos seus calções e das suas grevas! A cerca de cento e oitenta metros de distância?! Foi um erro, um erro que me sugeriu uma ideia curiosa. Porque insistiu ela tanto nos calções rotos e nas grevas mal enroladas? Seria porque os calções não estavam rotos e as grevas não existiam? Lady Westholme e Miss Pierce viram ambas o homem, mas donde estavam não se podiam ver uma à outra. Demonstra-o o facto de Lady Westholme ter ido ver se Miss Pierce estava acordada e havê-la encontrado sentada à entrada da tenda.

- Meu Deus - exclamou, de súbito, o coronel, e sentou-se muito direito. - Está a insinuar...

- Estou a insinuar que, depois de verificar o que Miss Pierce (a única testemunha susceptível de estar acordada) estava a fazer, Lady Westholme regressou à sua tenda, vestiu uns calções de montar, calçou umas botas, enfiou um casaco cor de caqui e improvisou um toucado árabe com o pano do pó e um novelo de lã. Depois, assim disfarçada, foi ousadamente à tenda do doutor Gerard, escolheu uma droga adequada no seu estojo de remédios, apoderou-se da seringa, encheu-a com o veneno e dirigiu-se com igual ousadia à sua vítima.

Mistress Boynton talvez estivesse a dormir. Lady Westholme foi rápida. Agarrou-lhe no pulso e injectou-lhe a droga. Mistress Boynton deu um grito, tentou levantar-se e voltou a cair na cadeira. O “árabe” afastou-se apressadamente, com todos os indícios de se sentir envergonhado. Mistress Boynton agitou a bengala, tentou de novo levantar-se e caiu para sempre.

“Cinco minutos depois, Lady Westholme foi ter com Miss Pierce e falou-lhe da cena que acabara de observar, tendo o cuidado de apresentar à outra a sua versão. Depois foram passear, pararam sob a plataforma e Lady Westholme disse qualquer coisa à velhota. Não recebeu resposta, pois Mistress Boynton estava morta, mas disse a Miss Pierce: “Que grosseria, rosnar-nos apenas daquela maneira!” Miss Pierce

aceitou a sugestão, tanto mais que já ouvira várias vezes Mistress Boynton responder com um rosnido a qualquer observação. Se for preciso, jurará com toda a sinceridade que ouviu. Lady Westholme tem presidido tantas vezes a comissões em que participam mulheres do tipo de Miss Pierce que sabe perfeitamente como a sua eminência e personalidade forte as pode influenciar. O único ponto onde os seus planos se desviaram do caminho traçado foi na reposição da seringa. O regresso inesperado do doutor Gerard transtornou-lhe os planos, mas ela esperou que a ausência da seringa não tivesse sido notada e repô-la no seu lugar, durante a noite.

- Mas por quê? - perguntou Sarah. - Por que queria Lady Westholme matar Mistress Boynton?

- Não me disse que Lady Westholme estava perto de si quando, em Jerusalém, falou com Mistress Boynton? Pois era a Lady Westholme que as palavras de Mistress Boynton se destinavam: "Nunca esqueci nada, nem uma acção, nem um nome, nem uma cara". Junte isso ao facto de Mistress Boynton ter sido carcereira de uma prisão e terá uma ideia muito aproximada da verdade. Lorde Westholme conheceu a mulher numa viagem de regresso da América. Antes de casar, Lady Westholme fora uma criminosa e cumpria uma pena de cadeia.

"Compreende o terrível dilema em que ela se encontrou? A sua carreira, as suas ambições, a sua posição social, tudo isso estava em jogo! Ainda não sabemos a natureza do crime pelo qual esteve presa (embora em breve saibamos), mas deve ter sido qualquer coisa capaz de lhe destruir por completo a carreira política, se se tornasse público. E lembrem-se do seguinte: Mistress Boynton não era uma vulgar chantagista. Ela não queria dinheiro; queria o prazer de torturar a sua vítima durante algum tempo e, depois, o gozo supremo de revelar a verdade do modo mais espectacular possível! Não, enquanto Mistress Boynton vivesse, Lady Westholme não estaria em segurança. Obedeceu às instruções de Mistress Boynton para se encontrar com ela em Petra (sempre me pareceu estranho que uma mulher com um sentido tão apurado da sua importância, como Lady Westholme, preferisse viajar como simples turista), mas mentalmente pensava na maneira de a assassinar. Viu a sua oportunidade e aproveitou-a sem hesitar. Só cometeu dois deslizos: falou de mais, ao descrever os calções rotos, e foi isso que primeiro chamou a minha atenção para ela, e confundiu a tenda do doutor Gerard com a de Ginevra, pois primeiro espreitou na desta. Daí a história da jovem, meio verdadeira, meio fantasiosa, de um xeque disfarçado. Ginevra obedeceu ao seu instinto de deformar a verdade para a tornar mais dramática, mas a indicação que me deu bastou-me."

Fez uma pausa prolongada, antes de acrescentar:

- Em breve saberemos tudo, pois hoje obtive as impressões digitais de Lady Westholme sem ela dar por isso. Se as mandarmos para a prisão onde Mistress Boynton foi carcereira, saberemos a verdade.

Um estampido forte quebrou o momentâneo silêncio.

- Que foi isto? - perguntou o doutor Gerard.

- Parece-me um tiro - disse o coronel Carbury, ao mesmo tempo que se levantava, muito depressa. - No quarto ao lado... A propósito, quem está no quarto ao lado?

Poirot murmurou:

- Tenho a impressão de que é Lady Westholme...

XXVI

Excerto do Evening Shout:

Lamentamos anunciar a morte de Lady Westholme, M. P., em consequência de um trágico acidente. Lady Westholme, que gostava de viajar por países longínquos, levava sempre consigo um pequeno revólver. Estava a limpá-lo quando a arma se disparou acidentalmente e a matou.

A morte foi instantânea. Apresentamos as maiores condolências a Lorde Westholme, etc., etc.

Numa noite de Junho, cinco anos depois, Sarah Boynton e o marido estavam sentados num teatro londrino, a ver representar o Hamlet. Sarah apertou o braço de Raymond.

Aquela voz suave, dramática, sempre bela em tonalidade, mas agora disciplinada e modulada para se transformar num instrumento perfeito! Sarah exclamou, com firmeza, quando o pano desceu, no fim do primeiro acto:

- Jinny é uma grande actriz!

Mais tarde, foram cear ao Savoy. Ginevra, sorridente e distante, voltou-se para o homem de barba, sentado a seu lado:

- Fui bem, não fui, Theodore?

- Foste maravilhosa, *chérie*.

Um sorriso feliz entreabriu os lábios da jovem, que murmurou:

- Acreditou sempre em mim... soube sempre que seria capaz de fazer grandes coisas, de arrebatat multidões...

Nadine, que estava sentada defronte de Ginevra, exclamou por sua vez:

- É emocionante estar aqui em Londres, com a Jinny a representar o papel de Ofélia e a ser famosa!

- Foram muito amáveis em vir - redarguiu a jovem, docemente.

- Uma autêntica reunião de família! – comentou Nadine, a sorrir e a olhar à sua volta. - Lennox, não achas que os pequenos podiam ir à matinée? Já têm idade suficiente e estão tão interessados em ver a tia Jinny no palco!

Lennox - um Lennox saudável, feliz e de olhar sorridente -, ergueu a taça e brindou:

Aos recém-casados, Mister e Mistress Cope!

Jefferson Cope e Carol agradeceram o brinde.

- O galã infiel! - exclamou Carol, a brincar. - Jeff, devias brindar ao teu primeiro amor, que está sentado à tua frente.

- Jeff corou! - exclamou Raymond, alegremente. - Não gosta que lhe recordem os velhos tempos. - E o seu próprio rosto se ensombrou.

Sarah tocou-lhe na mão e as nuvens dissiparam-se.

- Parece que foi tudo um pesadelo, um sonho mau - murmurou ele, a sorrir.

Um homem baixo parou junto da mesa. Hercule Poirot, impecavelmente vestido, como sempre, e com o bigode muito torcido, fez uma vénia cortês e majestosa.

- *Mademoiselle, mes homenages!* - disse a Ginevra. - Foi soberba. Cumprimentaram-no todos afectuosamente e arranjaram-lhe lugar ao lado de Sarah. O detective sorriu-lhes e, quando estavam todos entretidos a conversar, inclinou-se um pouco e perguntou a Sarah:

- Eh *bien*, parece que tudo corre bem, agora, com a família Boynton?
- Graças a si!
- Seu marido está a tornar-se muito famoso. Li hoje uma excelente crítica ao seu último livro.
- É, de facto, muito bom... embora eu seja suspeita. Sabia que Carol e Jefferson acabaram por casar? E Lennox e Nadine têm dois garotos encantadores. Quanto à Jinny... bem, acho que é um génio.
- Olhou, através da mesa, para o rosto encantador e para os maravilhosos cabelos vermelhos-dourados da cunhada e, de súbito, estremeceu. Por momentos, o seu rosto tornou-se grave. Levantou a taça, devagar.
- Vai fazer um brinde, madame?
- Pensei, de súbito, nela. Ao olhar para Jinny vi, pela primeira vez, a... a semelhança. É a mesma coisa, com a diferença de que Jinny é luz e ela era negrume.
- Do outro lado da mesa, Jinny disse, inesperadamente:
- Pobre mãe, ela era estranha... Agora que somos todos tão felizes sinto certa pena dela. Não obtive o que queria da vida. Deve ter sido duro...
